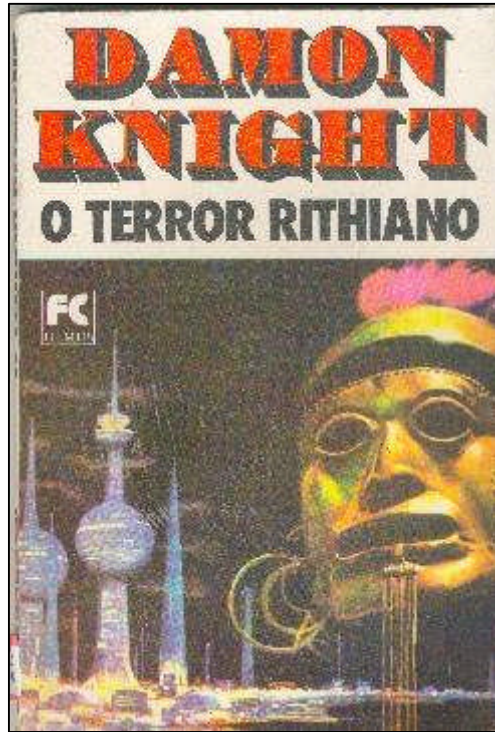


DAMON KNIGHT



O TERROR RITHIANO

Tradução
Agatha M. Auersperg

Digitalização e revisão
Argonauta, o “tampa de crush”



CAPÍTULO 1

Um monstro estava à solta, escondido num ponto qualquer da cidade. Thorne Spangler, apoiado no encosto macio da limousine, deixou que sua mente se concentrasse no assunto, com a satisfação de uma criança comendo um pedaço de doce. Imaginou o monstro a caminhar numa rua iluminada, ou sentado em algum quarto de hotel barato, com os tentáculos enrolados debaixo do invólucro que o fazia parecer um homem — ou uma mulher — esperando. Em sua volta, a vida da cidade continuava despreocupada: — *Alô, Jeff! Você já ouviu? Estão parando todos os carros. Deve ser por causa de um espião... Minha irmã quis tomar um avião para sair de Tucson, mas não permitiram que embarcasse... Meu primo que trabalha no espaçoporto me disse que nada pode entrar ou sair, só espaçonaves militares. Deve ser um caso importante.*

O monstro, alerta, ouvia tudo e percebia que a rede estava se apertando em sua volta.

Spangler achou que a tensão estava aumentando: pairava no ar, nas ruas estranhamente vazias. Era até possível ouvi-la: o silêncio começava a sobrepujar o costumeiro zunido de colmeia — um silêncio em passo de espera, que convidava a parar e a segurar o fôlego.

Spangler observou Pembun, sentado tranqüilo ao seu lado. Será que ele está percebendo? — pensou. Afirmá-lo seria impossível: ninguém conseguia adivinhar os pensamentos de um colonial. Achou que provavelmente desejava estar em seu próprio planeta atrasado, longe de todas estas confusões do Universo.

Para Spangler, o acontecimento representava o ponto alto de sua vida. O monstro — que era um Rithiano — era apenas o catalisador, como uma pedra lançada à superfície tranqüila da água. O fato mais importante era que naquele momento e pelo tempo necessário à operação, todo o imenso mecanismo do Império Terrestre revolvia em volta de uma minúscula esfera: o Departamento de Segurança Terrestre, Distrito Norte-Americano, Setor Sudoeste. Durante este breve período um único homem, Spangler, era mais importante que qualquer outro dentro da Administração do Império.

O carro desacelerou e parou. Dois homens fardados, com as calças

cinza-pérola da patrulha urbana, estavam barrando o caminho com as armas automáticas apontadas. Atrás deles, o vulto achatado de uma Unidade de tiro tomava a metade do leito da rua.

Outros dois patrulheiros se aproximaram, abriram as quatro portas e arredaram até uma posição de fogo cruzado. — Todo mundo para fora — falou o patrulheiro com os galões de sargento. — Revista de segurança. Depressa!

Quando Spangler passou em sua frente, o sargento colocou a mão no peito: — Boa-noite, Comissário.

— Sargento — respondeu Spangler com voz tranqüila, sem se dar ao trabalho de olhar diretamente para o militar. Ao mesmo tempo, levou Pembun e o motorista para o fim da fila.

Enquanto a fila avançava, Spangler se virou e viu que Pembun esticava o pescoço pela curiosidade. — Aquilo é um fluoroscópio estereóptico — explicou Spangler com ar de superioridade. — Os Rithianos não podem se submeter a um teste deste tipo, mesmo que seu disfarce humano seja perfeito. Temos uma dessas estações no cruzamento de cada décima avenida e cada quinta rua transversal. Se o Rithiano passar por um fluoroscópio será logo reconhecido. Se ele não passar, vamos encontrá-lo durante as revistas domiciliares. Não poderá escapar.

Spangler se colocou entre a tela e os dois projetores bulbosos e observou na tela a imagem tridimensional de seu próprio esqueleto. A mancha quadrada no pulso esquerdo e a outra mancha menor correspondiam ao seu comunicador e seu relógio de polegar. As outras manchas de formas diversas, mais embaixo, eram objetos metálicos no bolso de seu cinto — projetores de chaves, calculador, memocubos e coisas assim.

O técnico que se encontrava acima dos projetores, falou: — Vire-se. Certo. O próximo.

Spangler esperou por Pembun, parado ao lado do carro. O rosto largo do homem baixinho, com seu nariz achatado, mostrava surpresa, um certo interesse e mais alguma coisa que Spangler não chegou a definir.

— Como foi que o senhor conseguiu juntar tantos fluoroscópios portáteis em tão pouco tempo? — perguntou com seu sotaque caipira.

— Não é milagre, sr, Pembun, somente o resultado de cuidadosos

preparativos. Estes fluoroscópios foram armazenados em 2018 e guardados até agora, em vista de uma emergência como a atual.

— Quinhentos anos! — exclamou Pembun, admirado. — Puxa! E esta é a primeira vez que vocês tiveram que usá-los?

— A primeira vez — confirmou Spangler e acenou para que Pembun subisse na limousine. Depois de entrar também, continuou: — Bastou uma meia hora para estabelecer uma rede completa. Os planos pormenorizados de toda a operação também estavam guardados como os fluoroscópios. Só precisei mandar buscá-los no arquivo.

O carro passou pelo posto de bloco.

— Que coisa! — voltou a murmurar Pembun. — Tenho a impressão de ser uma espécie de nariz sobressalente. — Na semi-escuridão seus olhos brilharam.

— Como foi que disse? - perguntou Spangler.

— Quero dizer — explicou Pembun — que acho que o senhor está realmente precisando de mim.

Spangler pensou que aquele sotaque grosseiro acabaria por irritá-lo. Afinal, aquele homem recebera uma educação terrestre; por que não falava de maneira civilizada?

— Acredito que suas opiniões poderão trazer um benefício incalculável, senhor Pembun — disse em tom diplomático... — Afinal, não temos ninguém aqui que já... teve algum contato amistoso com os Rithianos.

— Pois é, eu quase esqueci — concordou Pembun. — Estamos tão acostumados com os Rithi que a gente quase não se lembra que a Terra nunca travou relações comerciais com aquele povo. — Pronunciou "Rithi" de maneira esquisita, com um som fricativo entre o *z* e o *s*, e a última vogal acentuada. Spangler imaginou que esta forma era mais fácil que "Rithiano", o termo usado em Inglês Padronizado

Provavelmente Pembun falava o idioma rithiano com a mesma facilidade que o inglês.

Spangler tentou imaginar como ele próprio viveria no mundo de Pembun, no meio de uma ralé que descendia de meia dúzia de grupos diferentes, abaixo do padrão, emigrados da Terra há seis séculos.

Haitianos, Africanos ocidentais francofones, Jamaicanos, Portorriquenhos. Gente de pouca instrução, de olhar embrutecido, mulherengos, preguiçosos, beberões e briguentos, que falava um idioma inacreditável, resultado da corrupção de inglês, francês e castelhano vernacular. Eram mesmo coloniais — não de nome, mas de fato.

— Não poderíamos comerciar com os Rithianos, sr. Pembun — respondeu finalmente, em voz baixa. — Eles não são humanos.

— Pois é, Comissário, eu me lembrei — falou o homenzinho com humildade. — Estava distraído. Aprendi isto na escola. A Terra está seguindo a mesma política com as culturas não-humanas há quinhentos anos. As culturas que ainda não alcançaram a fase das espaçonaves são vigiadas, para que nunca a alcancem. As que já a alcançaram, mas são fracas, são alvos de uma rápida guerra preventiva. Mas os povos que são muito fortes, como os Rithi — merecem táticas dilatórias, subversão, sabotagem, desordens internas. E depois, a guerra. — Soltou uma gargalhada. — Pensar nestas coisas chega a me dar dor de cabeça.

— Esta política — exclamou Spangler — superou os testes mais importantes. A Terra sobrevive.

— Sim, senhor — concordou Pembun, em tom fátuo. — Claro que sim.

Minha lealdade me obriga a fazer coisas mais esquisitas em prol do Império, pensou Spangler, entre irritado e divertido.

Com a ponta do indicador tocou a base do relógio quadrado e enfeitado de pedrarias em seu polegar. Um carrilhão tocou suavemente e uma voz feminina anunciou: — Quatorze e dez e um quarto.

Spangler hesitou: não era a melhor hora para chamar Joanna. Em sua seção, o intervalo pomeridiano começava às quatorze e trinta, mas se esperasse até lá, já estaria na Colina, em plena reunião, e a reunião provavelmente só terminaria no fim do expediente. Também era desagradável ter que falar na presença de Pembun, mas não havia outro remédio. Não tivera a possibilidade de chamá-la mais cedo — a chegada de Pembun interferira com suas ocupações habituais — e enquanto ia até o espaçoporto, seu superior, Keith-Ingram, o chamara pelo telefone, mantendo uma conversa inútil durante todo o trajeto.

Não falava com Joanna há três dias e evitara chamá-la de propósito.

A confusão por causa dos Rithianos era apenas um pretexto conveniente. Era uma boa estratégia. Spangler porém conhecia sua antagonista, conhecia os limites de sua curiosidade e seu orgulho. Demorar mais poderia ser perigoso.

Estendeu a mão em direção das teclas do comunicador, na parede divisória. O fone de pulso seria mais privativo e mais fácil, mas queria conversar vendo seu rosto.

— Você não se importa? — perguntou por uma questão de cortesia.

— À vontade. — O homenzinho virou-se para a janela, dando as costas a Spangler e à tela do comunicador.

Spangler bateu os algarismos. A tela se iluminou mostrando o rosto de Joanna.

— Oh — Thorne.

O tom era tranqüilo, um pouco frio, quase sem expressão — quer dizer, era o seu normal. Mirava-o da tela com a expressão que quase nunca mudava: aberta, séria e atenta. Sua pele e seus olhos eram tão transparentes, sua reação emocional era tão controlada e mínima, que parecia quase abstrata: a personificação de um tipo, um símbolo, uma ficção matemática. Nela, tudo era discreto, sofisticado: os gestos, os movimentos e até seu raro sorriso. Era um rosto que parecia modelado para representar aquilo que a média das pessoas imaginava ser "aristocrático".

Logicamente, era este motivo que levava Spangler a desejá-la.

Por um lado ela era o que parecia — os Planter eram uma das mais antigas, mais poderosas e mais aristocráticas famílias do Império. Spangler sabia perfeitamente que sem um apoio deste tipo, sua carreira não progrediria, pois tinha conseguido o máximo, e não teria chegado onde se encontrava se fosse um homem menos ambicioso e menos decidido. Entretanto, com aquela moça ao seu lado, sua carreira poderia ter mais possibilidades — e seus filhos poderiam desfrutar dos privilégios por ele tão duramente adquiridos, por simples direito congênito.

Joanna era uma decepção em quase todos os outros pontos de vista. Parecia fria e controlada, mas era apenas uma impressão: ela estava apenas assustada. O medo que a dominava a fazia hesitar, e censurava todas as palavras: temia se revelar, temia pedir demais e temia se entregar em demasia.

Spangler deixou que o silêncio se prolongasse, mas sem que parecesse proposital. Finalmente falou: — Não estou incomodando?

— ... Não. Claro que não.. — A hesitação foi um pouco maior que o normal.

Ela está ressentida, pensou Spangler, satisfeito.

— Não tive a possibilidade de chamá-la antes de agora — disse. — Este é o primeiro minuto livre que encontrei em três dias.

Era uma mentira e ela o sabia, mas era uma mentira tão próxima da verdade, que poderia aceitá-la, se quisesse, sem nenhuma perda de dignidade. Spangler propositalmente tinha se arriscado, sabendo que ao agir desta forma poderia levar o relacionamento a uma situação crítica.

Poderia ele ter escolhido outra maneira? Apesar de sua ansiedade, Spangler voltou a analisar seu raciocínio, procurando por eventuais erros.

Nada de pedidos diretos. Pedira-a em casamento pela primeira vez uma semana depois que se tornaram amantes. Ela recusara sem qualquer hesitação, e não era por se fazer de rogada: não queria mesmo.

Nada de dialéticas. Joanna possuía uma mente afiada e capaz, mas também era extremamente teimosa. Não adianta argumentar quando uma mulher se entrincheira atrás da frase: — Simplesmente, não quero.

Nada de atitudes violentas. Há quatro dias fizera uma tentativa; ao terminar um fim-de-semana esticado nos Carpatos, experimentara ser brutal — não fora uma reação impulsiva, mas uma ação calculada, que conseguiu o resultado previsto: ela chegou a chorar.

A seguir, um pedido de desculpas e uma reconciliação. E depois, o silêncio. Três dias de silêncio. O silêncio machuca mais que uma bofetada, fere mais profundamente.

Joanna, durante toda sua vida, se retraía de coisas que machucavam.

Spangler porém tinha três coisas em seu favor: Joanna o amava e precisava dele; a mais, a normal perversidade humana que leva a desejar algo que recusamos, logo que vemos que não podemos mais obtê-lo, e finalmente a interrupção do ritmo. O ritmo, apesar de ser algo desejável em algumas situações nas relações entre os dois sexos, pode ser fatal em outras. O pedido, as discussões, a violência... Se Spangler tivesse recomeçado do começo, como ambos esperavam subconscientemente, teria

perdido a parada.

Desta forma, enfraquecera sua resistência, obrigando-a a se preparar a um ataque que não veio...

Joanna respondeu: — Compreendo. Você parece cansado, Thorne. Você está se sentindo bem?

A resposta foi abrupta. — Joanna, quero vê-la logo. Hoje à noite. Está bem?

Até aquele momento tinha usado um tom indiferente, como ela, e percebido a mudança de sua expressão, que significava que ela estava amolecendo. Mas o pedido teve o efeito de torná-la rígida. Não posso lhe dar uma folga, pensou Spangler, não posso deixar que ela recupere o equilíbrio... Voltou a falar em voz baixa. — Poderá ser a última vez, se você decidir assim. Mas vamos nos ver hoje à noite.

— ...Está bem.

— Você quer que lhe mande um carro?

Ela assentiu e a imagem desapareceu. Spangler suspirou e se deixou cair contra o encosto.

— Puxa — disse Pembun — olhe só quantos prédios altos!

Tiveram que parar mais duas vezes antes de chegar à Colina da Administração, e passaram por uma revista de rotina antes de poderem entrar. Levaram menos de um minuto da entrada até a Seção da Segurança. O motorista de Spangler parou o carro ao lado da porta de seu escritório e depois levou a limousine para a garagem, três níveis mais embaixo.

No meio do grupo que estava esperando em volta da mesa de reuniões, Pembun parecia um vira-lata que tivesse, por acaso, entrado no canil de animais de raça pura. Sua pele era amarelada, suas maxilas eram mais largas que o resto do crânio e suas enormes orelhas saíam da cabeça em linha reta. Vestia túnica e pantalonas de bom corte, mas mesmo assim sua aparência era deselegante.

Spangler refletiu que, afinal, o homem não tinha culpa e não poderia ter uma aparência diferente.

— Senhores — falou — quero lhes apresentar o senhor Jawj Pembun, de Manhaven. O senhor Pembun integrou o governo colonial de seu planeta antes que este conseguisse sua independência, e a partir daquele momento começou a trabalhar a serviço do Império. Este é o coronel Cassina, nosso elemento de ligação com a Marinha Espacial — seu novo ajudante, o capitão Wei, — o dr. Baustian, do Serviço de Fisiologia Alienígena — o senhor Pemberton, assessor do Prefeito — a senhorita Timoney e o senhor Gordon, deste escritório.

Pembun apertou a mão de todos sem se mostrar muito impressionado. Ao cumprimentar o assessor do prefeito, falou amavelmente: — Sabe, o sobrenome de minha família era, originalmente, Pemberton. Aos poucos, ficou reduzido a Pembun. Não é uma coincidência?

Pemberton, um rapaz de constituição frágil, com os olhos e cabelos claros, ficou chocado.

— Duvido que exista qualquer parentesco — falou, ríspido.

Spangler apanhou um memocassete que se encontrava em sua mesa e deu uma batida seca no tampo. — O senhor Pembun foi trazido de Ganimedes — explicou com delicadeza — por sugestão do Departamento de Relações Exteriores, para nos ajudar nesta emergência. Tomei todas as providências para que pudesse atravessar o cordão de isolamento e fui buscá-lo pessoalmente no espaçoporto. — Ao mesmo tempo pensou, senhores, este homenzinho absurdo está aqui por ordens superiores e vamos ter que agüentá-lo de qualquer jeito.

— Imagino — continuou em voz alta — que o senhor Pembun queira saber em que pé se encontram as coisas, antes que possamos continuar. — A este ponto o coronel Cassina bufou, mas Spangler preferiu ignorá-lo. Fez um rápido relato dos acontecimentos, salientando os pontos principais e Pembun interrompeu uma única vez para fazer uma pergunta.

— Você tem certeza que os Rithi eram apenas sete?

— Não, não temos uma certeza absoluta — confirmou Spangler. — Ainda não sabemos como conseguiram se infiltrar na Terra e quem os ajudou na façanha; por conseguinte, precisamos considerar a possibilidade de haver outros à solta, que ninguém conseguiu individuar. Para conseguirmos uma certeza, a Segurança está patrulhando todo o planeta, aplicando o sistema de testes feitos a esmo. Entretanto, sabemos que estes

sete estavam na Terra e que um deles conseguiu escapar. Quando o encontrarmos, espero extrair dele todas as informações necessárias. Pelo que sei, os Tithianos acham a idéia do suicídio algo repugnante.

— Certo — confirmou Pembun, sério. — Acho que poderá apanhá-lo vivo. Suponho também que poderia ter apanhado os sete também, se seus patrulheiros não tivessem logo apertado o gatilho.

— Tratava-se de patrulheiros urbanos — interferiu Pemberton em tom azedo e corando. — Quando chegaram ao local do acidente e viram três homens que tentavam ajudar outros quatro gravemente feridos e cujos corpos rasgados deixavam entrever formas alienígenas debaixo de um invólucro humano, abriram fogo sem esperar qualquer outra coisa. Estavam acatando ordens recebidas: foram treinados para agir desta maneira. Teriam agido conforme as instruções mesmo que um dos Rithianos não tivesse conseguido fugir, misturando-se à multidão.

Pembun sacudiu a cabeça e sorriu. — Eu não aprecio muito os paradoxos — falou. — Eles me deixam confuso.

— Não existe paradoxo nenhum — observou Spangler, educado. — Um pelotão da Segurança, devidamente equipado, pode correr riscos que uma patrulha urbana está proibida de enfrentar, em se tratando de forças desconhecidas. Um patrulheiro urbano, ao descobrir um alienígena, deve matar primeiro e investigar em seguida — porque estimamos que um espião ou sabotador alienígena possui um potencial desconhecido. Somos obrigados a planejar com uma antecedência de séculos e por conseguinte não podemos prever todas as variantes possíveis de uma situação básica. Entretanto, podemos e precisamos estabelecer diretrizes que servirão na grande maioria dos casos. Sobretudo, não podemos permitir que o pessoal não-executivo tenha liberdade de decidir a atitude a ser tomada em casos específicos.

O Coronel Cassina pigarreou. — Podemos continuar?

— Um minuto. Senhor Pembun, quero esclarecer este ponto. A interpretação enfraquece a lei. Uma interpretação já modifica a lei; duas interpretações levam a uma distorção — trezentos milhões de interpretações significam que já não há mais lei nenhuma, mas que reina a anarquia. Quando o sistema é limitado — por exemplo, num único planeta — só existem poucos estágios intermediários entre o planejamento e a execução. Entretanto, se você for considerar que estamos lidando com um

império de duzentos e sessenta planetas, e que isto significa uma população de mais de oitocentos bilhões de pessoas, você terá que concordar que as diretrizes devem ser rígidas e a política monolítica. Em caso de emergência, um agente dos baixos escalões, atuando segundo sua própria interpretação pessoal, pode estar certo ou errado. O mesmo agente que seguir as diretrizes ao pé da letra, mesmo se defrontando com uma grande variedade de situações, estará 99% certo. Precisamos planejar a longo prazo e não podemos agir de maneira diferente.

Pembun assentiu gravemente. Disse: — Tivemos uma situação muito parecida em casa — naturalmente em escala muito menor. Logo após nossa declaração de independência, formamos uma federação com dois outros planetas de nosso sistema, Novaya Zemlya e Reunion. Parecia uma ótima idéia — sabe, ajuda mútua em caso de ataque e assim por diante. Entretanto, descobrimos que para manter aquele governo vasto e importante era necessário aplicar muito mais rigor, e a mais, parecia muito mais caro do que ter três governos separados. Daí, nos separamos de novo.

Spangler manteve-se impassível à custa de um esforço enorme. A nuca do coronel Cassina virou cor-de-tijolo. O dr. Baustian, o capitão Wei e a senhorita Timoney observaram Pembun de olhos esbugalhados. Os outros pareciam sem jeito.

Era um desperdício dedicar qualquer consideração a um bárbaro deste tipo. Quando alguém tentava explicar a filosofia que inspirava as atitudes e funcionamento do maior império conhecido, e logo Pembun apresentava uma analogia ridícula, extraída da história de seu negligente sistema solar!

Spangler observou Pembun, abaixando as pálpebras. Era possível que Pembun fosse realmente um simplório, ou estava de fato rindo deles atrás da máscara amarela daquele rosto?

Já dissera algumas coisas que só poderiam ser explicadas como o cúmulo do mal gosto ou a mais monumental ignorância. Spangler tinha se referido a Manhaven que "ganhara sua independência" - e era muita amabilidade, porque a secessão de Manhaven acontecera com o beneplácito da Terra — e agora Pembun afirmava: Após nossa declaração de independência...

Um descuido, ou um insulto proposital?

Pembun estava dizendo: — É um fato que seu império inclui duzentos e sessenta planetas e oitocentos bilhões de pessoas — mas antigamente havia muito mais, e dentro de um século haverá ainda menos.

Sujeitinho petulante e atrevido...

O coronel Cassina perguntou: — Senhor Pembun, é possível que seja sua intenção sugerir que o império se divida? Que entre em liquidação?

Cassina estava tão indignado que não parava de bufar. O rosto de Pemberton estava branco pela fúria. Spangler refletiu, num recesso de sua mente, que Pembun parecia conseguir uma reação hostil de todos com a maior facilidade. No futuro, se isto fosse necessário e possível, as conferências deveriam ser feitas sem a sua presença.

— Senhores — falou levantando a voz. — Podemos continuar?

Quando todos saíram, Spangler ficou sozinho em seu escritório particular, brincando distraidamente com as teclas que controlavam a grande tela de informações na parede em frente. Projetou um diagrama após o outro sem prestar a menor atenção.

Após o bate-boca com Cassina, Pembun fizera o possível para manter um comportamento correto — dentro de seus parâmetros. Entretanto, seus informes não eram apenas irritantes, mas inquietantes.

Tudo começou quando Pemberton transmitiu as costumeiras queixas do Prefeito. A administração municipal, como quase todos os departamentos governamentais planetários e locais, exceto a Segurança, desejava saber quando os Rithianos seriam capturados e quando acabaria o bloqueio planetário.

Spangler então afirmou que o Rithiano fujão não poderia se esconder por mais de uma semana, no máximo.

A este ponto, Pembun interferiu. — Sinto muito, Comissário, mas acho que seria mais seguro estabelecer um prazo de dois meses.

— Por que, senhor Pembun?

— Porque, simplesmente, os Rithi precisam de alimentos ricos de sais de berílio. Pelos meus cálculos, este indivíduo não pode estar carregando suprimentos para mais que seis ou oito semanas. Depois deste período, vocês podem eventualmente bloquear todas as reservas de sais de berílio, para obrigá-lo a se render ou morrer de inanição, ou então ficar

vigiando os entrepostos de produtos químicos e prender qualquer um que deseje comprar este produto. Assim, poderão se apoderar dele de qualquer jeito. Calculo que precisarão de dois a três meses.

Spangler reagiu com paciência e frieza. — Senhor Pembun, sem dúvida este é um plano admirável, mas não precisamos dele. Os controles domiciliares servirão para encontrar o Rithiano antes do fim da semana.

— Quer dizer que vocês pretendem esvaziar todos os prédios e mandar que os moradores passem em frente daqueles fluoroscópios?

— Isto mesmo — confirmou Spangler. — Vamos checar uma área por vez, começando pelo subúrbio e indo em direção ao centro.

— Hum — disse Pembun. — Acontece que os Rithi não têm ossos. — Spangler ergueu as sobrancelhas e olhou para o dr. Baustian. — O que me diz, doutor?

— Sim, hum, parece que é isto mesmo — concedeu o fisiologista com ar tolerante. — Suponho que isto poderia ser uma boa indicação... se por exemplo o fluoroscópio revelasse apenas algumas poucas cartilagens, mas nenhum osso?

Houve uma gargalhada geral em volta da mesa.

— Exceto — observou Pembun — no caso que ele engolisse um esqueleto.

Cassina falou um palavrão e Spangler, incrédulo e com muita vontade de gargalhar, perguntou: — *Engolisse* um esqueleto?

— Hum-hum. Isto mesmo. Acho que vocês, boa gente, não podem conhecer estes detalhes porque vocês nunca tiveram contatos comerciais com os Rithianos — e menos ainda tiveram contatos científicos. Mas os Rithi possuem uma... — hesitou. — No nosso idioma isto se chama *Mudabs boyó*, e acredito que pode ser traduzido em inglês padronizado como "interior proteano".

— Proteano! — exclamou o dr. Baustian.

— Sim, senhor. A forma externa é fixa, quase como a nossa, caso contrário não precisariam se fantasiar tanto para se parecerem com criaturas humanas, mas a parte interna é composta quase que exclusivamente de carne proteana — que pode se transformar em estômago, em intestinos ou numa bexiga, segundo as necessidades. Poderiam

perfeitamente engolir um esqueleto humano — não sentiriam qualquer inconveniente. Poderiam também imitar as entranhas humanas o suficiente para enganar qualquer um. Poderiam até imitar movimentos internos naturais. Isto significa que não precisariam de qualquer suporte adicional, mas simplesmente uma capa plástica externa para o disfarce. Sinto muito, mas preciso preveni-los: aqueles fluoroscópios não poderão ajudá-los de jeito nenhum.

Foi o suficiente para que a reunião se transformasse em tumulto.

Spangler grunhiu, ligou a sua máquina para ditar e escrever e começou a fazer seu relatório da conferência. — Para Claude Keith-Ingram, Com Chefe DeptSegur — falou. — Reservadíssimo e Urgentíssimo. — Pensou um pouco e depois resumiu as declarações de Pembun e acrescentou que o dr. Baustian duvidava de sua veracidade e que o próprio Pembun admitira que nunca tinha assistido pessoalmente a uma demonstração das habilidades proteiformes dos Rithia-nos.

Releu o relatório, arrancou o rolo da máquina e o jogou no tubo de saída.

Ainda estava insatisfeito.

Já fizera tudo o que deveria fazer, interpretando o regulamento ao pé da letra. Qualquer mudança de atitude não dependia dele. Pela lógica e pela sua própria intuição, julgava que ninguém deveria levar Pembun a sério.

Entretanto, por motivos que não conseguia definir, havia algo nas declarações de Pembun que o deixava inquieto. Não mencionara o assunto em seu relatório porque, a seu ver, parecia algo frívolo.

As palavras de Pembun foram as seguintes:

— Precisa levar em conta mais um fator importante — estes Rithi têm um senso de humor peculiar.

A mão de Spangler segurou o intercomunicador. — Gordon!

— Sim, senhor?

— Você encontrou acomodações para o senhor Pembun?

— Sim, senhor.

— Onde?

— No nível G, suíte Um-Onze da Seção Sete.

— Certo — disse Spangler e desligou. Levantou-se, saiu do escritório e chamou um transporte.

— Nível G — falou, aproximando a boca do ouvido mecânico.

CAPÍTULO 2

A porta da suíte 111 estava escancarada. Lá dentro, uma voz baritonal cantava, acompanhando-se com acordes de algum instrumento de cordas. Spangler parou para escutar.

Odum Páuke mónt a mút-ting

Vágis cáx odúm Pau-ké

Odum Páuke mónt a mút-ting

Tóuda por táx o cáu-fé!

Ouviu-se um acorde final e depois o barulho oco de um instrumento largado sobre alguma superfície. Finalmente, o tilintar de cubos de gelo dentro de um copo.

Spangler colocou a mão ao lado da maçaneta provocando o som de um carrilhão. Logo a voz de Pembun gritou: — Pode entrar!

Pembun estava semideitado numa poltrona, com o colarinho aberto e os pés esticados e altos. Segurava um copo e pela cor do conteúdo, devia estar cheio de uísque puro. Sobre uma mesinha ao lado se viam os restos de uma farta refeição, uma garrafa, um balde de gelo, vários copos limpos e o instrumento - muito reduzido de tamanho, redondo e com três cordas.

O homenzinho se levantou com muita agilidade. — Esperava mesmo que alguém chegasse — exclamou, animado. — Aqui a gente se sente muito solitário — mais até que nas montanhas, a mil milhas de alguém. Por favor, sente-se, Comissário. Aceita um copo de uísque?

Spangler se acomodou sobre uma cadeira. — Ótimo, obrigado, — disse. — Mas obrigado, não, não vou tomar uísque — não tenho seu estômago.

Pembun pareceu ficar estupefato, depois sorriu. — Vou providenciar para que tragam soda — falou. Voltou a sentar na poltrona e pediu soda pelo intercomunicador.

— Eu fiquei um pouco surpreso, quando o senhor falou — disse a seguir, virando-se em direção a Spangler, — porque em Manhaven temos uma expressão assim. Quando falamos: Não tenho seu estômago, significa, não gosto de você, você não é simpático. *E no ay to stomá.*

Spangler sentiu um pouco de remorso — era claro que Pembun sabia que ninguém gostava dele, e logo se irritou. Raios! Como era possível que aquele homenzinho conseguisse sempre mostrar que ele estava errado?

Consegui falar em tom normal, levemente amistoso. — O que era aquela canção que ouvi antes de entrar?

— Ah, aquilo — Odum Pauké Mont a Mutting. — Apanhou o instrumento e cantou mais uma vez o coro que Spangler ouvira do corredor. Spangler, mesmo a contragosto, ficou a ouvi-lo, fascinado. Era uma melodia simples e agradável, alegre... o tipo de melodia que poderia ser cantada por alguém sentado no lombo de uma mula, pensou — ou qualquer outro bicho feioso que os Manhavenitas usassem em vez de mulas.

Pembun largou o instrumento. — Vou traduzir — disse. — Significa que o velho Pauké sobe pela montanha, que as nuvens ocultam o velho Pauké, que ele sobe a montanha para tomar uma xícara de café.

— É só isto?

Pembun arregalou os olhos numa expressão cômica. — Claro! Devem existir centenas de versos. Só conheço algumas dezenas, mas se eu os cantasse todos, levaria uma noite inteira. É uma espécie de lenda. O velho Pauké era um colono que morava nas Montanhas Desesperadas, um dos primeiros colonos. Estas montanhas se encontram na zona temperada, mas mesmo assim é uma região muito selvagem, com cimos altos e vales profundos. O velho Pauké gostava de tomar café, mas não tinha nem um pouco. Então ouviu dizer que havia café na cidade de Grampeer, a cidade do espaçoporto, que se encontrava num vale longínquo, e o velho Pauké foi à cidade caminhando. Dois mil e duzentos quilômetros. Pelo menos, é o

que dizem.

A portinhola do serviço de copa automático se abriu. Pembun apanhou a garrafa de soda e preparou um drinque para Spangler. — Naqueles dias sem dúvida aconteceram coisas heróicas — acrescentou — Mas acredito que também costumavam contar muitas mentiras.

Mas uma vez Spangler provou um certo estremecimento interno. Fizera um esforço para simpatizar com este homem, para entendê-lo assim como ele era, e conseguira imaginar algo que poderia admirar: a vida selvagem, colorida, pitoresca dos colonos, as dificuldades aceitas e superadas, os atos de heroísmo cumpridos com tranqüilidade, etcétera, etcétera, etcétera. E no fim, o próprio Pembun se encarregava de destruir tudo com uma meia frase indiferente: — ...também costumavam contar muitas mentiras.

Está bem, Pembun não acreditava no Império. Entretanto, se nem ao menos acreditava nas tradições de seu próprio planeta — em que estaria acreditando?

Spangler era um homem que fazia grandes esforços para ser liberal. Mas olhando para o rosto amorenado de Pembun, para o branco amarelado de seus olhos, pensou mais uma vez: Estou perdendo meu tempo ao tentar entendê-lo. Ele não é civilizado: pensa feito um animal. Simplesmente, não existe *qualquer ponto de contato*.

Falou de repente: — Durante a reunião, o senhor mencionou o "peculiar senso de humor dos Rithianos". O que é que o senhor pretendia dizer?

Pensou: Dentro de poucos minutos estarei de volta no meu escritório. Vou tomar metade do drinque e sair.

Pembun se reclinou na poltrona, com a cabeça levemente virada e os olhos em Spangler. — É o seguinte — disse. — Eles são mesmo peculiares. De um ponto de vista tecnológico, são um povo muito adiantado, como o senhor sabe. Mas seu senso de humor realmente lembra mais um planeta atrasado, como Manhaven. Talvez é por isto que nos dávamos muito bem — o humor de Manhaven é meio primitivo. Por exemplo, puxar a cadeira para trás quando um homem está em ponto de se sentar. Coisas assim. Mas eles são mais exagerados do que nós.

Eles são capazes de percorrer quarenta quilômetros a mais, só para

fazer uma brincadeira, mesmo que seja contraproducente. Ouvi uma novela escrita por um dos seus mais famosos autores — uma novela de doze rolos, o que significa mais ou menos quinhentas mil palavras — e foi escrita apenas para poder encerrar com um piada suja. Foi um dos maiores best-sellers naquele sistema solar. Depois, eles adoram trocadilhos — gostam mesmo de brincar com as palavras. Algumas sentenças famosas podem ser lidas e interpretadas de quinze maneiras diferentes.

Spangler procurou entre suas lembranças e com um certo esforço conseguiu encontrar algo aprendido durante seus anos de treinamento. — Como Joyce — disse. — O decadente do século vinte.

— Hum-hum — concordou Pembun. — Eu costumava recitar páginas inteiras de *Finnegans Wake*, mas eu garanto que aquele estilo é praticamente primário, se o compararmos com a literatura Rithi.

Spangler engoliu ostensivamente e largou o copo sobre o descanso da cadeira. Sentia-se dono da paciência enorme e bem-humorada de um homem que sabe como se precaver de suas próprias emoções. — Não quero lhe parecer obtuso — disse — mas será que isto tem algo a ver com o meu problema?

As sobrancelhas de Pembun se cerraram levemente. Procurou as palavras apropriadas com uma expressão de ansiedade. — Não *especificamente* — explicou, muito sério. — Quero dizer que, assim num sentido geral, precisa tomar cuidado por causa deste senso de humor. Quero dizer, já sabe que este Rithi vai machucá-lo bastante, se tiver oportunidade. Entretanto, precisa sempre lembrar que se ele puder, vai fazê-lo de alguma forma que para ele seja a mais divertida possível. Não é fácil adivinhar o que um Rithi vai fazer, para que lado vai pular, mas às vezes é possível quando a gente se lembra das coisas que poderiam diverti-lo.

Spangler tomou mais um gole, deixando no copo exatamente a metade do drinque, e se levantou. Estava um pouco irritado consigo mesmo por ter ido até lá, mas pelo menos conseguira a satisfação de saber que uma possibilidade tinha sido eliminada após um exame atento, que um x estava reduzido a zero.

— Muito obrigado, senhor Pembun — disse quando chegou à porta. — Pelas informações e pelo drinque. Boa-noite.

— Lembre-se também de tomar cuidado com o hipnotismo — falou Pembun como se lembrando de uma última possibilidade.

Spangler ficou parado, sem falar. Pembun o observou com amável curiosidade.

— Hipnotismo! — exclamou finalmente Spangler e deu dois passos para trás. — Que hipnotismo é este?

— Minha nossa! — gritou Pembun. — Como é possível que vocês não saibam *nada* a respeito?

Ambos estavam deitados no quarto às escuras, num silêncio concorde, olhando para a grande janela sem persianas — uma janela no verdadeiro sentido arcaico, um simples buraco na parede — apreciando a brisa salgada e fresca, leve como uma pluma. Spangler podia ver o ponto em que o litoral se projetava para o mar e de ambos os lados uma aglomeração de luzes multicores — à direita, Angles, e Santa Mônica à esquerda. Em frente, o mar prateado e nuvens acinzentadas e, de vez em quando, a faísca minúscula de uma espaçonave que logo sumia.

O universo era uma presença vasta e vagamente pressentida que fluía ao seu encontro pela janela aberta, para absorvê-los. Spangler pensou que eram como dois grãosinhos de areia mergulhando num oceano que se estendia sem fim.

Num certo sentido, isto o acalmava, mas havia também uma ponta de inquietude. Spangler se mexeu, nervoso, e sentiu a brisa sobre a pele nua. As proporções eram grandes demais, pensou: estava acostumado a se movimentar naquela toca de lebres na Colina e talvez por isto, quando se afastava de lá, não se sentia completamente à vontade. Quem sabe, precisava de uma mudança...

O vento está ficando frio demais — disse. — Vamos fechar a janela e acender as luzes.

— Eu gosto — ela respondeu. — Mas não faz mal. Faça como preferir. — Vai ver que agora insultei sua janela, pensou Spangler, achando graça. Mesmo assim, esticou o braço, encontrou o botão e uma camada de vitron se desdobrou, cobrindo a abertura.

Aquela janela era uma antigüidade legítima — século XXI, completa de servomecanismo para abrir e fechar. Todas as coisas que se encontravam na torre de Joanna eram assim: absurdas cadeiras de quatro pernas, as mesas maciças, os tapetes e até a enorme cama pneumática. Nas prateleiras havia livros de papel, que aliás não eram os costumeiros exemplares usados pelos decoradores, mas livros de verdade que qualquer cidadão culto do século XXI teria lido e possuído — Shakespeare, Sterne, Jones, Joyce, Homero e Hemingway, todos misturados entre si. Se a moda o permitisse, pensou Spangler, aposto que ela usaria vestidos.

Virou-se ao perceber uma luz vagamente rosada e viu Joanna com um braço em volta dos joelhos e a cabeça baixa tirando uma baforada do cigarro aceso que acabava de sair do distribuidor. Logo, entregou-lhe outro cigarro aceso.

Spangler também se sentou e se encostou na cabeceira da cama. A fumaça dos cigarros se espalhava no ar, começando rosada e terminando numa névoa suspensa.

As paredes arredondadas do quarto e o forro davam uma impressão de proteção, de segurança...

O século XXI, o Século da Paz, era um útero, pensou Spangler. A definição era de Joanna, provavelmente a tinha encontrado em algum livro. "Um útero com vista". Era isto mesmo. Uma descrição infantil que ninguém atribuiria àquele período, mas era bastante exata. Joanna não costumava enganar a si mesma — infelizmente. Para conquistá-la de maneira definitiva, seria necessário destruir a imagem muito clara que ela possuía de si própria — deixá-la completamente confusa, para que se agarrasse a ele, à procura da segurança perdida. Não ia ser fácil.

Joanna disse sem se mexer: — Thorne, gostaria de conversar seriamente com você, só por um minuto.

— Está bem.

— Provavelmente você já sabe o que pretendo dizer, mas para deixar tudo bem claro... Você quer que continuemos juntos?

Imitando seu tom, Spangler disse: — Sim.

— Pois eu também. Você sabe que eu gosto de você mais de quanto tenha gostado de qualquer outro. Mas não pretendo me casar com você. É preciso que você me acredite e aceite este fato, caso contrário não adianta...

Estou tentando ser honesta com você.

— Você está conseguindo — respondeu Spangler, quase indiferente. Virou-se e colocou a mão sobre o joelho da moça. — Para ser igualmente franco com você — eu me comportei pessimamente e durante o último fim-de-semana eu estava realmente louco e sinto muito. Vamos esquecer o que aconteceu?

Ela sorriu. — Sim, vamos esquecer.

Quando ele se aproximou mais, seus lábios se mexeram e mudaram de forma, os cantos se abaixaram, a carne úmida e rosada entumeceu conferindo-lhe a aparência cega do desejo. Spangler passou um braço atrás de suas costas macias e apertou, enquanto o corpo da moça se retesava. Com os olhos fechados, ouviu suas pernas se endireitarem, sussurrando contra o lençol.

Mais tarde, ficou deitado numa letargia morna que lhe dava a impressão de estar flutuando em água parada. Teve que fazer um esforço para sair daquela satisfação despreocupada, mas era necessário. Ele era muito vulnerável naquele estado, mas ela também. Quando Joanna falou, preguiçosamente, ele respondeu sempre com maior constrangimento, até que percebeu que estava lhe transmitindo sua tensão.

A seguir, ele rolou sobre a cama, afastando-se, se levantou e ficou parado em frente à janela, observando aquele vazio imenso e obscuro de céu e de mar. Agora já era mais fácil. Quando criança, freqüentemente conseguira provocar em seu íntimo uma fúria cega — em ocasiões em que poderia ser tomado pelo medo — e agora, com o mesmo firme propósito, abriu sua mente ao desespero.

Vamos supor que eu não consiga e acabe por perder Joanna, pensou. Mas isto não era suficiente. Qual era a coisa mais horrível que poderia acontecer? A resposta chegou rápida: Pembun, e seus Rithianos, com seus corpos desprovidos de ossos e seu hipnotismo. Rostos sem forma o fitavam surgindo do mar escuro. *E se eles vencessem?* Que tal se o Império ficasse submergido debaixo daquela maré insensata e todos os arrimos caíssem favorecendo a propagação do caos?

A voz de Joanna: — Thorne? O que há com você?

Ele voltou ao presente, estremeando na lembrança do frio vácuo contemplado pela sua mente. Por um instante tivera a sensação da

realidade, de algo já acontecido, de algo *presente*. Sentira-se sozinho e perdido, vagando numa noite sem fim.

Quando se virou, sabia que sua agonia ainda estava estampada em seu rosto. Tentou se controlar com um esforço, sabendo que ela perceberia.

— Não foi nada — disse. Deu a volta na cama, apanhou um cigarro e depois foi para o armário.

— Você vai embora? — ela perguntou, incerta.

— Preciso começar muito cedo amanhã — explicou Spangler. — Nestes últimos dias quase não dormi.

— ... Está bem.

Fechou a túnica e se aproximou dela, tomando sua mão. — Não ligue para mim, está bem? Estou um pouco nervoso... foi uma semana desagradável. Vou chamá-la amanhã.

Os lábios de Joanna sorriram, mas seus olhos estavam abertos e vagos. Cautelosos, mas com uma pitada de algo diferente — talvez a lembrança do prazer e um pouco de culpa?

Spangler foi para casa e sua satisfação se transformou em alegria feroz. Se ela chegasse a aprender que poderia machucá-lo, e se aprendesse a gostar disso, poderia, com o correr do tempo, se acostumar com a idéia dela própria ser machucada. Mas precisava proceder com vagar, avançando e recuando, mudando de atitude, despojando-a de suas defesas, aos poucos, até que finalmente, por causa da culpa ou do prazer, ou talvez por amor, ela acabaria consentindo no casamento.

Porque o amor, o prazer, o medo e o ódio, a honra e a ambição eram portas que podiam ser abertas ou fechadas.

A única chave era a dor.

Na manhã seguinte, muito cedo, Spangler estava em seu escritório olhando ressentido para a tela sobre sua escrivaninha, em que aparecia o rosto acinzentado de Claude Keith-Ingram.

— Você perguntou ao Pembun por que ele não forneceu esta in-

formação mais cedo? — perguntou Keith-Ingram irritado.

— Sim — respondeu Spangler. — Ele me disse que achava que já devíamos saber a respeito, porque era sabido que o Império possui os mais vastos conhecimentos no campo da psicologia de segurança em toda a Galáxia.

— Hummm — respondeu o superior de Spangler, franzindo a testa. — Você acha que ele estava sendo sarcástico?

Spangler hesitou. — Gostaria de poder responder com um "não" convencido, mas infelizmente não posso. É muito difícil compreender este Pembun.

— Também acho — retrucou Keith-Ingram. — Entretanto, sua ficha mostra que seus serviços nos Mundos Externos foi impecável. Não acredito que exista aqui um caso claro de deslealdade.

Spangler ficou em silêncio.

— E mais uma coisa — continuou Keith-Ingram, irritado — o que é toda esta história sobre as habilidades pseudo-hipnóticas dos Rithianos? O que é que você acha? Como se manifesta?

— Pelo que disse Pembun, eles conseguem um controle absoluto quando as condições são muito favoráveis. Na opinião dele, trata-se, porém, de um processo bastante vagaroso e de alcance limitado. Quer dizer, um Rithiano poderia assumir o controle de uma ou duas pessoas, se pudesse se aproximar delas enquanto estivessem sozinhas, e que não suspeitassem de nada. Entretanto, seria incapaz de controlar um grupo em qualquer circunstância, mesmo um grupo pequeno numa emergência.

Keith-Ingram assentiu. — Certo. Agora, a respeito da habilidade proteiforme — olhou para baixo, para alguma coisa que se encontrava sobre sua mesa, e que a câmera não podia alcançar, — parece que todos os agentes disponíveis e que já serviram no sistema Rithiano nunca acenaram, nem mesmo vagamente, a qualquer coisa parecida.

Spangler balançou a cabeça. — Isto pode ser significativo ou então estar totalmente desprovido de significado.

— Pois é — falou o rosto cinza. — Em linhas gerais, sinto-me inclinado a considerar o assunto da mesma forma que você, quer dizer que isto não é importante. É possível que Pembun seja uma pessoa competente,

mas ele não é da Terra e não pertence à Segurança. Por outro lado, parece-me desnecessário lembrar a você que se ele estiver certo em tudo, estamos nos defrontando com uma situação realmente séria.

Spangler torceu os lábios e assentiu. Keith-Ingram era conhecido por sua tendência a minimizar qualquer coisa com um "se". Se Pembun estava certo, significava que os agentes no sistema Rithiano não tinham conseguido qualquer informação além do pouco que os Rithianos deixaram entrever...

Keith-Ingram cocou o queixo com sua mão quadrada e bem cuidada. — Precisamos também lembrar que até este momento os procedimentos normais não surtiram qualquer efeito.

— Certo — admitiu Spangler. Usando todo o pessoal disponível, seriam necessários mais quatro dias para completar todas as vistorias domiciliares. Antes do término da operação, qualquer resultado negativo não comprovaria nada.

— Na opinião de Pembun, estes procedimentos não servem. Quero saber se ele fez qualquer outra proposta, além daquele esquema que se refere aos sais de berílio?

— Não, senhor. Por outro lado, ele disse que aquele esquema só poderia dar resultados daqui a dois meses e meio.

— Bom, talvez ele possa fazer qualquer outra sugestão mais útil. Pergunte. Se ele tiver uma — então tente.

— Certo — disse Spangler.

— Ótimo — respondeu o rosto cinza com seu sorriso número dois. — Mantenha-se em contato comigo, Thorne — e se qualquer coisa nova surgir, não hesite em me chamar imediatamente.

A tela ficou vazia.

Spangler ficou a olhá-la por um pouco, apertando os lábios, depois se encostou para trás e começou a brincar distraidamente com as teclas dos controles.

Sem perceber e sem querer, começou a pensar no filme rodado no sistema Rithiano, usado para o treinamento do pessoal da Segurança para a caça aos espões.

A primeira imagem era apenas uma luxuriante mistura de verde e ouro. As formas eram tão estranhas que a mente precisava de algum tempo para distingui-las. A partir deste ponto, via-se que o verde era uma cortina ondulante de cipós de grandes folhas e as manchas douradas eram flores com muitas pétalas complicadas. Mais atrás, percebia-se uma fina armação metálica e mais atrás ainda, manchas de um azul nebuloso que sugeriam a existência de espaços abertos.

A seguir aparecia um Rithiano.

A primeira reação era que se tratava de aranhas. Spangler lembrou-se de seu próprio estremecimento, porque tinha horror a aranhas. Finalmente, quando a coisa parava em frente à câmera, dava para ver que não se parecia com uma aranha e nem com um pólipó ou um macaco.

Era estranho, mas sua forma exterior se parecia sobretudo com aquelas esquisitas inflorescências douradas. Havia um pequeno círculo de tentáculos, deitados em forma de S, e mais abaixo outro círculo, e mais outro. O corpo da coisa parecia um saco mole, dependurado debaixo do último círculo de tentáculos. Havia também uma cabeça, formada aparentemente só por dois enormes olhos vermelhos e opacos. O corpo da criatura estava coberto por uma manta espessa de pêlos ou espinhos cor-de-ocre.

Spangler pensou que possivelmente algumas pessoas pensariam que era linda — mas era o tipo de pessoa que proclamava encontrar beleza até nos corpos estriados de grandes besouros.

A criatura se virou rápida, ficou imóvel e depois voltou a subir pelo cipó com rapidez inacreditável.

A seguir, havia mais uma cena — um verde mais escuro — a sombra de uma floresta, mais que a sombra de uma cidade-jardim. Um Rithiano aparecia agarrado ao tronco azulado e lustroso de uma árvore. Com três tentáculos dianteiros estava segurando um objeto fino e comprido que, obviamente, devia ser uma arma. A criatura ficou dependurada, imóvel, durante alguns minutos: a seguir a arma se mexeu levemente e cuspiu uma chama alongada cor violeta brilhante. Mais longe, ao fundo, algo avermelhado gritou e caiu, passando entre os galhos.

Só havia isto, mas era bastante impressionante. A arma que aparecia na fita, evidentemente um rifle de caça leve, podia ser comparado em sua

atuação ao Mark LV Becket.

Existiam mais filmes. Spangler não os viu, mas podia imaginá-los. Imagens de fábricas rithianas, de espaçonaves rithianas, de laboratórios rithianos. Os detalhes não eram interessantes, mas no conjunto chegaram a convencer os estrategistas terrestres que declarar guerra aos Rithianos poderia resultar numa catástrofe.

Então começou uma campanha insistente: sabotagem econômica, subversão, propaganda. Não era direta e não podia ser atribuída com certeza aos terrestres que se encontravam no sistema Rithiano, disfarçados em comerciantes não-imperiais. Foi excluída a possibilidade de colocar as mesmas minúsculas bombas de desmembramento que já tinham destruído outros mundos menores e mais fracos: os Rithianos eram um povo que sabia se deslocar no espaço, possuíam colônias e uma frota espacial, e poderiam querer se vingar se seu planeta ficasse destruído. O intuito da campanha era o atrito contínuo, vagaroso e paciente que acabaria por enfraquecer os Rithianos como raça e como nação galáctica, por dividi-los politicamente, e cerceá-los do ponto de vista intelectual e econômico. Ficariam envolvidos em dificuldades até o ponto em que, sem saber como, os Rithianos acabariam por descobrir que a crista da onda já estava se afastando e que começavam a submergir no esquecimento. A campanha poderia durar séculos, mas a Terra podia esperar.

Entretanto os Rithianos descobriram *quem* eram seus inimigos. Agora a situação sofria uma grotesca reviravolta. A Terra não estava mais em condições de aproveitar qualquer conhecimento que possuísse dos Rithianos. Os Rithianos podiam ser mais fortes ou mais fracos de quanto imaginava. A única coisa que parecia certa era que eles eram muito diferentes de como apareciam nos filmes e nos relatórios escritos.

Um planejamento cuidadoso nem sempre podia alcançar o sucesso, pensou Spangler. Possivelmente a Terra tinha finalmente encontrado um adversário à sua altura, capaz de resistir à força e à esperteza. Spangler tentou imaginar um universo após a destruição da raça humana, eliminada como muitas outras raças, pela força e pela astúcia. Era como tentar imaginar a continuação do universo depois de nossa própria morte: era bastante fácil de um ponto de vista intelectual, mas era emocionalmente

impossível.

De qualquer maneira, nada estava perdido ainda. Spangler também lembrou a si próprio que não era encarregado de reformular a política militar do Império. Tinha apenas uma tarefa muito simples:

Encontrar o Rithiano.

Como não podia deixar de ser, voltou a pensar em Pembun. Sua irritação aumentou. Murmurou: — Este sujeito *danado*! — enquanto se levantava para caminhar nervosamente pelo escritório.

Spangler não era um agente da Segurança, era apenas um executivo de carreira mas tinha consciência de seu apego ao trabalho — há quinze anos se encontrava no mesmo Departamento. Não deveria se sentir deste jeito quando pensava em Pembun, mas estava perplexo, inquieto, com a mente cheia de suspeitas sem fundamento e sem motivo.

Pela terceira vez naquela mesma noite, sentou-se e começou a folhear o dossiê de Pembun. Keith-Ingram estava certo: sua folha de serviço não oferecia qualquer possibilidade para dúvidas. Gozava da confiança do Império há trinta anos. Entretanto, o Departamento de Segurança nunca parava de acumular informações. A partir do momento em que Pembun desembarcara na Terra, minúsculos mecanismos robotizados o estavam seguindo por toda parte. À pouca distância, estes monitores eletrônicos podiam parecer pequenos insetos. Seus circuitos micro-miniaturizados registravam qualquer palavra de Pembun ou de quem estivesse ao seu lado.

No primeiro dia, após a conferência no escritório de Spangler, Pembun ficou em sua suíte, não deu telefonemas e não conversou com ninguém, a não ser com Spangler. No dia seguinte saiu cedo e passou a manhã passeando.

Durante a tarde, após um almoço na Colina, foi fazer compras e adquiriu uma série de pequenos objetos — especificados no relatório — nas lojas especializadas do Grand Mall, na avenida Panorâmica. O proprietário de uma destas lojas era um ex-habitante dos Mundos Externos, chamado Pero Mineth. Havia um resumo de seu dossiê. Mineth não provocava qualquer suspeita, a não ser pelas suas origens. Os dois homens tinham conversado brevemente em inglês padronizado.

No terceiro dia, Pembun fizera dois chamados: um, para o membro

de uma missão comercial de Gloryfield que se encontrava na cidade e um outro para um ex-ministro de Manhaven, que agora morava na Terra; a seguir os três homens se encontraram para o almoço. A conversa estava toda gravada. Só continha algumas observações em inglês padronizado: o resto era em vários dialetos dos Mundos Externos.

Spangler voltou a reler as transcrições, remexendo nervosamente sobre a cadeira. As traduções mecânicas não eram muito satisfatórias.

Pembun: *Oo taw preé don stomá pi vantan combé?* (Onde você foi buscar aquele estômago nestes vinte anos, companheiro?).

Coopo: — *De manj, ké penz — no t'ay stomá ti!* (Comendo, o que acha — você não tem barriga pequena!).

Pembun: *Dakko! So pellokégri!* (Pois é! Sou (um) papagaio cinza!)

"Papagaio cinza", sem dúvida devia ter algum significado especial em alguma expressão idiomática do mutável e detestável idioma dos Mundos Externos, adotada depois dos últimos ajustes de vocabulário das máquinas tradutoras. Era impossível mantê-las atualizadas: todos os dias surgiam expressões novas e outras saíam de moda. As publicações, os filmes, os cubos tri-D e as mensagens interestelares captadas eram submetidas a constantes fiscalizações: quando os trechos duvidosos ficavam satisfatoriamente esclarecidos, os novos significados passavam para o banco de dados da máquina para futura referência, mas dentro de uma semana ou um mês já resultavam inúteis.

O Império dava um claro exemplo de superioridade a estes mundos desorganizados e rudes. Em inglês padronizado todo mundo sabia o que estava dizendo. Havia um vocabulário geral de noventa mil verbetes, e mais vocabulários técnicos especiais com até quinze mil verbetes, e todos os verbetes tinham sempre o mesmo significado. As palavras novas e as modificações de palavras antigas deviam ser primeiro aprovadas por três Comissões Consultivas de Inglês Padronizado, que agiam de forma admirável. Por conseguinte, o idioma era sempre perfeitamente claro e mesmo assim o idioma se mantinha flexível, podendo ser compreendido sem dificuldade por qualquer pessoa que falasse o inglês padronizado.

Nos Mundos Externos, entretanto, o idioma parecia uma espécie de

jogo. Aqueles povos davam a impressão de se divertir mudando e distorcendo continuamente seu idioma já muito bagunçado — todos PPreciam competir na invenção de neologismos e de novas estruturas. Como podiam ter certeza de se entenderem uns aos outros? Será que eles não *ligavam*?

... dDe qualquer forma, Spangler imaginou que a conversa durante o almoço provavelmente devia ser inocente como parecia. Esta conversa não o preocupava. Havia mais alguma coisa.

Levantou-se e voltou a caminhar. Estava pronto a admitir que Pembun era inócuo como parecia. Era realmente um leal servidor do Império, porém... Spangler parou. O dossiê não explicava um ponto importante, algo que qualquer agente de Segurança precisava descobrir.

— O que ele quer? — perguntou Spangler em voz alta.

Era isto — descobrira o motivo de todas as suas inquietações dos últimos quatro dias. O que era que Pembun queria? O que esperava conseguir? Em suas conversas podia-se facilmente descobrir um desprezo sutil pelo Império e bastante admiração pelos Rithianos. Então, por que estava trabalhando para o Império, tentando destruir os outros?

Precisava esclarecer este ponto.

Acima da abóbada transparente que cobria a cidade, o céu de dezembro se mostrava cinzento e luminoso. A neve caída nas primeiras horas da manhã tinha se derretido em contato com a superfície aquecida da abóbada, e a água desaparecera pelas calhas e nos canos, indo aumentar o reservatório de águas da cidade. Na cidade, a temperatura se mantinha por volta dos 25°, como aliás acontecia durante todo o ano. Dentro de duas semanas o ano terminaria, e chegaria o 1º de janeiro de 2522. Entretanto a população só tomaria conhecimento disto pelos calendários e pelos jornais.

Um homenzinho metido em roupas desajeitadas se agregou com ar solene à fila na saída do metrô expresso norte-sul, passou pelo fluoroscópio, cumprimentou o técnico, tocando seu absurdo chapéu e desceu pela rampa em direção à Praça Imperial. Um inseto, cinza e minúsculo, quase invisível, o estava seguindo, um metro acima de sua cabeça. As lentes diminutas que formavam seus olhos brilhavam fra-

camente, refletindo a luz.

Esta parte da cidade era mais antiga, construída há quase duzentos anos para celebrar a incorporação de Colombo, Retreat, do Mundo de Godwin e de Elíseo. Apesar das sanções previstas contra a transferência de propriedades em áreas deterioradas, muitas empresas importantes tinham se mudado de bairro, cedendo o lugar a uma porção de pequenas lojas desorganizadas.

Pembun começou a caminhar em frente a estas lojas, todas abertas, observando os objetos expostos com interesse infantil. O pequeno inseto continuava a segui-lo. Apanhou um caleidoscópio ao cádmio que se aproximou da vista e depois largou. Comprou dez bonecas que mexiam braços e pernas, produzidas em Loaloa e bastante malfeitas, e pediu ao vendedor para enfeitar o pacote para presente. Escreveu o endereço para a entrega: o inseto tomou nota.

Pembun continuou seu passeio. Numa quitanda, após comprar m cacho de uva numa máquina distribuidora, encontrou um homem alto que vestia uma túnica amarela. Os dois homens se cumprimentaram com evidentes sinais de alegria.

— Hernà! Cabró!

— Pembun kukará! No és in cassé?

— Si, in terrà. Como sa ba?

Os dois homens continuaram a falar sem se preocupar com os transeuntes e o inseto que pairava no ar transmitiu tudo, palavra por palavra.

Finalmente o homem alto se despediu. — *A bentó, Pembun. Ser a festo?*

— Tendi — so pelloké gri!

Os dois homens trocaram um sorriso, acenaram com a mão e saíram da quitanda tomando rumos diferentes. Um outro inseto que pairava alto no ar, desceu depressa e começou a seguir o homem alto de túnica amarela, enquanto atravessava a praça. Pembun, acompanhado pelo outro inseto, voltou para a entrada do metrô, dirigindo-se para a Colina.

O encontro de Pembun e do homem alto acontecera há dois dias. O homem fora identificado: tratava-se de Gonzal Estabor, ex-elisiano, um

tech/3 dos fusileiros imperiais, aposentado. Vivía da aposentadoria que arredondava importando novidades de Elíseo e de Retreat. Já se conheciam todas as suas relações e entre estas havia mais três homens e duas mulheres que Pembun visitara nestes dois dias.

Quais eram as intenções do homenzinho? As bonecas e outros brinquedos comprados a seguir, foram para o mesmo endereço, nas Paliçadas Sul. Neste ponto, uma máquina automática tinha lhes dado um rumo diferente e ninguém sabia onde se encontravam agora. O proprietário do prédio era mais um conhecido de Estabor.

Spangler agora estava observando uma tela circular na console de sua escrivaninha. A imagem tremia e ondulava, em branco e preto, mas o enfoque era bom. Como se estivesse a três metros de altura, podia ver Pembun, distorcido pela perspectiva, com a cabeça e ombros enormes, e o abdômen, braços e pernas diminutos. Teve uma idéia absurda — será que as coisas estão realmente assim? É possível que Pembun seja na realidade um gigante, enquanto somos apenas insetos?

Spangler se irritou. Estava cansado e tenso: em geral, não costumava pensar asneiras. Concentrou-se na tela e no som que saía das duas pequenas caixas ao lado.

Pembun estava caminhando por uma rua estreita e sem benefício de energia. O ponto luminoso no mapa da cidade, ao lado, indicava que ele se encontrava na rua Paterson, indo para oeste e se afastando de Waterfield Way, que era um shopping center de baixa categoria. Estava passando ao lado de armazéns e usinas vazios, já encampados pelo Setor de Renovação Urbana e que breve seriam demolidos. Não se ouvia qualquer som, a não ser o zunido distante das ruas eletrificadas e o passo de Pembun sobre o calçamento arruinado.

Houve uma mudança de enfoque e um portão escuro apareceu mais em frente. Pembun se dirigiu para lá e ergueu u'a mão para apertar a campainha. O velho portão rachado deslizou para um lado, a cabeça de Pembun começou a crescer, ficou do tamanho de um balão e escureceu toda a tela, enquanto o inseto que o seguia se aproximava depressa.

A cena voltou clara. Pembun se encontrava num pequeno aposento vazio. Uma parede desaparecia atrás de barris plásticos e outras mercadorias empilhadas. Uma porção de mosquitos estavam zunindo no ar — um ambiente perfeito para que o inseto eletrônico pudesse se ocultar.

Um homem baixinho com o rosto de fuinha, usando uma túnica escura, entrou por uma outra porta e se aproximou de Pembun com um dedo sobre os lábios. Seu sorriso era carregado de malícia.

— Arro, pelliké!

— Tud'es pré?

As palavras começaram a aparecer na tela do tradutor eletrônico:

ALÔ PAPAGAIO

ESTÁ TUDO PRONTO

— Sei, combé. Ben.

CERTO COMPANHEIRO VENHA

Os dois homens passaram pela porta interna, seguidos pelo olho flutuante do inseto-espião. Na tela, Spangler viu o homem com cara de fuinha e Pembun atravessar a porta, passando ao lado de mais um homem que parecia estar vigiando, e entrar num quarto maior onde havia uma atividade confusa. De repente algo brilhante e impenetrável inutilizou a tela. Não se viu mais nada a não ser um jogo de luzes e sombras. As caixas ainda transmitiam uma conversa distante, mas a tela não mostrava mais nenhuma imagem.

Spangler praguejou e acionou o intercomunicador.

— Comissário?

— O que aconteceu com aquele miserável olho eletrônico?

Um intervalo. — Senhor, o olho não responde aos controles.

— Mande outro. Mande meia dúzia de uma vez!

— Sim, senhor Comissário.

Spangler ficou furioso, olhando para a tela inútil e ouvindo as vozes distantes e indistintas. O segundo inseto-espião provavelmente não poderia entrar no prédio seguindo o mesmo caminho do primeiro, a não ser que alguém fosse abrir a porta por acaso. Precisaria então procurar alguma fenda nas paredes externas ou entrar pelo sistema de ventilação.. De qualquer maneira, seria necessário perder um tempo precioso. Voltou a chamar pelo intercomunicador.

— Operações. — Na pequena tela apareceu o rosto duro e pálido do

Inspetor Makaris.

— Inspetor, o olho eletrônico na rua Paterson, entre Waterson e Cleveland, está fora de uso. Quero que mande para lá um homem dentro de cinco minutos — mande-o sozinho com equipamento para gravação remota, mas coloque a sua disposição um pelotão armado que ficará na retaguarda. O homem terá que entrar e gravar tudo, se possível sem ser notado. Veja a locação pelo monitor. Perguntas?

— Não, senhor — respondeu Makaris e sua boca se fechou como uma armadilha. Antes que desaparecesse da tela do intercomunicador, Spangler viu que ele se virava e ouviu o berro: — Langtree!

Um helicóptero sem prefixo de identificação largou o TS/3 Chad Langtree sobre um teto no cruzamento das ruas Urhart e Idris, e se afastou imediatamente. Langtree se virou, dando uma olhada ao redor, para os tetos dos prédios mais próximos, depois levantou a cabeça para observar a abóbada em cima, iluminada de cinza. Muito alto, viu mais um helicóptero esperando. Era o pelotão de apoio, armado e pronto para interferir. Operações tinham anunciado sua presença, mas um bom agente sabia que não podia confiar em ninguém e era sempre melhor conferir as informações visualmente.

Langtree era um homem magro e pálido, com um fino bigode loiro. Usava uma túnica azul e pantalonas da mesma cor, tudo muito largo para poder ocultar o equipamento amarrado em seu corpo. Seu olho eletrônico estava engastado num broche de filigrana, preso num ombro.

Langtree, apesar de seus trinta e oito anos, possuía um rosto quase desprovido de rugas, e um pouco afeminado. Os olhos estreitos e azuis eram desprovidos de expressão, pareciam quase idiotas: só um observador muito atento poderia descobrir a dureza de seu olhar. Langtree era um sujeito compacto, durão e auto-suficiente. Não gostava de levar coisas sobressalentes. Cumpria seu serviço de maneira eficiente. Quando precisava matar, matava sem hesitação, e conseguia dormir tranquilamente. Ao ser chamado na sala da guarda, apanhara seu equipamento e suas roupas, e depois de subir no helicóptero, se vestiu e ouviu suas instruções. Assim chegou ao alvo em menos de quatro minutos. Sua respiração e sua batida

cardíaca eram perfeitamente normais.

Procurou a saída para a escada. Quando a porta não se abriu, enfiou a mão na túnica e apanhou um instrumento que parecia um alicate. Enfiou a cabeça fina do alicate na fresta entre a porta e o batente e soltou a mola. A porta se abriu no mesmo instante. Langtree começou logo a descer pela escada, enquanto guardava seu instrumento no devido lugar.

Seu passo era elástico, parecia flutuar. No andar térreo abriu o portão com um pouco de cuidado e olhou para a rua. Viu que estava vazia até a esquina e saiu. Não havia ninguém caminhando a não ser uma velhinha metida numa roupa espalhafatosa, estampada de flores vermelhas, que se afastava mancando, em direção da esquina.

Langtree a seguiu, passou por ela com expressão indiferente no momento em que chegava ao cruzamento. Um único olhar para o lado foi suficiente para guardar na memória aquele rosto enrugado: mais ou menos oitenta anos, tez morena, aparência estrangeira, provavelmente dos Mundos Externos.

À direita, na rua transversal, um pequeno grupo de pessoas metidas em roupas coloridas estava se aproximando do portão do armazém. Havia dois homens e uma mulher, de mais ou menos cinquenta anos. e duas crianças, uma mocinha de uns catorze anos e um menino desengonçado e gordo de uns sete. Langtree observou tudo num só olhar e continuou a caminhar. Atravessou a rua.

Chegando na esquina oposta, começou a mancar um pouco. Suas feições deslumbradas se crisparam, como pela dor. Começou a mancar de maneira mais exagerada enquanto passava no canto do prédio, e parou apoiando uma mão na parede. Inclinou-se, levantou o pé esquerdo e fez de conta que queria tirar o sapato. Nesta posição, e com o corpo levemente virado para direita, podia ver toda a rua e sabia também que seu olho eletrônico estava transmitindo e gravando toda a cena. O portão do armazém agora estava aberto e o grupo de roupas espalhafatosas estava entrando. Os olhos agudos de Langtree perceberam um minúsculo brilho enquanto algo muito diminuto entrava pelo portão acima das cabeças das pessoas. A velhinha dobrou a esquina e estava se aproximando em sentido diagonal, evidentemente se dirigindo para o mesmo portão. O último a entrar foi o garoto gordo e depois o portão se fechou.

Langtree tirou o sapato e depois de sacudi-lo enfiou uma mão, como

a procurar algo. Voltou a calçar o sapato e se endireitou com a mesma expressão vazia de sempre. A velhinha já estava terminando de atravessar a rua. Langtree a seguiu, como quem não quer nada e mediu os passos para alcançá-la no mesmo instante em que ela comprimia o botão da campainha. Quando o portão se abriu e ela entrou, Langtree a seguiu.

Os mosquitos estavam zunindo no pequeno aposento vazio. Ao entrar, Langtree percebeu um imperceptível deslocamento de ar ao lado de sua cabeça, e entendeu que se tratava de um inseto-espião. A velhinha parecia não ter percebido que havia alguém atrás dela. Uma porta se abriu na parede em frente, ao lado de uma porção de coisas empilhadas: apareceu um homem baixinho com cara de fuinha que sorriu para a velha. Langtree se manteve na sua cola, um pouco para um lado. O homenzinho observou a ambos e depois falou com a velha usando um dialeto dos Mundos Externos. Ela respondeu com voz aguda. O homenzinho riu, mostrando seus dentes manchados. Apertou o ombro da velha e a convidou para entrar.

A voz clara e diminuta do receptor implantada atrás da orelha de Langtree falou de repente: — Saudações, mãezinha. Você está pronta para a grande palavra que não foi traduzida? Sim, sim, palavra ininteligível, estou pronta, sempre pronta. Há muito que estou pronta.

Langtree seguiu a velha e o homenzinho voltou a observá-lo e falou depressa, sem que Langtree conseguisse distinguir aquelas palavras estranhas. Sorriu e assentiu. A voz atrás de sua orelha falou: — Vocês estão juntos? Responda: — *Si*. — Mas o homenzinho já colocara um braço em frente de Langtree e estava dizendo uma coisa diferente. A velha, parada, estava virando a cabeça.

— Não conheço você — traduziu a voz atrás da orelha de Langtree. — De onde você veio, a qual grupo você pertence? — Langtree manteve o mesmo sorriso vazio. O homenzinho então fez uma pergunta a velha: A velha respondeu, sacudindo a cabeça.

— Ele está com você? — traduziu a vozinha.

O homenzinho olhou para Langtree friamente. — Acho que deve haver algum malentendido — falou em inglês padronizado, e com um forte sotaque. A vozinha atrás da orelha de Langtree estava dizendo: — Não, nunca o vi antes.

Langtree deixou que seu rosto mostrasse um pouco de perplexidade. — Aqui não é Paterson, número 17906? — perguntou.

— Não, senhor. — O homenzinho sacudiu a cabeça. — Você está do lado oposto da cidade. Este endereço se encontra a dez milhas daqui.

Langtree arrastou os pés, mostrando-se confuso. Depois insistiu, teimoso: — Mas me disseram para pegar o metrô e descer na Praça Imperial — falou. — Você tem certeza que aqui não é...

— Não, senhor — repetiu o outro. Pegou Langtree pelo braço e começou a empurrá-lo em direção ao portão. Langtree tropeçou e depois se deixou levar sem opor resistência. — Desculpe, sinto muito — disse. — Hum... como é que posso chegar onde você disse?

— Pegue o metrô que atravessa a cidade, ou vá para o sul até encontrar as calçadas rolantes — explicou o homenzinho. Langtree já estava na rua. O portão se fechou.

A tela na console de Spangler mostrava uma rua deserta, enquanto Langtree caminhava, e uma outra tela mostrava uma vista aérea do portão do armazém. O rosto de Makaris aparecia, impassível como sempre, na tela do intercomunicador.

— Langtree tentou blefar — explicou Makaris, estalando as palavras como era seu costume. — Valia a pena arriscar, para poder entrar pela porta. Agora será obrigado a tomar o caminho mais difícil. — Parou e acrescentou a contragosto: — Para serviços deste tipo precisamos de agentes com a capacidade de falar os idiomas dos Mundos Externos. As traduções eletrônicas e a retransmissão demoram muito.

— Os agentes não teriam tempo de aprender o idioma antes que este mudasse de novo — observou Spangler.

Makaris assentiu sem mudar a expressão. Virou a cabeça e voltou a falar. — Estão começando a chegar os resultados do levantamento dos residentes originários dos Mundos Externos. Já foi feita uma centena de entrevistas, disfarçadas em pesquisa de opinião, e a percentagem até agora está na base de vinte e três.

— Faça um teste de computador — disse Spangler.

— Já fizemos isto, Comissário. A correlação com a reunião no armazém é de cinquenta e um por cento, mais ou menos três. Isto significa...

— Significa que já deve haver perto de oitocentos originários dos Mundos Externos reunidos naquele armazém. Como é que isto chegou até este ponto antes que tivéssemos um sinal qualquer, mesmo uma dúvida?

Makaris ficou em silêncio.

— Qual é a indicação do computador a respeito do intuito da reunião?

— Não temos ainda dados suficientes. Insurreição, quinze por cento, mais ou menos oito. Sabotagem, onze por cento, mais ou menos seis. Correlação com atividades Rithianas, sete por cento...

— Está bem, Makaris. Quero unidades blindadas pesadas e unidades de artilharia prontas para entrar em ação, no metrô em volta daquela área. E os olhos eletrônicos?

— Temos vinte no interior do prédio, Comissário, no interior de ventiladores, debaixo de portas e assim por diante. Por enquanto, nenhum deles conseguiu penetrar naquela parte do armazém. As portas anti-incêndio estão fechadas e eles não conseguem passar.

— E os ventiladores?

— Ainda estamos procurando as plantas do prédio nos arquivos. E para não perder tempo, estamos tentando também encontrar uma entrada simplesmente procurando pelas paredes. Sem resultados, por enquanto.

Spangler praguejou e voltou sua atenção para a tela central, onde havia um pouco de movimento. Um casal gorducho estava se aproximando do portão do armazém. Ambos levavam pela mão uma criança de seis ou sete anos.

— As crianças! — exclamou Spangler. — Eu não entendo este detalhe, Makaris. Será que este pessoal é a tal ponto decaído...

Uma nova tela se iluminou e Spangler viu o portão se abrir enquanto aumentava de tamanho. Percebeu a cabeça de um homem enquanto o olho eletrônico passava a seu lado. Um momento de escuridão, imagens distorcidas e finalmente tudo se estabilizou. O homem de cara de fuinha estava se aproximando dos recém-chegados.

— Arro, Manel, Deli. Como gran su niyo!

— Mesi, Udo. Mi Frank ay ja set ano!

Spangler percebeu quando as palavras começaram a aparecer na tela das traduções e leu distraidamente.

ALÔ MANEL DELI COMO GRANDES SEUS FILHOS

OBRIGADO UDO MEU FRANK JÁ TEM SETE ANOS

Spangler se retesou. O grupo parado na porta se aproximou, enquanto o inseto-espião voava naquela direção. A porta se abriu, aumentou — o olho eletrônico passou por ele.

Um corredor, uma porta, um brilho leitoso e depois mais nada. A tela escureceu.

— De novo! — gritou Spangler e bateu o punho na console

Pembun e um homem grisalho e de expressão triste, de uns sessenta anos, estavam sentados sobre algumas caixas num aposento isolado no interior da casa, ambos com um pequeno copo de licor aro-mático na mão.

— Então, Enri? — falou Pembun, erguendo o copo.

Enri Rodriz sorriu carinhosamente, sem perder seu olhar triste e também ergueu o copo.

— À paz — disse Pembun.

— À paz. — Beberam e estalaram os lábios. — Muito bom — comentou Pembun.

— É do melhor, meu velho amigo. Na Terra eles não sabem fazer conya igual a este, e existe uma legislação estúpida que proíbe a importação, a não ser para uso pessoal. Diga-me, por que um governo deve ter o direito de impor às pessoas o que podem e não podem beber?

— Vamos falar de coisas mais agradáveis — disse Pembun. — É possível que esta seja nossa última ocasião para podermos brindar juntos. Eu ainda me sinto forte como sempre, mas francamente, Enri, você não está rejuvenescendo.

Os olhos escuros de Rodriz brilharam, fingindo raiva. — E você tem a audácia de me dizer isto assim, de cara a cara? Será que você já se esqueceu da ocasião em que o ergui pelos tornozelos — por Deus, e com u'a mão só! — e o joguei na carreta cheia de estrume?

Pembun assentiu, balançando a cabeça com ar solene. — É verdade, Enri. Quando saí da carreta estava cheirando igualzinho a você.

Rodriz gargalhou: — Por ser um homenzinho deste tamanho, você tem mesmo uma língua ferina!

— Afiada como o ferrão do escorpião que sua irmãzinha caçula escondeu na toalha.

Rodriz fez uma careta. — Ai, ai — exclamou, recordando e esfregou um quadril com a mão enorme. — Ela era uma moleca impossível. Você sabe que já tem três netos, também moleques?

Pembun sacudiu a cabeça. — Eu sempre me lembro dela tão pequenina que era capaz de passar debaixo da barriga do jegue. Nem consigo imaginá-la de outro jeito, Enri, porque só me lembro dela mostrando a língua.

— Crianças — disse Rodriz. — Às vezes penso que as crianças agora são insuportáveis, mas na realidade, fomos muito piores. — Apanhou do chão uma garrafa de gargalo fino e comprido e voltou a encher os copos.

— Às crianças — disse Pembun.

— Sim, às crianças. — Beberam e voltaram a estalar os lábios. — Se ao menos a gente pudesse voltar às montanhas de Combé — comentou Rodriz em tom sentimental. — Mas um homem faz o que deve fazer.

— Algumas coisas são menos agradáveis que as outras — disse Pembun. Ambos olharam para uma caixa de papelão comprida e fechada, colocada sobre dois grandes caixotes.

— Verdade, velho amigo. Quando penso em todas as horas de trabalho que foram despendidas para isto, sem mencionar o resto! Os planos, os segredos, tudo feito durante as noites — por semanas e meses!

— Ainda assim, não é você que precisa usá-lo. Você deveria ter pensado nisto há muitos anos, quando eu estava em algum lugar muito distante, e a salvo.

— Naquela época não havia bastante dos nossos por aqui. Estávamos todos espalhados. Mas esta não será a última vez, Jawj, pode acreditar.

— Pode ser a última para mim.

— Coragem — disse Rodriz, despejando mais bebida nos copos. — Beba, amigo. Você está pálido e precisa disto.

Ouviu-se, uma batida na porta. Um moço todo suado entrou, fechou a porta e se encostou nela. — Pelo amor de Deus, você ainda não está pronto? Não posso contê-los por muito tempo.

Rodriz se virou com um pouco de esforço para vê-lo. — Calma, calma — recomendou. — Você não acha que está faltando de consideração? Um homem não pode fazer uma coisa desta com a mesma rapidez como pôr um chapéu. Precisa de uma preparação espiritual. Quando ele estiver pronto, estará pronto, entendeu? Já esperaram até agora e podem esperar mais alguns minutos.

— Você não falaria assim se você estivesse lá fora — protestou o moço, indignado. Olhou para os dois homens, abriu a boca para falar mas voltou a fechá-la conformado, e saiu.

— A impaciência — ponderou Rodriz. — Parece que hoje em dia é um mal generalizado.

— Mas ele está certo — disse Pembun. — Se eu ficar sentado aqui por mais tempo, Enri, acho que vou ficar mais nervoso ainda. Não posso dizer que estou pronto, mas que diabo! Vamos em frente!

— Primeiro, vamos tomar mais um gole — insistiu Rodriz. Encheu os copos. — Boa vontade entre todos os homens.

Beberam. Pembun largou o seu copo com cuidado e se levantou. — Está bem, abra a caixa e me mostre esta droga.

Rodriz tirou um canivete elétrico do bolso e começou a abrir a comprida caixa de papelão. Levantou a tampa. Em seu interior havia uma roupa dobrada, feita de material pesado, com um brilho fosco. Pembun passou seus dedos pelo seu comprimento, com, ar ausente. Finalmente os dois homens tiraram a coisa da caixa, desdobrando-a. Rodriz a ergueu para Pembun ver melhor. Parecia a pele de uma enorme ave. As asas gigantescas arrastavam no chão, a cabeça grotesca embutida e com um bico considerável, balançou como se o pescoço estivesse quebrado.

Pembun observou a fantasia com ar sério, depois sentou-se num caixote e tirou os sapatos. Rodriz ficou a esperar, observando-o em silêncio e com simpatia, enquanto Pembun tirava o resto de suas roupas, ficando apenas com as de baixo. Depois abriu a parte da frente da fantasia e segurou as pernas enquanto Pembun enfiava os pés. As patas da ave eram monstruosas, completas de garras.

Pembun enfiou os braços nas mangas, e depois os ergueu. As asas cobertas de penas cinzas se abriram farfalhando. Rodriz apertou o fecho sobre a barriga proeminente de Pembun e a junção desapareceu. — Fique quieto um minuto — murmurou. Passou atrás de Pembun e ergueu a cabeça da ave, colocando-a cuidadosamente sobre a cabeça de Pembun. Voltou para a frente e ergueu o fecho até à altura do queixo.

Em vez de Pembun, agora havia um gigantesco pássaro cinza e cristado que olhava para Rodriz por cima de um bico amarelo e cruel. — Como é que estou? — perguntou a voz abafada de Pembun.

— Magnífico! — exclamou Rodriz, com o rosto animado pela excitação. — *Tés pelloké gri!*

O disco luminoso projetado pela lanterna que Langtree levava na mão o precedia balançando enquanto avançava pelo subnível do porão. Enquanto descia, a pele de suas costas e de sua nuca continuavam a se arrepiar pela preocupação. As palmas de suas mãos e sua testa estavam ficando banhadas de suor.

Langtree não gostava de lugares escuros e fechados. Era o seu único ponto fraco: originava-se em alguma longínqua experiência infantil que os psiquiatras não tinham conseguido individuar. Langtree tinha consciência desta fraqueza e não permitia que ela influenciasse suas decisões enquanto estava executando um serviço. Mesmo assim, o nervosismo aumentava enquanto se adentrava sempre mais neste labirinto debaixo do porão do velho armazém. Percebia a escuridão que o envolvia e parecia pressioná-lo de todos os lados: precisava fazer um esforço enorme para lançar o feixe de luz para todos os lados e ver o que havia em sua volta.

Não ouvira até aquele momento qualquer som, a não ser o de seus próprios movimentos, sabia que na escuridão não havia nada, que nada

podia observá-lo... Não estava assustado por algum motivo específico, só tinha medo da própria escuridão. A escuridão e a sensação de estar embaixo da terra. Se sua lanterna se apagasse...

A mão de Langtree apertou a lanterna com mais força. Ela não ia se apagar. Possuía uma pilha atômica que podia ficar em uso continuado durante um século. De qualquer forma, só precisava chegar perto de uma escada qualquer que o levasse para o alto, para a parte posterior do grande armazém — e aí estava a escada, no disco de luz, com seus degraus cinzas e cheios de poeira, com corrimão de tubo metálico, levando até uma porta maciça do tipo anti-incêndio.

Langtree subiu depressa e parou, contrariado. A porta estava fechada por duas pesadas barras de aço, soldadas atomicamente aos batentes de ambos os lados.

— Relatório — disse a voz diminuta atrás de sua orelha e acrescentou: — Qual é a dificuldade, Langtree?

Antes de responder, Langtree se certificou que sua voz seria firme: — Entrada impossível sem o uso de maçarico — anunciou. — Espere um minuto. — Houve um intervalo prolongado e a vizinha voltou a se manifestar. — Negativo, Langtree. Procure outra saída.

— Entendido — respondeu Langtree, seco. Voltou a descer as escadas e se adentrou pelo porão.

O disco saltitante de luz continuava a precedê-lo e a escuridão em sua volta parecia ficar cada vez mais densa. A planta do armazém gravada em sua mente indicava que se encontrava exatamente debaixo daquela parte que desejava alcançar... viu mais uma escada e outra porta anti-incêndio, igual à primeira, também barrada. Jogou o feixe de luz para todos os cantos. O local enorme estava vazio, só havia uma estrutura metálica abobadada num canto.

Continuou e encontrou uma terceira escada, inútil como as duas anteriores.

A escuridão parecia fluir em sua volta, agarrando-se às suas costas como uma névoa fria. Pensou por um instante que se anunciasse simplesmente que não existia saída nenhuma, isto só poderia significar um atraso. Ninguém saberia de nada, não haveria anotação desabonadora em sua ficha... Entretanto já tinha percebido algo.

Voltou, caminhando diagonalmente em direção ao incinerador. O escorregadouro ainda estava ligado, era um cano metálico quadrado com uma largura de um metro e vinte centímetros, que do teto caía para o incinerador.

Iluminou o interior do incinerador e viu o buraco negro no topo. Cerrou os dentes e só conseguiu abri-los com muito esforço.

— Vou subir — disse Langtree.

Uma tela maior da console de Spangler estava agora mostrando um diagrama de computador composto de muitos pontos com linhas de junção. Os pontos vermelhos representavam residentes da cidade, originários dos Mundos Externos que podiam ser alcançados por visifone. Os pontos pretos eram os que já tinham atendido ao chamado. As linhas de junção eram associações confirmadas entre os próprios. Mesmo à primeira vista, resultava óbvio que muitos pontos vermelhos e os poucos pontos pretos formavam dois grupos diferentes, com pontos de contato.

— Aqui está o relatório da Computação — disse Makaris. Seu rosto era muito sério. — Chamados feitos, quinhentos e sete. Porcentagem de ligações completadas caiu para nove ponto cinco. A correlação com a reunião no armazém resulta de oitenta e sete por cento, mais ou menos um.

— Qual é o propósito da reunião? — perguntou Spangler.

— Insurreição, trinta e um por cento, mais ou menos dois. Sabotagem, vinte e seis por cento, mais ou menos dois. Tentativa clandestina de abandonar a Terra, dezoito por cento, mais ou menos quatro. Correlação com as atividades Rithianas, onze por cento, mais ou menos três.

— Certo, isto já é o suficiente — disse Spangler. Olhou para o memex aberto sobre a mesa. — Plano H, 103, alerta vermelho.

— Recebido — respondeu Makaris. Com Makaris nunca era necessário repetir qualquer coisa e ele nunca parecia surpreso ao receber qualquer ordem. Era um bom subordinado — talvez até bom demais. Spangler já tinha se dedicado a este tipo de considerações em ocasiões anteriores. Pelo menos neste momento Makaris não representava um perigo. Não seria desagradável pensar em Makaris ocupando o cargo de Comissário, em certas circunstâncias específicas... se por exemplo Spangler fosse ocupar o lugar de Keith-Ingram...

O Plano H 103 era mais um dos muitos planos pormenorizados que

estavam guardados nos arquivos do Departamento de Segurança e lá se encontravam há mais de um século. Previa a prisão preventiva de até dez mil alienígenas em condições de segurança máxima. Neste mesmo instante as ordens estavam chegando aos centros de detenção para ativá-los, distribuir o pessoal e os equipamentos.

Apesar de sua euforia, Spangler sentiu uma ponta de desprezo pelos seus adversários. Era como um jogo de xadrez — as intenções de ambas as partes eram desconhecidas e só poderiam ser deduzidas pelos movimentos feitos sobre o tabuleiro. Spangler porém podia colocar em jogo uma quantidade infinita de pedras — pedras poderosas, que não obedeciam a nenhum regulamento — rainhas blindadas, bispos armados de metralhadoras...

Uma das telas menores ainda mostrava o exterior do armazém: a porta estava fechada. Outras quatro telas mostravam os esquadrões armados, com seu equipamento de choque, amassados sobre os tetos em proximidade do armazém: a sexta, a sétima, a oitava, os contornos achatados de unidades de artilharia nos túneis do metrô, onde qualquer movimentação civil parecia ter cessado. A nona, décima e décima primeira tela mostravam variações das mesmas vistas — o interior da entrada do armazém, atrás do portão fechado.

Spangler fez uma resenha mental de todas as medidas tomadas até aquela hora para fazer frente à situação e não conseguiu encontrar nenhuma falha. Estava tentando apurar uma situação possivelmente sediciosa, valendo-se de meios que não despertariam uma atenção desnecessária entre os residentes originários dos Mundos Externos. Todos os estágios eram progressivos e encadeados e poderiam progredir até um desdobramento de forças suficientes para esmagar uma insurreição armada.

Resistira terminantemente à tentação de prender os indivíduos originários dos Mundos Externos quando chegavam ao local da reunião. Seguia assim as instruções ao pé da letra — a rede devia ser fechada a uma certa distância, para não perder nenhum peixe. Mesmo assim, percebeu que não se sentia perfeitamente à vontade. Poderia ter esquecido alguma coisa?

Um movimento aguçou sua atenção. Na tela que mostrava o exterior do armazém havia mais duas figuras se aproximando — uma mulher muito gorda e um garoto magricela. O portão se abriu e ambos entraram.

As três pequenas telas do interior mostraram a cena que já se tornava

familiar. O homenzinho apareceu, ostentando seu largo sorriso.

— Ben, ben, a von ora — pesh!

— No so tardé?

— No, no, a von ora.

A tela das traduções anunciou:

VENHA VENHA EM BOA HORA DEPRESSA

NÃO ESTAMOS ATRASADOS

NÃO NÃO...

Spangler começou a ficar tenso. No momento em que a mulher e o garoto se aproximaram da porta interna, ela começou a aumentar em todas as três telas menores. Três olhos eletrônicos estavam tentando penetrar ao mesmo tempo.

As cabeças da mulher e do garoto aumentaram desmedidamente até desapareceram por completo. As três telas voltaram a mostrar um movimento confuso e, como já acontecera antes, um repentino brilho, só que desta vez, Spangler conseguiu vislumbrar numa das telas u'a mão erguida, segurando um cilindro de plástico colorido, e um pouco mais atrás, um rosto amorenado.

Houve um intervalo e uma tela um pouco maior se iluminou. O olho eletrônico parecia proceder em câmara lenta, como num sonho. Então, se virou: a mão erguida que segurava o cilindro colorido voltou a aparecer. Uma nuvem de partículas brilhantes se desprende da ponta do cilindro, expandindo-se vagarosamente.

Spangler quase não percebeu a dor do impacto de seu punho fechado sobre a escrivaninha. Estava quase sufocando pela indignação.

— É *inseticida*, pelo amor de Deus!

No escorregadouro do lixo, escuro e estreito, Langtree, dobrado em

ângulo reto como um alpinista escalando uma chaminé de rocha, estava subindo, pé ante pé. Sua lanterna de mão espalhava uma luminosidade amarelada sobre as paredes do escorregadouro mais em cima, mas a escuridão parecia empurrá-lo de baixo, exercendo uma pressão insistente e inexorável. Suas costas comprimiam um lado do escorregadouro e as plantas dos pés se apoiavam no outro. Suas costas e os músculos de suas pernas já tremiam pelo esforço prolongado, apesar dele ter conseguido subir apenas alguns metros. O ar e a luz se encontravam num ponto qualquer acima de sua cabeça. Sabia que qualquer dia chegaria lá e poderia voltar a exercer as suas funções. Por enquanto, só havia uma escuridão sufocante, a pressão daquele tubo e seus próprios movimentos vagarosos e doloridos enquanto tentava erguer o corpo.

Lá no alto, o feixe da lanterna encontrou algo esquisito, uma linha fina e escura sobre a parede. Langtree ficou a observá-la com o pescoço torcido para trás. Sons distantes desciam pelo tubo — uma espécie de murmúrio de vozes, alguns gritos isolados, tudo muito confuso. Lá estava seu alvo. Só precisava se controlar mais um pouco para poder alcançá-lo, subindo sem parar. Fez força com as pernas e sentiu suas costas rasparem a superfície do tubo enquanto se erguiam. O suor estava a lhe escorrer pelas costelas. Ergueu um pé, depois o outro: a túnica estava encharcada e colada em seu corpo, mas estava subindo. Parou para descansar; voltou a empurrar, com os músculos trêmulos. A linha escura sobre a parede estava se aproximando. Os sons eram mais altos.

Esta gente dos Mundos Externos — ele a detestava. Todos tinham rostos amorenados, feios, rudes... O pensamento o ajudou a encontrar forças para subir mais um pouco. A escuridão o estava perseguindo, comprimindo-o no interior daquele escorregadouro, como um punho que apertava sua garganta, impedindo-o de respirar direito... Langtree cerrou os dentes e se empurrou para cima.

Enquanto se aproximava, centímetro por centímetro, da linha escura, os sons se faziam mais altos e mais distintos. Afastando o feixe de luz, já conseguia distinguir uma fina réstia de luz amarela marcando três lados de um retângulo. Era a saída, a porta. Estava chegando ao alvo.

O barulho estava se transformando num rugido. Respirando com dificuldade, Langtree subiu pelo último metro até que conseguiu plantar os pés bem acima do quadrado que delineava a porta. O barulho era tão forte que fazia vibrar as paredes do escorregadouro, ribombando em sua cabeça

e impedindo-o de pensar. Recolheu suas últimas reservas de energia e chutou a porta que se escancarou, deixando passar uma explosão de vozes e uma luz ofuscante. Langtree sentiu que estava escorregando. Agarrou o topo da porta com verdadeiro desespero, segurou com força e deixou que seu corpo se projetasse para frente, caindo numa enorme confusão de sons e cores. Algo enorme e absurdo estava se aproximando dele, balançando no ar... tinha asas, olhos cruéis... Quando conseguiu encontrar o equilíbrio e ficar de pé sobre suas pernas trêmulas, muitas mãos o agarraram pelas costas. Alguém enfiou um capuz preto em sua cabeça, cobrindo-lhe o rosto. Uma sensação nas palmas de suas mãos — os dedos se fecharam em volta de um objeto comprido e pesado... Um porrete, uma arma! Tudo estava acontecendo muito depressa, não conseguia pensar, não conseguia recuperar o controle. Alguém o empurrou... tropeçando, numa escuridão total, foi ao encontro daquela coisa impossível...

Agarrou o porrete com ambas as mãos, agitando-o com a força ao pânico. Sentiu o impacto até o ombro — algo tinha se quebrado com um estrondo e em sua volta havia uma cafonía de urros e berros. Langtree também estava gritando, seus lábios estavam cobertos de espuma, mas não conseguia ouvir sua própria voz. Não sabia onde estava o porrete. Seus dedos em garra procuravam arrancar o pano preto que lhe cobria o rosto. Conseguiu puxá-lo por cima de sua cabeça e ficou a piscar, com os olhos feridos pela claridade.

Suspenso por uma roldana afixada no teto, um enorme pássaro cinza oscilava no ar — suas asas estavam abertas e os olhos amarelos o fitavam com ferocidade. De suas patas providas de enormes garras pendia algo — um objeto rodopiava preso a uma corda — e mais embaixo ainda, em volta de Langtree uma multidão de crianças, centenas de crianças, estavam se atropelando uma com a outra, se empurrando para poder chegar ao grande monte de objetos coloridos espalhados no chão, debaixo do pássaro cinza.

Uma garotinha com as faces coradas se endireitou segurando algo com ambas as mãos. Suas tranças rígidas terminavam em dois enormes laços cor-de-rosa. Segurava uma boneca — uma boneca pintada e colorida. Um garoto com a túnica toda amarrotada estava tentando sair daquela confusão carregando um carrinho vermelho...

Os objetos no chão eram brinquedos e saquinhos brilhantes de plástico cheios de doces. Langtree não estava entendendo mais nada. Seu cérebro parecia paralisado pela rapidez dos acontecimentos, pelo barulho,

pelos gritos. O objeto que girava acima de sua cabeça, preso aos pés do pássaro cinza, era a parte superior e quebrada de um grande vaso de barro. A superfície estava pintada, ostentando flores coloridas e estrelas entre franjas brilhantes de papel prateado, coladas sobre o verniz.

Langtree conseguiu ver os cacos entre os brinquedos espalhados. Era este o objeto que quebrara com a porretada: e o porrete também estava no chão.

Viu que os homens e as mulheres com suas roupas coloridas estavam se aproximando, cercando-o. Alguém agarrou seu braço pronunciando uma frase incompreensível. Livrou-se com um movimento convulsivo e deu um passo para trás, para se afastar, mas esbarrou na superfície metálica da porta da lixeira. Sua mão apanhou a arma que levava ao cinto e apontou contra os estranhos. — Fiquem afastados! — gritou. — Estão todos presos!

Mantinha o corpo encolhido com todos os músculos retesados, pronto a atirar ao primeiro sinal de movimento. Ao mesmo tempo, porém, compreendeu, com um surto de desespero, que algo estava fundamentalmente errado.

O salão enorme era ornamentado com bandeirinhas e tiras de papel crepom colorido. O barulho em sua volta estava esmorecendo um pouco, enquanto os rostos começavam a se virar em sua direção. Havia centenas de alienígenas, todos vestidos para festa, com túnicas engomadas e roupas estampadas com flores; e centenas de crianças limpinhas e lustrosas, com os cabelos penteados e brilhantes...

Parecia uma cena de pesadelo. Viu a enorme ave cinza dobrar uma asa, aproximando-a à cabeça, o bico cruel se ergueu, e logo abaixo apareceu um rosto humano. Era um rosto largo, amorenado que o fitava com uma expressão surpresa e preocupada — um rosto que ele reconheceu.

Alguém estava gritando: — Paga, paga, paga! — O vozerio confuso diminuiu mais um pouco.

— Eu sei quem você é — arfou Langtree sem conseguir desviar os olhos. — Pembun, de Manhavam. Ninguém se mexa! — Sou o sargento Langtree, da Segurança. Quero saber... exijo uma explicação!

O pássaro cinza falou algumas palavras em tom enérgico, usando um idioma estrangeiro. Os homens que se encontravam em volta de Langtree pularam para frente e começaram a afastar as crianças. Logo a seguir, o

pássaro começou a balançar, desceu um metro, balançou mais um pouco. O topo do jarro quebrado estalou, batendo contra o chão, resvalou e se arrastou. Depois o pássaro que era Pembun parou em frente de Langtree, abrindo seu peito de penas cinzas empurrando a cabeça da ave por cima de sua testa suada.

— Houve um mal-entendido, sargento — falou Pembun. — Receio que seu esforço para chegar até aqui tenha sido inútil.

Langtree sentiu a boca seca. Sua língua não conseguia se mexer direito: — Mas isto... tudo isto...

— O rosto de Pembun parecia triste. — Sargento — murmurou — na Terra não existe nenhuma lei que proíba celebrar o Natal, não é mesmo?

CAPÍTULO 3

O fluxo do trânsito da Colina da Administração era extremamente complexo. Procissões de carros de alta velocidade, de carros voadores e de limousines confluíam, se misturavam e voltavam a se separar; os transportes intramurais se moviam por linhas zigueza-gueantes entre os veículos maiores e se locomoviam pelos canais intradepartamentais que lhes eram reservados. Retornos circulares e quadripartidos comandavam e distribuíam o trânsito. A todo instante, veículos se destacavam da corrente, descarregavam ou apanhavam passageiros e voltavam a partir. Todos os veículos eram silenciosos, mas no complexo produziam um zunido leve que se misturava ao outro zunido geral das conversas. O total se parecia ao som de um enorme dínamo em marcha lenta.

No meio de toda esta confusão, os movimentos de Pembun representavam uma linha ondulante e fina. Por outro lado, quando passava, provocava uma onda de risos que se espalhava até longe.

No cruzamento dos corredores Baker e Zero Um, tentou descer de sua cadeira rolante antes que ela tivesse chegado a parar. O campo de segurança da motoneta o apanhou a meio caminho e o manteve assim, meio dentro e meio fora da motoneta, como um besouro furioso, até que foi possível descer sem perigo.

Houve um coro de gargalhadas e um certo número de operadores do Trânsito, que não tinha nada mais importante a fazer, o seguiram até o refeitório da Secção D.

O homenzinho parecia confuso pela experiência com a motoneta. Pisou na esteira rolante no interior do refeitório e ficou parado, observando o salão que passava ao seu lado. Terminou um circuito completo, passando ao lado de um bom número de mesas vazias, e começou o segundo circuito.

Os operadores de gravações e do código começaram a cutucar os amigos mais próximos, para apontar Pembun.

No final do terceiro circuito Pembun pareceu perceber que seria melhor descer da esteira rolante. Esticou um pé com cuidado, mas desistiu. Olhou para a direção oposta, decidiu que era muito pior e assim voltou a completar o circuito. A este ponto pareceu tomar uma decisão ditada pelo desespero e desceu da esteira que se movimentava a baixa velocidade. Entretanto, seus pés ficaram enrolados. Pembun acabou se sentando no chão e o impacto fez o chão vibrar. As gargalhadas voltaram a se propagar. Um homem sentado numa mesa perto da esteira se engasgou e alguém teve que lhe bater nas costas, para terminar seu acesso de tosse. Pessoas que estavam comendo em mesas mais afastadas se levantaram para ver o que estava acontecendo. Uma outra meia dúzia de pessoas, fazendo esforços heróicos para controlar o riso, se precipitaram para ajudar Pembun a se levantar.

Pembun voltou a sair do refeitório. Um guia oficial de quepe azul se aproximou para ver se podia ser-lhe útil, mas Pembun, acompanhando as palavras com gestos violentos, explicou que estava bem e sabia perfeitamente onde queria ir.

Sua espinha doía do cóccix até a nuca. Naquela manhã já tinha se deixado cair ao chão da maneira mais desajeitada por seis vezes e previa que deveria fazê-lo mais vezes ainda.

Sentia-se muito ridículo — afinal, aquele lugar era realmente *enorme*! — mas passou pela borboleta na entrada do refeitório, chamou outra motoneta e se deixou levar pelo corredor por um meio quilômetro.

Um grupo estava saindo para o passeio, vindo de um escritório. No meio, viu duas pessoas que conhecia: o coronel Cassina, com seus

avantajados bigodes pretos e seu ajudante impassível, o capitão Wei. Pembun agitou a mão freneticamente para cumprimentá-los e mais uma vez tentou descer da motoneta antes que estivesse parada.

Agitou-se quando percebeu a sensação desagradável do formigamento produzido pelo campo de segurança. Quando finalmente conseguiu colocar os pés no chão, se apressou, derrapou, perdeu o equilíbrio, e mais uma vez...

O grupo assumiu uma expressão coletiva de alegria incrédula e contida. Ouviram-se gargarejos abafados, como de encanamentos defeituosos; duas moças não conseguiram suprimir uma gargalhadinha nervosa; mais sons abafados chegaram da retaguarda. O coronel Cassina bufou uma vez, produzindo o som característico que emitia em sinal de alegria. Até o impassível capitão Wei não conseguiu controlar uma série de sons que poderiam ser reproduzidos com a grafia de "Tchi, tchi, tchi!"

Mãos bem intencionadas agarraram Pembun ajudando-o a se levantar e depois limparam a poeira de suas roupas com uma série de palmadinhas. Cassina, voltando a assumir a expressão severa habitual, falou: — Nunca desça antes que a maldita coisa esteja parada, homem. Assim, você evitará de se machucar. — Afastou-se mas logo voltou, talvez pensando que o fato deveria ser frisado com mais insistência: — Não desça antes que a coisa esteja parada. Entendeu?

Pembun assentiu sem falar. Com a boca semi-aberta observou Cassina e Wei subir numa cadeira dupla que os levou em direção do corredor Baker.

Ao mesmo tempo apareceu Gordon, um pouco despenteado e ofegante. — Até que enfim! — gritou. — Senhor Pembun, estou procurando pelo senhor há uma hora! O senhor não percebeu que o seu comunicador estava zunindo?

Pembun observou a caixinha atada ao seu pulso com uma correia. A tampa estava toda virada para a esquerda. — Puxa — disse. — Não me lembrava disto, senhor Gordon. Pelo jeito, deixei esta geringonça completamente desligada.

Gordon sorriu apenas com os lábios. — Ainda bem que o encontrei, senhor. Pode vir até o escritório do Comissário? Ele está esperando pelo senhor.

Sem esperar pela resposta, Gordon acenou para uma motoneta dupla e ao mesmo tempo falou no comunicador em seu pulso.

— Ótimo — comentou Pembun. — Para lhe dizer a verdade, eu estava mesmo querendo ir para lá, de qualquer jeito.

Sentou-se na motoneta de frente e seguiu a recomendação de Cassina. Esperou a cadeira parar completamente e desceu sem qualquer dificuldade. Entrou no escritório de Spangler com o rosto todo animado.

— Sinto muito ter provocado dificuldades — disse. — Estava pensando apenas no que estava fazendo e não reparei que meu comunicador estava desligado.

— Não faz mal, senhor Pembun — respondeu Spangler com paciência ferrenha. Havia se passado três dias desde o fracasso da operação no armazém, e durante todo aquele tempo Spangler e Pembun não tinham mencionado o assunto. Tratavam-se com cerimônia e cortesia. — Suas sugestões estão sendo seguidas — disse Spangler. — Meu superior imediato me pediu para lhe perguntar se o senhor pode nos ajudar mais um pouco, indicando um eventual sistema de ataque — preferivelmente algo que não leve dois ou três meses antes que cheguemos a ver o resultado.

— Eu estava pensando exatamente nisto — respondeu Pembun — e não conseguia me lembrar de qualquer coisa que fosse positiva. Mas não importa. Tive uma outra idéia, e tive muita sorte. Encontrei seu Rithi.

O rosto de Spangler endureceu e Pembun acrescentou: — Trata-se do ajudante do coronel Cassina, o capitão Wei.

Spangler quase se engasgou enquanto perguntava: — Você tem certeza que... — Parou, bateu numa tecla na extremidade da mesa e começou do começo. — Esta conversa está sendo registrada, senhor Pembun. O senhor acaba de afirmar que encontrou o Rithiano, e que ele é o capitão Wei. Por favor, explique como chegou a esta conclusão.

— Será melhor começar pelo começo — falou Pembun — porque se eu não o fizer, a coisa poderia parecer incompreensível. Veja, eu imaginava que o Rithi devia estar um pouco preocupado. Como já disse, não por causa do fluoroscópio, porque aquilo era fácil de superar, mas por causa do embargo mundial. A mais, ele podia temer que o senhor colocasse a funcionar alguma outra máquina, mais eficiente que um fluoroscópio. Daí, achei que possivelmente ele estaria se ocultando no meio das pessoas

que o estavam procurando. Seria a maneira mais fácil de evitar os esquadrões de busca e poderia proporcionar as ocasiões de transpor o cordão de isolamento. Acho que foi por isto que ele escolheu o coronel Cassina. E pensei também que devia tê-lo feito por achar que a coisa era engraçada.

— Decidi então passear por todos os lados dando às pessoas uma oportunidade de rir às minhas custas. Foi um pouco difícil porque, como já lhe expliquei, os Rithi têm um senso de humor meio primitivo. Daí, se alguém cai sentado à vista de um Rithi, ele precisa rir, não consegue se controlar. Foi o que aconteceu com o capitão Wei. Eu já ouvi as gargalhadas dos Rithi. Elas se parecem muito com o riso humano, se alguém não prestar muita atenção, mas quando uma pessoa já conhece o jeito, nunca mais poderá se enganar. Comissário, estou lhe dizendo a verdade. O capitão Wei é o Rithi.

Spangler ouvia com os lábios comprimidos. Colocou a mão sobre o intercomunicador. — O dossiê do capitão Wei — falou.

— Permita mais uma observação, Comissário: não sei se ele sabe que eu o reconheci. Mas se ele souber que o estamos procurando e não conseguirmos apanhá-lo depressa, ele poderá fazer algo muito desagradável.

Spangler lançou a Pembun um olhar de profunda irritação e abriu a boca para dizer alguma coisa, mas o intercomunicador zuniu. Spangler colocou sua mão em cima e perguntou: — Então?

A voz preocupada de Gordon anunciou: — Não existe *qualquer* dossiê do capitão Wei, Comissário. Não entendo como é possível. O senhor quer que eu entre em contato com o Arquivo Distrital de Denver?

Spangler lançou mais um olhar a Pembun, um olhar que mostrava sua excitação, seu profundo antagonismo e, ao mesmo tempo, respeito involuntário. Disse: — Deixe isto para mais tarde, Gordon. Agora, procure o coronel Cassina e depois chame a sala da guarda. Quero que todo o pessoal treinado na luta contra os Rithianos e que esteja disponível, fique de prontidão, com o equipamento completo. *Agora mesmo.*

Não podia haver mais qualquer dúvida: o "capitão Wei" era o espião

Rithiano. De uma maneira qualquer, num lugar qualquer, tinha encontrado o coronel Cassina, conseguido sua amizade, ou pelo menos conseguira ficar em sua companhia pelo tempo suficiente para se apoderar de sua mente. Sem dúvida, conseguira convencê-lo que "Wei" era um velho e querido amigo, um antigo e estimado colaborador e que agora "Wei" poderia aceitar o novo cargo e que por este motivo Cassina já tinha tomado as providências necessárias para a sua transferência.

Ao ser apresentado por Cassina, ninguém tinha levantado qualquer questão a respeito do suposto oficial chinês. Entretanto, não existia qualquer dossiê para este nome. O "capitão Wei" não existia.

Spangler estremeceu ao pensar que até aquele momento o monstro convivera com eles, assistindo às reuniões e ouvindo tudo que estava sendo planejado para capturá-lo. Devia ter feito esforços terríveis para não desatar a rir.

Entretanto, o fato mais amargo era ter que agradecer a Pembun por tê-lo descoberto. Se qualquer dia o público ficasse sabendo que um estrangeiro com cara redonda como a Lua tinha resolvido o problema de Spangler, com o simples estratagema de cair sentado em vários lugares da Colina da Administração...

Spangler afastou o pensamento com impaciência. Estavam perto da porta do escritório de Cassina. "Wei" se encontrava no escritório menor, logo atrás deste, com uma porta para o escritório de Cassina e uma outra para escritórios externos.

Viu quando o comandante do esquadrão ergueu o relógio para perto do ouvido. A outra metade do esquadrão já devia ter chegado aos escritórios externos para evacuá-los o mais silenciosamente possível. Devia estar na hora de entrar.

O chefe do esquadrão abriu a porta e Spangler entrou primeiro, seguido por Pembun e os cinco homens, todos equipados com projetores de campo paralisante e metralhadoras Mark XX — armas energéticas capazes de decepar um braço, uma perna ou um tentáculo quando acionadas por uma pessoa bem treinada.

Os agentes vestiam roupas anti-gás, sem qualquer costura, da cabeça aos pés. A parte superior do rosto estava coberta por extensões transparentes dos capacetes: o resto das máscaras, com os tubos flexíveis

que iam aos tanques de oxigênio em suas costas, pendia sobre seus peitos.

Tudo isto correspondia ao procedimento-padrão nestes casos. Precisavam apanhar o Rithiano vivo, mas não podiam e não deviam se arriscar. O escritório de "Wei" ficaria selado por duas telas de força planar, uma projetada pelo equipamento normal da escrivanhinha de Cassina e a outra por um projetor portátil trazido pelo esquadrão. No mesmo instante os tubos de ar condicionado que serviam o escritório ficariam tampados. No interior do compartimento assim selado, os agentes usariam o gás e ao mesmo tempo imobilizariam o Rithiano: se algo saísse errado, usariam as metralhadoras. Era uma manobra ensaiada com vezes pelos mesmos homens. Spangler sentia-se confiante que nada poderia sair errado.

Spangler não avisara Cassina — limitara-se a perguntar se Wei estava em seu escritório e depois de uma breve hesitação, anunciara que chamaria mais tarde. Ao vê-lo aparecer, Cassina se levantou com os olhos arregalados. — O que acontece? O que é isto? — perguntou, estupefato.

— Wei — falou Spangler. — Saia do meu caminho, coronel, por favor. Vou lhe explicar dentro de dois minutos.

— Explicar! — exclamou Cassina. — Escute, Spangler...

O chefe do esquadrão se aproximou da porta fechada que levava ao outro escritório menor. Três de seus homens se postaram em frente. Os outros dois se preocuparam em tirar Cassina de trás de sua escrivanhinha.

Cassina deu um passo para um lado mas depois fez uma coisa imprevisível. Spangler, imobilizado pela surpresa, viu quando empurrava um agente e passava como um relâmpago pelo grupo parado em frente à porta. O grupo se dissolveu numa enorme confusão e a porta ficou aberta. Cassina desapareceu e os outros começaram a se levantar para persegui-lo.

Spangler sem querer, percebeu que estava correndo para frente. Sentiu um cheiro acre e uma sensação desagradável na garganta: ouvia gritos roucos por todos os lados. Por um instante, as costas de um homem impediram sua visão, mas ele se esquivou e voltou a ver.

O Rithiano, com as costas fantasticamente arqueadas, estava inclinado sobre o corpo inconsciente do coronel Cassina. As mãos do monstro apertavam sua garganta.

A imagem parecia muito clara e como que aumentada.

Uma voz que Spangler não ouvia há muitos anos, a voz fanhosa e aguda de seu professor de clássicos, encheu o escritório. Pelo jeito, tinham ligado o sistema de alto-falantes, mas Spangler não conseguia entender por que motivo tinham levado o professor Housty a declamar: *A caridade nunca é acanhada; ela se espalha como uma chuva suave...*

Era tudo muito esquisito.

Parecia que tudo tivesse parado de repente e o quarto estava se inclinando muito devagar até chegar a ficar num ângulo vertiginoso, enquanto o corpo do Rithiano, todo retesado — ou será que era mesmo o capitão Wei? — caía com a mesma lentidão em cima do corpo de sua vítima. Spangler fez uma tentativa cansada de se colocar na mesma inclinação das paredes, mas teve a sensação de parálise. Não sentia qualquer parte de seu corpo. Finalmente o chão começou a se aproximar sempre mais, e no fim apareceu como uma aglomeração de curiosas manchas que ele conseguiu observar por muito tempo, antes que tudo ficasse cinza e depois desaparecesse na escuridão.

— O que aconteceu?

Spangler queria que alguém respondesse exatamente a esta pergunta, e desejava que tivessem lhe dado a possibilidade de formulá-la. Tentou falar, mas outra voz interferiu.

— Ele entrou no escritório sem qualquer proteção e respirou o gás,

A respeito de quem esta gente estava falando? Spangler começou a compreender que o objeto de todas aquelas conversas era ele próprio. Então era isto, era este o motivo daquela sensação tão esquisita...

Abriu os olhos. Estava sobre o sofá de seu próprio escritório.

Dois técnicos-médicos com aventais verde-claro se encontravam perto de sua cabeça. Gordon, a senhorita Timoney e o chefe do esquadrão estavam um pouco mais afastados. Pembun se encontrava perto da parede, afundado numa poltrona.

Um enfermeiro apanhou o pulso de Spangler e depois de segurá-lo durante um minuto, o deixou cair e ergueu uma das pálpebras. — Ele está bem — falou em direção de Gordon. — Não tem qualquer perigo. — Afastou-se e o outro enfermeiro o acompanhou ao vê-lo sair.

Spangler se sentou e colocou os pés no chão. Respirou fundo. Ainda

se sentia um pouco confuso, mas seus pensamentos estavam se tornando mais claros. Falou com o chefe: — Diga-me o que aconteceu.

O chefe do esquadrão estava sem o capacete e sem as roupas antigas, apenas com um calção de malha laranja e botas. Tinha o rosto cor oliva, com grossas sobrancelhas pretas e cabelos pretos, entremeados de grisalhos, aparados bem curtos. Falou: — Comissário, o senhor respirou um pouco de gás.

— Eu sei disto, homem — exclamou Spangler, irritado. — Diga-me o resto.

— O coronel Cassina nos agrediu e conseguiu entrar no outro escritório. Ele nos pegou de surpresa, mas logo despejamos o gás e depois entramos o mais depressa possível. Quando entramos, vimos o Rithiano que parecia querer esganar o coronel. Eu e meus homens usamos as metralhadoras, mas sem querer usar isto como justificação, o coronel interferiu em nossa pontaria e matamos o Rithiano.

Spangler sentiu ânsia e se controlou com muito esforço. — Como está o coronel Cassina?

— Pelo que sei, está mal, senhor Comissário.

— Está na cirurgia, senhor — interferiu Gordon. — Está vivo, mas sua traquéia está esmagada.

Spangler se levantou e deu alguns passos incertos. — O que foi feito do Rithiano?

— Mande o corpo para o laboratório, senhor — disse Gordon. — O dr. Baustian desceu, mas estão todos esperando pelas suas instruções antes de começar.

— Certo — respondeu Spangler. — Então vamos para lá.

Viu de relance Pembun, que com uma expressão muito esquisita, se agregou ao grupo que saía.

À primeira vista o cadáver parecia o de um jovem chinês morto a

machadadas por um maníaco: um corte perpendicular corria da testa até o umbigo, depois havia outro enorme ferimento em cruz e mais dois cortes enormes, um em cada perna.

A seguir, tiraram a casca que o fazia parecer humano, e debaixo dela apareceu o Rithiano. Spangler achou que aqueles pêlos cor-de-ocre eram o aspecto pior: pareciam macios e quando mexidos, pareciam mais claros — como o pêlo de um ursinho de pelúcia que tinha quando criança. Este porém era um ursinho de pelúcia obscuro, uma coisa cheia de tentáculos frouxos, com os olhos vermelhos e saltados, com uma bexiga mole no fundo. Spangler pensou que aquilo era uma coisa que alguém deveria ter esmagado com um pé, e depois colocado na lixeira, para poder esquecê-la.

O complexo preenchia perfeitamente a casca em forma humana. O círculo superior de tentáculos, dividido, com três de cada lado, cabia nos braços de "Wei". Bem no centro de cada grupo de tentáculos, os homens do laboratório encontraram um osso branco de braço humano. A junta do ombro aparecia logo abaixo do círculo. Os tentáculos do segundo círculo giravam em volta do corpo, bem achatados. O resto do abdômen e as pernas eram preenchidos por aquela enorme bexiga.

Então começaram a dissecar.

Spangler ficou só porque não conseguiu pensar numa desculpa adequada para ir embora. Cassina ainda se encontrava em estado de choque e não podia receber visitas.

Baustian e os outros bio-técnicos pareciam crianças com brinquedos novos: primeiro os músculos, depois os sistemas nervoso, sangüíneo e linfático que o Rithiano conseguira ajeitar, usando seu corpo disforme, no interior das "pernas", e depois, quando abriram o abdômen, ficaram examinando um pedaço nojento após o outro, entre exclamações de admiração: — Puxa, olhe para este pâncreas! ou — Este é o fígado! e — Meu Deus, os rins!

No fim, tudo aquilo não se parecia mais com um ursinho de pelúcia. Mas o aspecto mais horrível de tudo aquilo era que, mais cortavam, e mais o corpo ficava parecendo humano...

Mais tarde parou em frente da porta de Cassina e Pembun segurou seu braço. — Não mencione que o Rithi morreu — recomendou o homenzinho, ansioso. — Diga a ele que tudo não passa de um mal-

entendido. Deixe que pense de você o que ele quiser. Isto pode ser muito importante.

— Por quê? — perguntou Spangler sem mostrar qualquer interesse.

Pembun ficou a observá-lo com uma expressão esquisita, a mesma que Spangler já tinha percebido ao sair do escritório: parecia triste, angustiada. Pois ele deveria se sentir eufórico, pensou Spangler.

— Comissário, ele ainda está em perigo. Não pode ser responsabilizado pelas suas ações. É imperativo que o senhor consiga convencê-lo que não estava perseguindo Wei, que Wei está bem. Caso contrário, receio que ele possa tentar o suicídio.

— Não entendo absolutamente seu raciocínio, senhor Pembun, — disse Spangler. — Como é que o senhor sabe que o médico ou as enfermeiras não disseram que Wei morreu?

— Porque recomendei para eles não falarem, — explicou Pembun, displicente, — e dei a entender que o senhor tinha dado esta ordem.

Spangler apertou os lábios. — Vamos conversar mais tarde sobre este assunto, — anunciou e colocou a mão sobre o trinco.

CAPÍTULO 4

Os olhos de Cassina estavam fechados. A cor cinza-oliva de seu rosto só era levemente tingida de vermelho sobre as maçãs. Ostentava a aparência apática e indefesa de todos os inválidos adormecidos. Sua cabeça se apoiava numa depressão do travesseiro e seu pescoço estava coberto por um suporte rígido. Mantinha a boca levemente aberta debaixo dos bigodes pretos e ásperos e um tubo de sucção estava enganchado em seus dentes inferiores.

O tubo emitia um gorgolhar leve e constante que de repente mudou: ficou assoviando. Um enfermeiro deu um passo para frente e mexeu o tubo com um dedo. Logo voltou a gorgolhar.

Spangler desviou o olhar do homem doente e um médico se aproximou. Era muito alto e magro e seus olhos castanhos tinham aquele

brilho peculiar que indica o uso de lentes de contato. — Comissário Spangler?

Spangler assentiu.

— Sou o dr. Householder, encarregado desta seção. O senhor pode interrogar este homem, mas gostaria que o senhor evitasse perturbá-lo se isto for possível, e peço-lhe também para não demorar mais que quinze minutos após a aplicação da injeção. Já injetamos dezesseis drogas diferentes.

Spangler se aproximou e se sentou ao lado da cama. A um sinal de Householder, um enfermeiro encostou um injetor à pressão ao braço de Cassina e apertou o gatilho. Depois extraiu a ampola que deixou cair sobre uma bandeja e a substituiu com outra. Logo depois, Cassina suspirou e abriu os olhos.

Um outro enfermeiro colocou uma chapa metálica debaixo da mão de Cassina e enfiou um estilo entre seus dedos. A chapa e o estilo eram ligados por meio de cabos a uma máquina baixa, sobre rodízios, que se encontrava aos pés da cama. A máquina possuía uma tela. O enfermeiro ligou a máquina e depois se afastou.

Os olhos de Cassina se mexeram vagarosamente até encontrarem Spangler. Franziu as sobrancelhas e pareceu querer falar. Seus lábios se mexeram, mas a boca continuou aberta, com o tubo de sucção enganchado e o gorgolhar monótono não parou.

— Não tente falar — disse Spangler. — Sua garganta e suas maxilas não podem se mexer agora. Use o estilo.

Cassina olhou para baixo e sua mão apertou o objeto cilíndrico. Demorou um pouco e depois escreveu: — O que foi que você fez com Wei?

As palavras corriam pela tela branca como pequenas cobras negras. Spangler acenou com a cabeça e o enfermeiro virou um botão. A escrita desapareceu.

Spangler observou Cassina, pensativo, Estava esperando uma outra pergunta, do tipo: "O que foi que aconteceu?" — mas num sentido pessoal, querendo saber o que tinha acontecido com ele, Cassina. Era a mais provável naquelas circunstâncias — a estimativa era de ponto nove ponto.

Entretanto, Cassina queria saber a respeito de Wei.

Spangler respondeu a contragosto: — Não aconteceu nada, coronel. Não estávamos querendo prender Wei. Entretanto, o espião Rithiano quis se esconder em seu escritório. Não era possível avisar Wei sem alertar o Rithiano.

Cassina observou Spangler por algum tempo, como para decidir se estava mentindo ou não. Spangler percebeu que suas mãos apertavam os joelhos com muita força.

— Ele está bem? — escreveu Cassina.

— Muito bem — respondeu Spangler. — Tudo está em ordem. Apanhamos o Rithiano e cancelamos a alerta.

Cassina respirou profundamente, como aliviado. Sua boca continuava aberta e mole, mas seus olhos estavam sorrindo. Escreveu: — Por que estou nesta camisa-de-força?

— Você se machucou durante a luta. Dentro de poucos dias estará bem. Agora receberá mais um remédio para voltar a dormir. — A um gesto de Spangler, uma enfermeira, com o rosto comprido como o de um cavalo, apertou o injetor contra o braço de Cassina e comprimiu o gatilho.

Esperou alguns segundos e falou: — Coronel Cassina, por favor, escreva os algarismos de um a cinquenta. Pode começar.

Depois do "15" os algarismos começaram a ficar maiores e os traços se fizeram ondulantes. O "23" foi repetido duas vezes, seguido por um absurdo "17".

O expediente estava encerrado há muito tempo, mas Spangler ainda estava em seu escritório, sentado atrás da escrivaninha. O aposento estava às escuras e a única iluminação se originava da tela em sua frente. A tela mostrava uma parte da transcrição de sua entrevista com Cassina.

Spangler acionou uma tecla e a fita voltou ao começo. Voltou a ler as primeiras linhas.

P. - Coronel, pode me ouvir?

R. - Sim.

P. - Quero que você responda às perguntas de maneira clara e exaustiva e que diga apenas a verdade. Quando foi que você conheceu ou encontrou o capitão Wei pela primeira vez?

R. - Em Dar-Es-Salam, em outubro de 2501.

P. - Você tem certeza absoluta?

R. - Sim.

A mente consciente de Cassina estava convencida de ter encontrado "Wei" pela primeira vez no Distrito Africano, há vinte anos. A repetição da pergunta não produziu qualquer outro resultado. Spangler então tentara contornar o obstáculo, perguntando a data do primeiro encontro depois do dia 18 de dezembro, 2521 — o dia em que a patrulha urbana descobrira os agentes Rithianos. Pulou algumas linhas e leu:

P. - O que aconteceu depois deste jantar?

R. - Convidei-o a me acompanhar até minha casa. Ficamos sentados conversando.

P. - A respeito do quê?

R. - (intervalo de 2 segundos) Não consigo me lembrar.

P. - Esta intimado a se lembrar. O que foi que Wei lhe disse?

R. - (intervalo de 3") Ele me disse - disse que era o capitão Wei, que estivera às minhas ordens no Departamento da África, de 2501 até 2507. Ele...

P. - Isto era algo que você já sabia, não é mesmo?

R. - Sim. Não. (intervalo de 2") Eu não me lembro.

P. - Vou reformular minha pergunta. Antes daquela noite, você sabia ou não sabia que Wei trabalhara às suas ordens no Departamento da África?

R. — (intervalo de 3") Não.

P. - Que mais ele disse naquela noite?

R. - Falou que estivera na Segurança Naval. Explicou que pedira transferência, para poder ficar comigo como meu ajudante

P. - Ele disse mais alguma coisa, deu-lhe informações ou instruções além dos pormenores referentes aos seus encontros anteriores ou a respeito de sua transferência?

R. - Não.

P. - Então, vamos ao próximo encontro. O que foi que ele disse naquela ocasião?

Aos poucos, os acontecimentos começaram a emergir, com todos os detalhes, exceto um ponto que continuou sem esclarecimento. Spangler se defrontou com uma dificuldade quando mencionou a noite de 26, dois dias antes.

P. - O que foi que Wei lhe disse naquela noite?

R. - (intervalo de 4") Não me lembro. Nada.

P. - Você está intimado a se lembrar. O que foi que ele disse?

R. - (intervalo de 6". Sinais de grande agitação.) Nada. Já disse que nada.

P. - Ordeno que responda, coronel Cassina.

R. - (Nenhuma resposta. Depois de 5", choro convulsivo).

Dr. Householder: - Comissário, os quinze minutos já se passaram.

Fim trscr 15.52 hrs. 28/12/2521.

Spangler fez seu relatório a Keith-Ingram e na mesma tarde teve mais uma sessão com Cassina, usando a máquina para interrogatórios. Entretanto, não conseguiu qualquer resultado e teve que desistir logo depois de cinco minutos, porque Cassina se mostrava sempre mais agitado. Quando a máquina foi desligada, Cassina entrou em coma. Householder achou que seria perigoso insistir, até que seu estado não melhorasse.

Meia hora mais tarde, enquanto conversava com Pembun, Spangler recebeu a notícia de que Cassina, aparentemente ainda inconsciente, fizera uma tentativa de se livrar de suas ataduras, provocando uma grave hemorragia. Por conseguinte, se encontrava amarrado, sob efeito de sedativos, recebendo transfusões contínuas e que seu estado era gravíssimo.

Pembun, Pembun, Pembun. O homem aparecia em todas as circunstâncias, era impossível evitá-lo ou afastá-lo do pensamento. Todos os raciocínios sempre levavam a Pembun.

Mais uma vez as previsões de Pembun se demonstravam certas. Pembun estava sempre certo. Obviamente, tinham acionado alguma recomendação post-hipnótica na mente de Cassina, e Cassina fizera o possível para obedecer à intimação inconsciente, tentando o suicídio.

— Tenho a impressão — disse Pembun naquela tarde — que a questão principal é a seguinte: por que o coronel Cassina fez o impossível para se aproximar do Rithi quando descobriu que queríamos prendê-lo? É óbvio que agiu sob o efeito de uma ordem, mas por quê? Não era apenas para alertar o Rithi, porque naquelas circunstâncias um aviso já não servia a nada, e a mais, se era só isto, por que o Rithi tentou matar Cassina?

— Está bem — concordou Spangler, controlando sua voz com um esforço. — Qual é sua explicação, senhor Pembun?

— Acredito que o Rithi deixou alguma informação oculta no subconsciente de Cassina e não queria que a encontrássemos. Já imaginava que devia ser assim, e foi por isto que lhe pedi para não dizer a Cassina que o Rithi está morto — temia que tivesse recebido uma outra ordem, a de se suicidar ao descobrir que o Rithi estava morto. Acho que estamos com sorte por Cassina ainda estar vivo, Comissário: sinceramente penso que Cassina é, no momento, o homem mais importante do Império.

— Acho que o senhor está exagerando um pouco — respondeu Spangler. — Não quero negar que aquela informação retida em seu inconsciente seja bastante importante, mas por que o senhor pensa que ela é crucial? Podemos supor que se trata apenas de um relatório das atividades de sabotagem ou espionagem do agente Rithiano...

— Sabotagem — interferiu Pembun. — Não pode ser qualquer outra coisa, Comissário, porque o Rithiano não se preocuparia em ocultar algo

que o senhor já descobriu, Comissário. Acho que Cassina sabe. Ele sabe onde foram enterradas as bombas.

— As bombas! — repetiu Spangler. Achou que era uma idéia absurda. — Senhor Pembun, esta gente não pode ser tão tola. Temos instalações militares em duzentos e sessenta planetas, sem falar em nossa frota espacial. Poderíamos retaliar, homem. Qualquer atentado seria um verdadeiro suicídio.

— Comissário, o senhor não me entendeu. Eles não pretendem bombardear a Terra — se quisessem fazê-lo, não haveria necessidade nenhuma para o Rithiano deixar uma anotação sobre os locais em que se encontram as bombas. Basta que os detonadores estejam ligados a um qualquer mecanismo de relógio, não acha? Não poderíamos fazer qualquer coisa até depois das explosões. Mas ele era o último dos agentes, o único ainda vivo, e não podia ter certeza de conseguir voltar com suas informações, daí achou necessário deixar uma qualquer anotação. Isto só pode significar uma coisa: os Rithianos desejam nos mandar um aviso. *Deixem-nos em paz, ou vai ter.*

A mente de Spangler então começou a funcionar a todo vapor. Tudo isto era horrível, mas era possível; não conseguiu encontrar nenhum ponto fraco. Algumas dezenas de bombas de fragmentação, de tamanho médio, enterradas em pontos estratégicos, podiam esmigalhar um planeta como se fosse uma maçã podre. O "tamanho médio" significava aproximadamente seis centímetros cúbicos: seriam facilmente introduzidas e ocultas, e seria também quase impossível achá-las. A única defesa possível seria estender uma rede de frequência de rádio sobre o planeta, e se o inimigo conhecia a localização certa das bombas, mesmo esta defesa poderia se revelar inútil. Um feixe direcional e uma pontaria certa poderiam penetrar a rede e acionar as bombas. Bastava para isto que uma raça fosse suficientemente teimosa para dizer: "Deixem-nos em paz ou vai ter" - e para dizê-lo seriamente. Pelas informações de Pembun, os Rithianos eram assim.

A Terra porém calculava as porcentagens. A Terra só assumia riscos calculados. A Terra acabaria sendo destruída.

Spangler chegou a estas conclusões dentro de uma fração de segundo. Então examinou o resultado e o comparou com os fatos já conhecidos. Afastou o pensamento e sorriu.

— Entretanto, senhor Pembun — *temos* Cassina. Não interessa saber

se será possível extrair dele a informação. O que interessa é saber que os *Rithianos* não poderão fazê-lo.

Pembun pareceu ficar absurdamente triste. — Não. O senhor presume que Cassina é o único a possuir esta informação. Gostaria que fosse assim, mas não acho possível. O senhor não está vendo? Entregar esta informação a Cassina foi um erro, porque a mente de Cassina é a mente mais fácil de vasculhar. Entretanto, posso imaginar que o Rithi cometeu este erro de propósito, porque achou que era irresistivelmente cômico — não posso imaginar que o erro foi o resultado de um raciocínio tolo. Acredito que o coronel Cassina representa algo como um *post-scriptum*; O Rithi devia se sentir eufórico e decidiu implantar a mensagem mais uma vez, bem debaixo de nossos narizes. Estou convencido que eles e seus amigos devem ter implantado esta mensagem cem ou duzentas vezes, dependendo do tempo disponível. E se eu estivesse no lugar deles, teria escolhido viajantes interestelares — agentes de companhias comerciais, executivos que costumam viajar freqüentemente com espaçonaves, turistas de outros sistemas. Penso que foi o que fizeram. Sendo assim, é matematicamente certo que seus agentes poderão entrar em contato com uma dessas pessoas. O senhor poderia manter o embargo, e não deixar ninguém se afastar da Terra, mas quanto tempo levaria uma análise profunda de todas as pessoas que poderiam eventualmente ser mensageiras inconscientes?

— Levaria anos — respondeu Spangler, seco, olhando para a superfície de sua mesa.

— Isto mesmo. Pode ser feito, e se vocês tiverem sorte, pode dar resultado. Mas tudo isto mataria a Terra estrangulando-a da mesma forma que se as bombas explodissem... Precisamos descobrir o que Cassina sabe, Comissário. Não existe outro meio.

A notícia sobre Cassina chegou logo em seguida, como a confirmar as palavras de Pembun. A seguir, houve uma segunda entrevista ainda mais desagradável com Keith-Ingram. Finalmente Spangler dedicou algum tempo a despachar assuntos de rotina que estavam esperando em cima de sua mesa. O expediente lhe pareceu muito curto.

No momento de sair, Spangler ficara parado ao lado da porta, observando seu escritório silencioso e confortável — após uma breve hesitação, voltara a se sentar atrás da escrivaninha. Um impulso inexplicável o levou a chamar Joanna e pedir para adiar o jantar já marcado. E desde então, estava lá, sentado, quase sem se mexer.

Apertou o botão de seu relógio de polegar. — Vinte e uma, dezoito e um quarto.

Estava lá há três horas e ainda sem jantar. Sua boca era amarga e sentia uma leve tontura, mas não estava com fome.

Abriu uma gaveta, apanhou um tubo de comprimidos que serviam para reanimar e engoliu um.

Resumindo, pensou Spangler, as coisas estavam assim: Quase chegamos a ser derrotados. Teríamos sido derrotados a não ser pela ação de um homem, Pembun. E isto estava errado.

Pembun era um sujeito rude, sem educação, sem instrução. Seus métodos só podiam ser definidos como mera improvisação. Não era possível negar sua improvisação. Não era possível negar sua inteligência, mas era uma inteligência bruta, sem método. Mesmo assim conseguia resultados.

Por quê?

Todos os acontecimentos dos últimos dois dias poderiam ser explicados dizendo simplesmente que Pembun possuía informações desconhecidas da Segurança, e que estas informações eram a chave de tudo. Entretanto, seria evadir a questão. Estas informações não eram tão especiais. Eram informações que a Terra deveria possuir que se esforçara em conseguir, mas sem obtê-las.

Mais uma vez, *por quê?*

Spangler tinha a impressão de que, desde a chegada de Pembun todo o universo dera uma reviravolta imperceptível e que agora se encontrava de ponta-cabeça. Entretanto, nada parecia ter mudado. Pembun era o mesmo, Spangler e os outros também eram os mesmos. Era um pouco como uma ilusão óptica do tipo que a gente aprendia na Camuflagem Primária — uma série de cubos que formavam um lance de escadas subindo; a seguir, a gente piscava e os cubos ficavam ocos ou então a escada parecia invertida. Ou aquele outro tipo, com as silhuetas de dois homens, com linhas de

perspectiva convergente em cima e embaixo: a gente pensava que uma silhueta era mais alta que a outra, mas quando ia medi-las, percebia que eram idênticas, ou que a mais baixa resultava ser a mais alta...

Spangler soltou alguns palavrões. Percebeu que estivera em ponto de se levantar, chamar uma motoneta e subir até o nível G, suíte 111 para pedir humildemente a Pembun para explicar por que agora o sol revolia em volta da Terra, e por que nozes tão enormes cresciam de diminutas carvalheiras.

Apanhou um memocubo e o jogou violentamente sobre a mesa. O gesto não provocou qualquer alívio. A sensação de rebeldia passou, deixando apenas a depressão e a perplexidade.

Spangler foi procurar Pembun — como uma mariposa que procura a luz, ou como Maomé que procura a montanha.

Desta vez a porta estava fechada.

A motoneta se afastou silenciosamente depois de três segundos, piscando suas luzes pelo corredor deserto, e deixando-o escuro depois de sua passagem. Chegando ao cruzamento Y, virou e desapareceu, indo ao encontro de mais alguém que estivesse precisando dela.

Silêncio.

Por cinco metros, á direita e à esquerda, luzes embutidas e nao-ofuscantes mostravam todos os detalhes das paredes e seu acabamento acetinado, a linha geométrica das portas e das saídas de serviço, os rastros quase invisíveis de pegadas que a uma certa hora da noite estavam reduzidos a pó molecular por meio de vibrações, para ser absorvido pelos tubos de sucção. Um minúsculo ponto luminoso apareceu muito longe, assinalando que alguém cruzara o corredor.

Por um instante Spangler imaginou o que aconteceria se tudo parasse: quilômetros e quilômetros de corredores desertos, a escuridão, a poeira, a vagarosa invasão de insetos. O peso morto da Colina comprimindo tudo de maneira invisível — com o peso terrível e insensível de um cadáver.

Engoliu o gosto de bÍlis e colocou a mão sobre o sinal.

Teve que esperar algum tempo antes que a porta se abrisse. Pembun, vestindo apenas pantalonas e uma camiseta, apareceu piscando, como

alguém que acaba de acordar. — Comissário... entre, por favor.

Spangler hesitou: — Talvez seria melhor se conversássemos amanhã de manhã.

— Não. Por favor, entre. Estou feliz por vê-lo, Comissário. Toda esta solidão me leva a pensamentos um pouco mórbidos.

Fechou a porta depois que Spangler entrou. — Um drinque? Ainda tenho a garrafa de uísque e também a de soda.

Spangler sentiu o estômago se contrair à menção do uísque. Recusou e se sentou.

Sobre a mesa, ao lado da poltrona, viu folhas de papel e uma eletrocaneta de modelo antigo, cheia de enfeites.

— Estava escrevendo uma carta à minha mulher — explicou Pembun ao ver a direção de seu olhar. — Pelo menos, estava tentando. — Sorriu. — Não posso escrever qualquer coisa que seja importante sem infringir a segurança. Por outro lado, sei que estarei de volta a Ganimedes muito antes da carta chegar, porque ela teria que esperar até o fim do embargo. Daí, escrever uma carta não faz muito sentido, mas era apenas uma ocupação para enganar o tempo.

Spangler assentiu. — É uma pena que não seja possível autorizá-lo a sair da Colina neste momento. Temos porém uma seção de diversões, sabia? Cinema, auto-xadrez, cabines para sonhar, banhos...

Pembun sacudiu a cabeça, sempre sorrindo. — Estas coisas não me divertem, Comissário.

Spangler teve a impressão de que o tom era parcialmente de lástima e parcialmente de superioridade. Sem dúvida, em Manhaven eles deviam ter diversões mais vigorosas. Deviam achar que narcóticos e banhos mistos eram divertimentos incompreensíveis e sem graça.

Sem pensar no que estava para dizer, Spangler gaguejou: — Fale a verdade, Pembun — vocês nos olham com desprezo, não é?

Pembun arregalou os olhos e depois os apertou levemente, enquanto seu rosto parecia tornar-se rígido. — Faço o possível para evitá-lo — falou com calma. — É fácil demais. O senhor veio até aqui para me perguntar isto, Comissário?

Spangler se inclinou para a frente e entrelaçou os dedos, apoiando os cotovelos sobre os joelhos. — Pensando bem, acho que sim — respondeu. — Perdoe minha franqueza e insistência, Pembun, mas realmente gostaria de saber. Na sua opinião, o que é que está errado conosco? Se você tivesse a possibilidade de fazê-lo, mudaria o quê?

Pembun perguntou, desconfiado: — E qual é o motivo do senhor me fazer esta pergunta, Comissário?

Spangler o fitou. Visto assim, um pouco de baixo, Pembun parecia maior, mais imponente. Spangler fez uma descoberta e ficou estupefato: o rosto daquele homem não parecia ridículo, não era feio. Seus olhos firmes brilhavam de inteligência. A boca larga indicava firmeza. Mesmo as orelhas despropositadas e as faces pesadas lhe conferiam mais força e dignidade.

Disse: — Preciso saber. Eu o subestimei de maneira lamentável — e peço desculpas, mas isto não é suficiente. Sinto que há algo de errado em minhas convicções básicas, que existe algo de errado no Império. Quero saber por que falhamos neste caso dos Rithianos, e por que o senhor conseguiu resultados. Acho que o senhor pode me ajudar, se quiser.

Calou-se e esperou.

Pembun falou pausadamente: — Comissário, acho que o senhor tem outros motivos, mesmo que não perceba conscientemente. Deixe que eu lhe explique e vamos ver se o senhor concorda. O senhor já ouviu falar nas precedências observadas pelas galinhas quando se trata de bicar?

— Não — falou Spangler. — A propósito, chame-me de Spangler — ou Thorne, se preferir, está bem?

— Está bem — pode me chamar de Jawj, se quiser. Mas eu mencionei as galinhas, não é? Vamos dizer que temos uma dúzia de galinhas num pátio. Se você as observar, vai descobrir que elas observam uma hierarquia social muito rigorosa. A galinha A bica todas as outras, a galinha B bica as outras menos A, e a galinha C bica as outras, exceto A e B, e assim por diante, até L que leva bicadas de todas as outras mas nunca revida.

— Estou vendo — disse Spangler.

Pembun continuou com aquele seu ar impassível: — Você é B ou C dentro de um certo sistema. Existem um ou dois superiores que mandam

em você, e você faz o mesmo com o resto. Bom, quando chega alguém novo, todo mundo logo vê se é alguém que vai dar bicadas ou se vai recebê-las. Mas eu sou um caso diferente. Sou uma raça diferente de galinhas e, de fato, não pertencço ao seu pátio, daí você se esforça para não me bicar, a não ser que eu o provoque: uma atitude diferente poderia interferir com a sua dignidade. Isto continua assim até o momento em que você descobre que quem bica você sou eu. A este ponto você sente a necessidade de me encaixar no sistema e de me colocar acima de você, porque todas estas bicadas seriam difíceis de aturar se você tivesse que levá-las de duas direções. Então, acho que você veio até aqui para me dizer, você está acima de mim, e tudo está certo. Vá em frente — pode bicar.

Spangler o fitava em silêncio. Achou interessante constatar que se sentia humilhado, mas que esta sensação não era desagradável. É uma espécie de castigo, pensou. De vez em quando faz bem quando alguém se encarrega de nos colocar em nosso lugar.

— A mais — continuou Pembun — isto é algo que lhe dá satisfação. Você gosta de se curvar em frente de alguém que você acha mais forte, especialmente quando isto não afeta seu status e sua adonei-dade. Não é assim?

— Não posso dizer que você esteja errado — respondeu Spangler, querendo ser honesto. — Nunca ouvi esta teoria enunciada nestes termos, mas é um fato que estou condicionado a aceitar e a exercer autoridade — e você acertou quando disse que ambas as coisas me satisfazem. Na minha profissão, este é um estado de espírito necessário, ou pelo menos sempre achei que era. Suponho porém que, visto objetivamente, não é muito recomendável.

Pembun esticou o braço como para apanhar a garrafa de uísque mas parou. Fitou Spangler com um meio sorriso. — Acho que você não pode entender — disse — que isto não me dá qualquer satisfação. Talvez você não possa compreender que não acho graça em bater em alguém que não pode me devolver a pancada. Toda esta conversa foi muito desagradável para mim, mas não havia maneira de evitá-la. Você me colocou em tal situação que qualquer coisa que eu dissesse, que eu me recusasse a falar, eu faria exatamente o que você desejava. A coisa engraçada é a seguinte, Comissário — ao me obrigar a ferir seu amor próprio, você conseguiu ferir o meu muito mais. Acho que vou levar alguns dias para poder esquecer

tudo isto.

Spangler se levantou devagar. Respirou fundo duas vezes, mas seu surto de raiva não arrefeceu. Aumentou. Falou pausadamente: — Não é necessário que a montanha caia em cima de mim. Esta é uma expressão engraçada que usamos para dizer que um insulto claro e proposital já é o suficiente, senhor Pembun.

Pembun, de repente, ficou mais uma vez o que parecia no começo: um colonial, irritante, sujo e feio. Pembun falou: — Está vendo, agora você está irritado. Só porque não quis entrar no jogo das bicadas com você.

Spangler retrucou, furioso: — Senhor Pembun, não vim aqui para ser insultado ou para receber explicações de psicologia de galinheiro. Vim para lhe pedir informações. Se o senhor não consegue mesmo se comportar de maneira civilizada... — Não consegui terminar a sentença, por não se lembrar mais o que queria dizer. Começou de novo: — Talvez seja oportuno lhe lembrar que tenho autoridade suficiente para exigir sua colaboração, sendo como sou, um oficial do Império.

Pembun não parecia intimidado. Falou: — Estou aqui para ajudá-lo de todas as formas possíveis, Comissário. O que é que o senhor deseja, afinal?

— Perguntei quais eram, em sua opinião, os motivos que levaram ao fracasso da Segurança e do Departamento da Guerra neste caso dos Rithianos. — Ao ver que Pembun queria responder, continuou: — Grave suas opiniões. Quero encontrar a gravação sobre minha escrivaninha amanhã de manhã. — Sua voz estava ribombando em seus próprios ouvidos e Spangler ficou estupefato quando percebeu que estava berrando.

Pembun sacudiu a cabeça com ar triste de reprovação. — Será um prazer, Comissário — mas peço que faça um requerimento por escrito.

Spangler cerrou os dentes com força. — Vai recebê-lo amanhã — disse. Virou-se abriu a porta e saiu, caminhando pelo corredor deserto. Só parou para chamar uma cadeira depois de dobrar a esquina, quando a porta de Pembun já não era visível.

Encontrou Joanna no quarto da torre, deitada sobre a cama, cuja

cabeceira era embutida e elevada e providenciava um bom encosto. O quarto ribombava e ecoava por causa de uma voz masculina que berrava sílabas incompreensíveis, acompanhado por uma orquestra estridente. O cérebro de Spangler lutou sem êxito com aquelas palavras estranhas e finalmente as rejeitou, enojado. A gravação pertencia a uma coleção de antigüidades de Joanna e a cantoria era num idioma morto: alemão, cheio de vogais compridas entre grupos de consoantes fricativas.

Joanna passou a mão sobre a caixa dos controles e diminuiu o volume até que ficou mais agradável. Levantou-se e se aproximou.

— Quando você chamou tive a impressão de que estava irritado — falou, dando-lhe um beijo. — Sente-se aqui. Coloque os pés em cima. Você comeu?

— Não v respondeu Spangler. — Não posso. Estou cansado demais para comer.

— Vou encomendar algo. Se não tiver com vontade não precisa

— Está bem — concordou Spangler com um esforço.

Joanna mexeu nas teclas do antigo seletor alimentar ao lado da cama e depois foi sentar-se ao seu lado.

A mesma voz masculina ainda estava berrando, mas parecia distante. Elevou-se num crescendo, a orquestra deu um acorde final, houve um intervalo e logo começou mais uma canção.

— Por que você não manda traduzi-las? — ele perguntou, irritado.

— Não sei. Acho que é porque gosto das canções assim como são. Quer que desligue?

— Não quis dizer isto — falou Spangler, controlando sua impaciência.

— Você gosta delas assim... mas por quê? Por que são incompreensíveis? Você acha que esta é uma razão normal?

A luzinha do controle do seletor alimentar se acendeu. Joanna abriu o receptáculo e retirou um tubo de caldo e um sanduíche que colocou sobre a mesinha ao lado de Spangler.

— Afinal, Thorne, qual é o motivo de toda esta raiva? — perguntou, calma.

— Está bem, vou lhe contar — falou Spangler, endireitando-se. — Você acha realmente que não é óbvio para mim e para qualquer outra pessoa que a conhece, que você está se destruindo com esta sua obsessão? Será que você pensa que é agradável ver você se regozijar com o passado, se esfregando nele como um cachorro se esfrega em algo podre, só porque você tem medo de qualquer coisa que não ficou sepultada durante pelo menos quinhentos anos?

Joanna, chocada, arregalou os olhos e Spangler sentiu um surto de alegria. Compreendeu que era este o motivo por ter ido até ali, mesmo que fosse inconsciente. Devia ter feito isto há muito tempo. Joanna corou da testa até os seios e depois voltou pálida como o marfim.

— Pare com isto — falou, nervosa.

— Não pretendo parar — continuou Spangler, cuspiendo as palavras. — Olhe para você. Você é viva pela metade, é mulher pela metade. Você só se deixa viver o suficiente para poder trabalhar, para responder às perguntas, para reagir quando está com seu amante. O resto de você está morto e coberto de poeira. Posso sentir o gosto da poeira todas as vezes que a beijo. O que pensa que sinto quando a desejo, e sei que você está fora de meu alcance — não porque..

Joanna se levantou e se dirigiu para a porta. Spangler a alcançou com um só passo, empurrou-a sobre a cama e a manteve imóvel com todo o seu peso.

— ...não porque você pertence a outra pessoa ou poderia pertencer a outro alguém, mas só porque você é tímida demais, egoísta demais, só preocupada com você mesma?

Joanna lutou para se livrar mas não conseguiu. Seus olhos estavam cheios de lágrimas e seu corpo tremia.

Spangler rasgou sua veste e a afastou do corpo. — Vamos, olhe para si própria. Você é uma mulher, uma criatura humana viva, não uma múmia! Por que você acha que isto não é bom? Será que você sente algum prazer em se matando e em matar qualquer coisa que você toca? — Começou a sacudi-la. — Responda!

— Não posso... — arfou Joanna.

— Por que não pode? Você pode sentir, pode falar, pode fazer qualquer coisa que uma criatura humana normal pode fazer, mas você não

quer. Você não sairia de sua pequena concha nem que fosse para salvar uma vida, nem para salvar o Império — e nem mesmo para salvar a si própria!

— Solte-me.

— Você não está doente, não está assustada, você é apenas egoísta. Fria e egoísta. Tudo para Joanna e o resto do universo pode ir ao diabo!

— Solte-me.

Já não estava tremendo. Respirava ainda com dificuldade, mas seus lábios pálidos pareciam firmes. Abriu os olhos e o fitou com firmeza, sem piscar.

Spangler ergueu a mão direita espalmada e bateu em seu rosto. A cabeça de Joanna balançou pelo impacto. Seus olhos se arregalaram, incrédulos, e sua boca se abriu.

Spangler voltou a esbofeteá-la. Ao terceiro golpe, surgiram as lágrimas. Seu rosto pareceu desmoronar e começou a emitir uma série de soluços, breves, como um animal. Ao receber o quarto bofetão tentou se esquivar. Seu corpo estava frouxo e fechou os olhos. Os soluços já pareciam mecânicos e sem sentido.

Spangler se afastou dela e se levantou. Foi se sentar na poltrona. Sentia-se aliviado mas vazio. Estava muito cansado. Sentia o coração bater devagar. Sem levantar a voz, falou: — Pode se levantar. Não vou mais bater em você.

Após uma breve demora ela se sentou, com as costas recurvas e deixou que a cabeça ficasse caída para frente. Quando se levantou da para se dirigir ao banheiro, Spangler deu um passo e se colocou em sua frente. Agarrou-a pelos braços.

Escute bem — disse. — Você vai se casar comigo e vamos ser felizes juntos. Você está me entendendo?

Joanna o fitou sem o menor interesse. — Você é um imbecil — falou.

Ficou imóvel até que Spangler largou os seus braços e depois, sem se apressar, foi até o banheiro. A porta se fechou e Spangler ouviu quando ela empurrou a trava.

CAPÍTULO 5

Como sempre costumava fazer, Spangler chegou em seu escritório meia hora antes do início oficial do expediente. Na noite anterior, depois de sair da torre de Joanna, ficara acordado por muito tempo e a seguir, seu sono foi escasso e péssimo. Estava com enxaqueca e os comprimidos para reanimar nada podiam fazer para afastá-la. Entretanto, sua mente funcionava com fria clareza. Sabia perfeitamente o que precisava fazer.

O erro da noite anterior não era irreparável. Era quase desastroso, era de uma imbecilidade criminal, contribuía a fazê-lo retroceder seis meses, mas ainda não se sentia vencido.

A primeira coisa a fazer era mandar um presente: alguma coisa que Joanna apreciaria demais para recusá-la — algum quadro antigo, ou livro antigo, ou quem sabe, um disco. Devia haver algo assim nos armazéns do Departamento, onde se guardavam os objetos confiscados em caso de traição. Se não encontrasse nada, poderia consultar algum colecionador particular. Já sabia o que escreveria no cartão que acompanharia o presente: seria humilde sem ser servil, cheio e remorso e sem esperanças. Devia fazer compreender a Joanna que ele não tencionava revê-la. E não ia revê-la — durante pelo menos, um mês.

Spangler já sabia que durante as três semanas finais da separação deveria usar da estratégia e fazer circular boatos que chegariam até Joanna: que estava trabalhando demais, que nunca sorria, que estava doente mas recusava qualquer tratamento. Coisas assim. Ia elaborar os pormenores em tempo oportuno.

A primeira semana da separação seria dedicada a outros propósitos. Sua desastrosa perda de controle na noite anterior servira para demonstrar a Spangler que não podia lutar simultaneamente em duas frentes. A partir de hoje, concentraria todas as suas energias num único objetivo: esmagar Pembun.

Podia fazê-lo e ia fazê-lo. Subestimara o homem, mas isto era coisa do passado. A partir daquele momento, as coisas seriam diferentes.

— Dez horas — anunciou seu relógio de polegar.

Em cima da mesa estava uma fita mandada por Keith-Ingram, contendo relatórios resumidos. As atividades dos Rithianos já estavam parcialmente descobertas: oito seres tinham chegado juntos à Terra, como passageiros de um cargueiro de segunda categoria, desembarcaram em Istambul na noite de 10 de dezembro. Sabia-se que de Istambul tinham ido até Paris, com o expresso estratosférico, mas a partir desta cidade não havia qualquer rastro, até a chegada de sete Rithianos em Albuquerque no dia 18. Sabia-se apenas que o oitavo Rithiano tinha embarcado numa nave que se dirigia ao sistema Capri, no dia 12, ou seja, dois dias depois da chegada do grupo. O Rithiano desembarcara em Lumi, para desaparecer logo em seguida.

Sem dúvida, pensou Spangler, devia ter mudado seu disfarce em Lumi, para continuar a viagem sob outro aspecto. A estas alturas já devia ter voltado ao sistema Rithiano.

Sua partida tão rápida o deixava perplexo. Parecia óbvio que o grupo não podia ter terminado sua tarefa coletiva, porque neste caso todos os outros também teriam voltado. O Rithiano devia ter uma tarefa diferente, que cumprira antes dos outros, ou o grupo conseguira alguma informação que os Rithianos julgavam bastante valiosa para mandá-la imediatamente com um mensageiro.

Spangler examinou depressa as conferências anotadas pela senhorita Timoney na tarde anterior, depois passou a meia hora seguinte ditando recados para Pembun, Keith-Ingram e o dr. Baustian.

A nota endereçada a Pembun repetia as mesmas perguntas da noite anterior.

A nota para Keith-Ingram relatava as condições do coronel Casina e repetia a análise da situação feita por Pembun, sem qualquer comentário.

A nota endereçada ao dr. Baustian pedia, o quanto antes, um procedimento certo para identificar Rithianos disfarçados em Terrestres.

A resposta de Pembun chegou com rapidez admirável: provavelmente estava pronta desde a noite anterior, à espera do pedido formal de Spangler.

Spangler colocou o rolo na máquina e leu rapidamente o que aparecia na tela iluminada. O relatório estava escrito em inglês padronizado e seu

estilo era tão bom que Spangler começou a duvidar que Pembun era perfeitamente capaz de falar decentemente, quando assim desejava.

Um trecho do documento afirmava:

É minha opinião que o ponto fraco do pessoal executivo do Império consiste em sua excessiva confiança nos métodos prescritos e nos regulamentos, faltando ênfase suficiente no raciocínio e na iniciativa pessoal. Compreendo perfeitamente que isto acontece de acordo com a política geral e que seria difícil ou talvez impossível alterá-la de forma suficiente dentro da totalidade do Império, mas acredito que o problema deveria ser atentamente examinado pelos altos escalões que deveriam fazer qualquer esforço para alterá-la, se isto for possível.

Não julgo ser de minha competência sugerir qualquer procedimento, especialmente porque, pelas aparências, o problema parece ser parcialmente filosófico. A tendência dos executivos do Império a interpretar o regulamento e as diretrizes ao pé da letra, de uma forma rígida, está em minha opinião, claramente relacionada com a sempre crescente tendência de padronização da arte, das maneiras, dos costumes e do idioma. A este respeito gostaria de citar o fato que todos os idiomas terrestres são considerados obsoletos, exceto o inglês padronizado, e que neste idioma parece-me especialmente significativa a tendência de eliminar aos poucos todos os sinônimos e homônimos, restringindo o significado das palavras...

Spangler arrancou o rolo da máquina e o jogou na bandeja dos assuntos "pendentes". Viu que sua primeira conferência estava para começar.

Avisou Gordon para lhe entregar qualquer mensagem de Baustían que chegasse durante aquele tempo. Quarenta e cinco minutos após o início da reunião, um rolo apareceu em sua frente.

O coronel Leclerc estava relatando entusiasticamente as dificuldades encontradas pela Frota para manter o cordão em volta da Terra, e de que jeito elas estavam sendo superadas. Leclerc era o homem mais idoso em volta da mesa, um exemplar típico dos remanescentes da geração anterior, mantidos em serviço por causa da falta de suficiente pessoal

governamental e militar, provocada pelas perdas pesadas durante a quase desastrosa guerra Cartagelana e por conseguinte os critérios de admissão tiveram que ser bastante relaxados. Leclerc era o tipo de homem que automaticamente criava a impressão de não ter "classe". Suas maneiras eram um pouco exuberantes demais, seus gestos largos demais e sua conversa era vaga e salpicada de anacronismos. Spangler esperou pacientemente até que Leclerc parou de falar para encolher os ombros e interferiu com habilidade: — Muito obrigado, coronel. Agora, antes de continuarmos, peço licença para poder examinar isto.

Colocou o rolo na máquina e ligou a tela. A mensagem era a seguinte:

Baustian, G. B., BuAlPhyl

Spangler, T, DeptSegur

MS MU

12/29/2521

BAP CD 18053990

REF DS CD50347251

1. Procedimento recomendado para identificação de membros da raça Rithiana disfarçados como criaturas humanas:

2. Produzir uma incisão vertical de 1,7 cm, usando um instrumento coberto com uma camada de pomada da seguinte composição (anexo A) a meia altura da coxa ou na região do ombro do sujeito. O reagente, combinado com os fluidos do corpo Rithiano, produzirá um precipitado de intensa coloração roxa. Não haverá reação nenhuma em contato com carne humana.

3. Para maior conveniência no uso, recomenda-se proceder a incisão por meio de uma lâmina energética contida num cabo padronizado, como demonstrado pelo esquema (anexo B).

4. Em caso de necessidade, a lâmina pode ser também coberta com um produto soporífico que aparentemente é muito eficaz por causa da química do corpo Rithiano (anexo C).

5. Fim.

Anexo: BAP CD 1805 3990A

 BAP CD 18053990B

 BAP CD 18053990C

Spangler sorriu e desligou a tela.

— Recebeu uma notícia satisfatória, Comissário? — Perguntou Leclerc.

— Muito satisfatória, coronel. — Sem transição, para não oferecer a Leclerc qualquer oportunidade de voltar ao seu assunto, Spangler virou-se para o assessor do prefeito. — Senhor Pemberton?

O moço logo começou a se queixar. — Não queremos nos mostrar impacientes, Comissário, mas o senhor não desconhece que nosso escritório está sendo duramente pressionado. O senhor deu a entender que o Rithiano já foi capturado e morto, e queríamos saber até quando...

Spangler ouviu pacientemente todas as queixas, sem mostrar que já as conhecia por tê-las ouvido em outras ocasiões desde o início do embargo. Conseguiu responder a Pemberton de maneira suave, mas sem fazer qualquer promessa, e adiou a reunião.

Em seu escritório, Spangler terminou de ler a mensagem de Baustian e ditou suas próprias recomendações para os parágrafos 1, 2 e 3. O parágrafo 4 era muito bom, mas só poderia atrapalhar a distribuição da mensagem pelos canais competentes.

Spangler colocou o rolo e ajustou os controles da máquina para três cópias: uma para Keith-Ingram, uma para Baustian e uma para o funcionário da Segurança encarregado de manter contatos com os fabricantes, com uma prioridade absoluta. A seguir, voltou a apanhar a mensagem de Pembun, e leu o resto:

A respeito da pseudo-hipnose dos Rithianos e seu presumível sucesso em detrimento dos agentes terrestres, gostaria de revelar mais uma vez que

a falha básica poderia talvez ser encontrada no complexo social e profundamente arraigado da Terra e na organização extremamente rígida da administração do Império. Na maioria dos Mundos Externos conhecidos por este autor, os sujeitos facilmente hipnotizáveis são uma minoria, mas é minha impressão que na Terra isto não é assim, pelo menos entre o pessoal a serviço do Império. Pode-se dizer que quando um homem absorveu com sucesso todas as modalidades requeridas e as atitudes condicionadas necessárias para assumir uma posição de responsabilidade dentro do Império já está semi-hipnotizado; ou então, para apresentar a coisa de maneira diferente, que uma mente não sugestionável é mais facilmente eliminada passando pelos crivos dos sistemas seletivos e promocionais, por exemplo, o personagem ao qual envio esta mensagem, o Comissário T. Spangler, é extremamente sugestionável...

Spangler fez uma careta de enfado e voltou a enrolar a fita.

Aquele relatório era realmente típico do homem que o escrevera. Uma enorme massa gelatinosa de ingenuidades envolvendo um minúsculo grãozinho de sabedoria. Se estivesse no lugar de Pembun Spangler teria simplesmente declarado sua incapacidade de responder às perguntas. Pembun não dependia de qualquer departamento implicado e aquela resposta seria plausível e correta. A coisa terminaria nestes termos.

Pembun devia saber que era assim, entretanto procedeu à compilação da resposta, de maneira completa e, pensou Spangler, provavelmente honesta. Era um documento comprometedor: algumas sentenças podiam ser interpretadas como alta traição. Mesmo assim, Pembun não se preocupara ao escrevê-las chegando a ponto de acrescentar um comentário a respeito de Spangler.

Aquele comentário comprometia Spangler a tal ponto que praticamente neutralizava as perigosas admissões de Pembun a respeito de si próprio. Desta forma, Pembun não tinha se ariscado de jeito nenhum. Mesmo assim, por que ditara frases cuidadosamente estruturadas por um quarto de rolo, que acabariam sepultadas no arquivo, quando uma recusa de duas linhas teria sido o suficiente? Só por que não tinha nada a fazer?

Spangler achou que não podia ser por isto. As peculiaridades de Pembun mostravam uma estranha coerência: existia sempre uma correlação. A contragosto, voltou a pensar na noite anterior. Mesmo

naquela ocasião, Pembun se esforçara para conseguir um resultado de maneira necessariamente difícil. Ao ouvir aquela pergunta inconveniente de Spangler: O que é que há com o Império? e a outra, mais embaraçosa ainda: Você acha que somos desprezíveis? — Qualquer outra pessoa de bom senso teria respondido com uma mentira.

De qualquer forma Pembun admitira que responder não lhe dera qualquer satisfação. Como era mesmo a sentença?... Tanto faz. Resumindo tudo, pensou Spangler, o que emergia era um homem com-pulsoriamente, talvez patologicamente honesto. Sim, era isto. Sua franqueza não tinha raízes ético-religiosas: era simbólica, era um gesto.

Spangler percebeu que estava corando e apertou os lábios.

Restava a mesma interrogativa: O que queria Pembun?

Não sabia a resposta mas estava convencido de que a teria dentro de pouco tempo.

Às onze chegou um relatório do chefe da secção psiquiátrica da enfermaria. Ainda era possível conseguir a informação que a Segurança queria obter de Cassina e a Secção de Psicoterapia achava que seria muito perigoso extraí-la à força, pois isto poderia destruir a personalidade do paciente. Perguntava também se Spangler possuía as prioridades necessárias para poder declarar que Cassina era dispensável.

Às onze e dez chegou um chamado de Keith-Ingram.

— Thorne, você fez algum progresso no assunto Cassina?

Spangler explicou como estavam as coisas.

Keith-Ingram esfregou seu queixo quadrado. — Uma situação desagradável — comentou. — Se você quer a minha opinião a respeito, o Império pode dispensar Cassina, mas vou ter que arranjar a autorização na Alta Assembléia, e como é óbvio, a Marinha fará o impossível para nos obstacular. Pessoalmente, gostaria que houvesse outro meio. Você já consultou Pembun a respeito?

— Quando o senhor chamou, o relatório acabava de chegar

— Bom, vamos ver se a gente resolve tudo agora mesmo. Provi-

dencie uma ligação tripartite, está bem?

Spangler, com o rosto impassível, fez os necessários ajustes. A imagem de Keith-Ingram diminuiu e reapareceu ocupando apenas metade da tela. Na outra metade apareceu o rosto de Pembun.

Keith-Ingram falou: — Senhor Pembun, o senhor nos ajudou a sair desta mexida até agora. Tem alguma sugestão a fazer para nos ajudar também nesta fase?

Os dedos de Spangler se contraíam espasmodicamente debaixo da mesa, fora do alcance da objetiva.

A expressão de Pembun era atenta. Disse: — Acho que esta será uma decisão difícil. Deixe-me pensar um minuto.

Finalmente Pembun levantou os olhos. — Tive uma idéia — disse. — É difícil mas pode dar certo, e neste caso poderíamos conseguir a informação sem prejudicar o coronel. Acho que quando o Rithi plantou a informação, deve ter transmitido ao sujeito um estímulo que serve para livrar a mensagem. Se este estímulo é verbal, não temos nenhuma probabilidade de encontrá-lo a não ser por uma coincidência. Mas me ocorreu que a chave poderia ser uma situação em vez de uma frase. Quero dizer, poderia ser uma combinação de diferentes estímulos — um certo cheiro, mais uma certa tonalidade de luz em conjunto com uma certa temperatura e assim por diante.

— Isto também não me parece muito mais fácil, senhor Pembun — interferiu Spangler.

— Espere — disse Keith-Ingram. — Acho que estou entendendo. O senhor quer dizer que talvez os Rithianos tenham usado um complexo de estímulos que reproduzam as condições normais em seu planeta natal, não é, senhor Pembun?

— De fato — respondeu Pembun com um sorriso. — Claro, não podemos ter certeza que o fizeram, mas é minha impressão que existe uma razoável probabilidade. Por outro lado, não é uma idéia tão estrambólica como parece, porque são condições que os Rithi poderiam conseguir em qualquer planeta onde vivam um bom número deles. Basta entrar numa casa de Rithi e logo a gente pensa que está em Sirach. Eles estão acostumados a viver naquelas cidades entre a vegetação. Assim, quando são obrigados a morar em casas, e como detestam a sensação de estarem

trancados, eles colocam trepadeiras em frente a uma tela ilusória, usam iluminação artificial e os cheiros necessários, e se iludem desta maneira.

— Compreendo — assentiu Keith-Ingram. — Parece muito bom, senhor Pembun. Só tenho uma pergunta a fazer: será que podemos reproduzir estas condições aqui? E de maneira convincente?

— Acho que sim — disse Pembun. — Não é muito difícil.

— Neste caso, acredito que vale a pena tentar. O que é que você acha, Thorne? Concorde comigo?

Spangler viu pelo ângulo imperceptível da sobrancelha direita de Keith-Ingram e pelos lábios propositalmente imóveis que ele sabia que Spangler não estava com vontade de concordar e se regozijava por sabê-lo.

— Pois não, sem dúvida — concordou Spangler com toda a cortesia possível.

— Neste caso, ótimo. Senhor Pembun, vou deixá-lo com Thorne para discutir os detalhes. Desligo. — A imagem desapareceu deixando metade da tela vazia.

Spangler falou friamente: — Este projeto é inteiramente seu, senhor Pembun, e vou deixar que faça tudo o que quiser. Pode requisitar o espaço, os materiais e a mão-de-obra que achar necessários. Basta pedir aos chefes de seções para me telefonar, que eu confirmarei. Desejo um relatório duas vezes ao dia. O senhor tem alguma pergunta?

— Nenhuma pergunta, Comissário.

— Desligo.

Spangler interrompeu a comunicação e voltou a chamar Keith-Ingram. Como imaginava, ouviu o sinal de "ocupado", mas deixou o circuito ligado. Vinte minutos mais tarde o rosto de Keith-Ingram apareceu na tela. — Sim, Spangler? O que é que há? Estou um pouco ocupado.

Spangler falou com calma: — Há dois assuntos que gostaria de discutir com o senhor, e achei melhor não mencioná-los enquanto Pembun ainda estava ligado ao circuito.

— São assuntos urgentes?

— Da máxima urgência.

— Está bem, pode falar.

— Em primeiro lugar — disse Spangler — mandei-lhe uma comunicação a respeito dos novos métodos de testes de Baustian, para podermos descobrir qualquer futuro Rithiano disfarçado. Gostaria que o senhor me autorizasse a usar o teste aqui na Colina, antes da aprovação final, como experiência.

— Por quê?

— Por medida de precaução, senhor. Já encontramos um Rithiano na Colina. Quero ter certeza absoluta que não existem outros.

Keith-Ingram assentiu. — Até acho bom. Está certo, Thorne, pode ir em frente. Qual era o outro assunto?

— Só uma coisinha. Estava a me perguntar se não seria oportuno encaminhar o pedido da declaração de dispensabilidade de Cassina de qualquer jeito, apesar do esquema de Pembun. Se por acaso resultar num fracasso, não teremos que esperar muito tempo para poder aplicar o processo ortodoxo. — Sua ênfase no termo "ortodoxo" foi muito leve, mas sabia que Keith-Ingram tinha percebido.

O homem mais idoso o fitou em silêncio. — Para lhe dizer a verdade — falou — já pensei no assunto. Entretanto, quero repetir que confio plenamente em Pembun. Se todo o nosso pessoal fosse tão eficiente como Pembun, Thorne, as coisas poderiam funcionar muito melhor em nosso departamento.

Spangler se manteve calado.

— Era só isto? Está bem. Desligo.

Naquela noite, enquanto se preparava para dormir, Spangler voltou a se lembrar daquela conversa e pensou: — Quero ver até que ponto você confiará em Pembun amanhã a esta mesma hora.

Tudo ficou pronto para as dez.

Spangler pensou, muito satisfeito, que não existia charada sem solução. Mesmo quando uma situação parecia contraditória e terrivelmente enroscada na superfície, e talvez até um pouco abaixo da superfície,

bastava insistir sem arrefecer e sempre a gente conseguia chegar ao âmago, ao lugar calmo em que os elementos do problema se apresentavam em toda sua elementar simplicidade.

Spangler tirou conclusões que lhe chegaram com a forma de uma revelação:

A verdadeira luta era entre a barbárie e a civilização, entre a agia e a ciência, entre o significado dúbio e o significado único.

Pembun se encontrava no campo da ambigüidade e da desordem. Por conseguinte, era um inimigo.

O fato que tinha enganado a todos, que tinha enganado Spangler também, era que Pembun era humano: A lealdade a uma nação ou a uma idéia é condicionada, mas a lealdade à raça já é congênita. Um velho ditado afirma: "O sangue é mais denso que ichor"¹.

A humanidade de Pembun era evidente, e visível, mas era real?

"Wei" também parecia uma criatura humana — até o momento em que foi descoberto e apareceu o monstro.

Pembun vinha de um mundo a tal ponto relaxado que nele os Rithianos tinham toda liberdade para chegar e ir embora a seu bel-prazer. Não era bastante provável, aliás, não era praticamente uma certeza tática que, tendo a oportunidade de fazê-lo e considerando a utilidade das ligações de Pembun com o Império, os Rithianos tivessem providenciado para fazer dele um de seus agentes?

Ou, talvez, poderiam tê-lo substituído com um de seus próprios agentes.

Sem dúvida a idéia era fantástica. A idéia de Pembun fazendo o papel de matador de Rithianos, do sujeito que propositadamente entrega um de seus associados para salvaguardar sua própria posição, parecia tirada de uma maluca novela do século vinte — aquelas novelas em que o detetive acabava por ser o próprio assassino, ou o chefe da Polícia Secreta era também o chefe da organização clandestina, e freqüentemente o mocinho heróico era uma linda garota disfarçada, que usava apenas o

¹ Ichor era um fluido muito volátil que substituíu o sangue nas veias dos deuses da Grécia antiga.

estratagemas de cortar o cabelo.

Entretanto, Pembun, fosse ele humano ou Rithiano, era originário de um mundo nestes moldes: nele existia a essência da antiga Irracionalidade, há muito eliminada na Terra, mas cujos resquícios ainda sobreviviam no Cosmos. Esta era o inimigo.

— Dez zero um — disse seu relógio. Dentro de poucos minutos poderia obter a resposta a uma parte de suas interrogações.

Olhou para os quatro homens de macacão, parados ao lado de uma secção aberta da parede. Um deles segurava um instrumento que parecia um cortador de fios de arame. Os outros tinham instrumentos que pareciam medidores e caixas de peças sobressalentes. O "cortador" era um projetor de campo paralisante camuflado e o resto eram armas energéticas.

Os homens esperavam quietos e sem se falar. Um sinal luminoso brilhou, sobre a escrivaninha de Spangler, e ele acenou com a cabeça. Os homens se acoraram mais perto da parede aberta e começaram a conversar em voz baixa. Um minuto mais tarde, Pembun apareceu na porta aberta.

Spangler levantou os olhos, franzindo as sobrancelhas. — Ah, sim... Pembun — disse. — Faça o favor, sente-se um minuto, sim? — Pembun se sentou, com as mãos cruzadas no colo, observando as atividades dos operários com escasso interesse.

Spangler apertou uma tecla no interior da gaveta de sua mesa. Uma agulha muito fina e comprida descreveu um arco e parou. O escritório a partir daquele instante ficou dividido em duas partes por uma tela planar, logo em frente da escrivaninha. Spangler ativou o microfone que levaria sua voz além da tela.

O intercomunicador deu um sinal. Spangler colocou a mão sobre o aparelho. — Sim?

A voz do homem perguntou, como deveria fazer: — Comissário, o senhor Pembun se encontra em seu escritório?

— Sim, está aqui. Por quê?

— Trata-se de um teste de rotina, senhor. O senhor mandou que fosse aplicado a todas as pessoas que se encontram na Colina há menos de seis meses, e o senhor Pembun está na lista. Se o senhor não estiver muito

ocupado...

— É claro, deve estar na lista — respondeu Spangler. — Eu não me lembrei deste pormenor. Está bem, pode entrar. — Virou-se para Pembun. — Você não se importa?

— O que é? — perguntou Pembun.

— Temos um novo teste anti-Rithiano — explicou Spangler em tom displicente. — Queremos ter certeza absoluta que não há mais Rithianos por aqui na Colina. Claro que pelo que lhe diz respeito, trata-se apenas de uma formalidade.

Era difícil interpretar a expressão de Pembun, mas Spangler achou que havia nela um sinal de inquietude. Ficou a observar com atenção enquanto o rapaz de avental branco entrava pela porta à direita de Pembun.

Os operários se separaram de repente e dois se aproximaram da porta. Depois de alguns passos, um deles se virou e perguntou aos outros: — Vocês têm certeza que dois RBX serão suficientes?

— Por que, vocês não acham?

— Confiamos em sua opinião, porém... — Os homens continuaram a conversa enquanto o enfermeiro se aproximava de Pembun e abria a sua bolsa. — Senhor Pembun?

— Sim.

— Por favor, queira se levantar e arregaçar sua manga direita Pembun fez o que lhe pediram. A parte superior de seu braço era disforme pelas camadas de gordura e de músculos, como o braço de um lutador profissional. O enfermeiro encostou um objeto cilíndrico e cromeado na parte mais carnosa do ombro e apertou um botão. Pembun teve um violento estremecimento e cobriu a parte ofendida com a outra mão. Quando a afastou, havia uma gota de sangue em sua palma.

O enfermeiro mostrou a minúscula lâmina que saía do cilindro — Senhor Comissário, o resultado é negativo.

— É claro — comentou Spangler, seco. O enfermeiro apanhou um chumaço de algodão em sua bolsa, limpou o ferimento e o cobriu com um pequeno esparadrapo. Depois fechou a bolsa e saiu.

Negativo, pensou Spangler, contrariado. Que lástima. Teria ficado

muito satisfeito ao descobrir que debaixo de toda aquela banha, Pembun ocultava coroas de tentáculos. De qualquer forma, tivera prazer em vê-lo estremecer daquele jeito. Abriu a gaveta da mesa e interrompeu o circuito de campo.

Os dois operários ao lado da porta terminaram a discussão e saíram. Spangler fitou os outros dois e falou: — Vocês poderiam esperar do lado de fora, por favor?

Quando saíram, Pembun deu alguns passos e se sentou na poltrona em frente à mesa. — Este teste é meio bruto — observou. — Como funciona?

Spangler deu todas as explicações. — Sinto por ele ter sido desagradável — continuou — mas acredito que é mais eficiente que o teste antigo.

— Pois é sinto-me satisfeito por ter sido aprovado — comentou Pembun, impassível.

— Sem dúvida — disse Spangler. — E agora... seu relatório, senhor Pembun?

— Devo dizer que encontrei algumas dificuldades. Pedi ao coronel Leclerc, se era possível, mandar alguém para Santos, no sistema Shahpur, para apanhar uma certa quantidade de trepadeiras urbanas rithianas no jardim botânico daquela cidade. Pelo que ele disse, o senhor recusou meu pedido.

— Sim. Sinto muito — respondeu Spangler com aparente simpatia. — Até que a situação não fique esclarecida, não podemos absolutamente fazer exceções e precisamos manter rigorosamente o embargo, especialmente no que se refere a viagens para os Mundos Externos.

Pembun não fez comentários e continuou: — Aconteceu mais uma coisa. Pedi uma cópia de todos os filmes sobre Rithianos guardados no arquivo do Departamento da Guerra, porque esperava encontrar uma sequência com um Rithiano, para poder produzir a ilusão que havia um Rithiano presente no quarto. Mas meu pedido foi recusado. Nem sei se isto chegou ao seu conhecimento.

— Não. Infelizmente só agora é que fiquei sabendo — mentiu Spangler. Mas isto não me surpreende. O Departamento da Guerra é extremamente ciumento pelo que diz respeito aos seus arquivos... receio

que realmente não existam possibilidades do senhor conseguir estas cópias. Será que conseguirá algum resultado apesar destas duas faltas?

Pembun assentiu. — Já imaginava que seria assim, por isto fui adiante e fiz o que era possível, considerando as circunstâncias. Não posso prometer que surtirá efeito, porque alguns detalhes são realmente muito fracos, mas está tudo pronto.

Spangler percebeu a súbita contração de um músculo maxilar.

— Está pronto agora? — exclamou.

— Sim, a hora que quiser, Comissário. — Pembun se levantou e se dirigiu à porta.

Spangler tomou uma decisão súbita. Decidira não tomar este segundo passo contra Pembun antes de conseguir fabricar uma oportunidade plausível, mas também não podia permitir que Pembun prosseguisse com o exame de Cassina. Falou rispidamente: — Um minuto — e logo acrescentou — se o senhor não se importa.

Quando Pembun parou, Spangler colocou a mão sobre o intercomunicador. — Diga àqueles homens para voltarem aqui, por favor.

A porta se abriu e os quatro pseudo-operários entraram. Pembun ficou a observá-los com uma leve expressão de surpresa. — Vocês ainda não trouxeram aqueles RBX? — perguntou.

Ninguém respondeu. Spangler disse: — Vou lhe pedir para me acompanhar até a sala de interrogações, senhor Pembun. — Ao ouvir estas palavras, os quatro homens se postaram perto de Pembun, um de cada lado e dois atrás dele.

— Interrogações! — exclamou Pembun. — Por que, Comissário?

— Não haverá tortura, isto eu posso garantir — falou Spangler, saindo de trás da escrivaninha. — Só interrogatório. Quero lhe fazer algumas perguntas.

— Comissário Spangler — disse Pembun — será que isto significa que sou suspeito de ter cometido um crime?

— Não diga criancices, senhor Pembun — respondeu Spangler. — A Segurança tem autoridade de interrogar qualquer pessoa, em qualquer lugar, a qualquer hora e por qualquer motivo.

CAPÍTULO 6

Pembun tinha se acalmado depois de uma breve resistência. Tinha a respiração apressada e seus olhos estavam abertos mas vazios.

— Você tem amostras suficientes para o teste? — perguntou Spangler, usando um código digital.

— Acho que sim, Comissário — respondeu o jovem técnico, valendo-se do mesmo sistema. — Entretanto, seus padrões básicos foram bastante fora do comum. É possível que encontre alguma dificuldade de interpretação quando chegarmos aos padrões secundários.

— Faça o melhor que puder. — Inclinou-se para frente, aproximando-se da cabeça de Pembun. — Você ainda pode me ouvir, Pembun? — perguntou em voz alta.

— Sim.

— Repita seu nome por inteiro.

— Jawj Pero Pembun.

— Desde quando você é agente dos Rithianos?

Um intervalo. — Nunca fui agente deles.

Spangler olhou para o técnico que assinalou: — índice emocional aproximadamente ponto seis.

Spangler tentou mais uma vez. — Onde e quando aconteceu seu último contato com os Rithianos antes que você embarcasse para a Terra?

— Em abril de dois mil quinhentos e catorze, durante a Exposição de Arte da Primavera, em Espar, Manhaven.

— Relate este encontro com todos os seus pormenores.

— Eu estava parado no meio da multidão, olhando para uma grande tela intitulada "Fermentilho e o Arregaçador". O Rithi se aproximou e ficou parado ao meu lado. Apontou para o quadro e disse: — É muito engraçado. — Estava observando-o com o auxílio de um transformador,

para poder ver as cores em suas tonalidades certas. Eu falei: — Já vi colagens rithianas muito mais divertidas. — Então ele me mostrou como, ao regular os controles do transformador, podia se ver Fermentilho com um rosto cheio de mofo e de verrugas, e como o Arregaçador parecia ter uma enorme cauda. Então eu falei...

Pembun continuou, impassível, a relatar o incidente com todos os seus pormenores. Trocara ainda uma série de observações com o Rithiano, cujo nome desconhecia, e depois ambos se separaram.

O índice emocional durante o relato não passou de zero ponto nove, numa escala de cinco pontos.

— Antes disto, quando foi que você se encontrou com um Rithiano e onde aconteceu isto?

— Numa rua de Espar, no começo do mês de dezembro de dois mil quinhentos e treze.

— Relate o acontecimento.

Spangler continuou com pertinácia, mandando que Pembun contasse um sem-número de encontros casuais sempre mais afastados no tempo. Depois de meia hora, a respiração de Pembun era muito irregular e sua testa banhada de suor. O técnico lhe aplicou uma segunda injeção. Spangler voltou a interrogá-lo.

Finalmente disse: — Descreva o encontro antes deste.

— Não houve nenhum.

Spangler se manteve imóvel durante algum tempo e depois cerrou os punhos.

Observou o rosto de Pembun marcado pelo sofrimento. Naquele instante sentia-se disposto a arriscar o procedimento forçado que desejava aplicar em Cassina, sem pensar nas conseqüências: entretanto não poderia ter nenhum proveito. No caso de Cassina, o material estava lá: precisava só aplicar força suficiente, usando o fulcro certo, para extraí-la. Neste caso, porém, ou não existia material, ou então estava tão bem camuflado que mesmo as técnicas mais adiantadas do Império seriam incapazes de individuá-lo.

Entretanto poderia fazer mais uma tentativa: se não era possível acusá-lo de espionagem, talvez pudesse acusá-lo de traição.

Spangler perguntou: — Pembun, em caso de guerra entre os Rithianos e o Império, qual das partes receberia o seu apoio?

— O Império.

A voz de Spangler se fez rouca: — Mas considerando as culturas qual é a cultura que você prefere, a Rithiana ou a do Império?

— A dos Rithi.

— Por quê?

— Porque eles ainda não ficaram calcificados.

— Explique isto.

— Eles não são super-especializados. Ainda são humanos, usando esta palavra num sentido que avalio mais importante que o sentido conferido pela história natural. Os Rithi possuem uma vitalidade que o Império não tem. O Império parece um cérebro robótico com a metade de suas conexões fechadas à solda. Não consegue se adaptar e por isto está morrendo. Entretanto, ainda é suficientemente grande para ser perigoso.

Spangler lançou ao técnico um olhar de triunfo. Disse: — Quero repetir mais uma vez: em caso de guerra entre os Rithianos e o Império, qual das partes receberia seu apoio?

Pembun falou: — O Império.

Spangler, furioso, insistiu: — De que forma você justifica esta afirmação, considerando que você prefere a cultura Rithiana à cultura do Império?

— Minhas preferências pessoais não têm importância. O desmoroamento prematuro do Império seria prejudicial para todo o gênero humano. Os Mundos Externos ainda não possuem força suficiente. Seria absurdo esperar que eles se apressassem para conseguir uma auto-suficiência, quando podem se apoiar no Império por meio de tratados comerciais. É necessário manter o Império atuante, agora. Dentro de quinhentos anos, mais ou menos, a coisa já não terá importância.

Spangler olhou para o técnico, que indicou: — índice emocional, um ponto sete.

Um ponto sete: normal para uma declaração verdadeira baseada em profundas convicções. Uma mentira dita contrariando a compulsão de dizer

a verdade provocada pela droga, teria assinalado pelo menos três ponto zero.

Mais uma vez o controle da situação estava a lhe deslizar entre os dedos. A declaração de Pembun era perigosa e se constituiria numa marca desfavorável em seu dossiê, mas não podia ser considerada um crime. E nela não havia nada que justificasse aquele interrogatório: Pembun dissera pouca coisa a mais de quanto já explicara por sua própria vontade.

Spangler fez uma derradeira tentativa. — Você alguma vez mentiu, desde o momento em que o encontrei no escaçoporto até agora?

Um intervalo. — Sim.

— Quantas vezes?

— Uma vez.

Spangler se inclinou para a frente, cheio de esperança.

— Conte-me como e quando!

— Eu lhe disse que a canção *Odum Pauké Mont a Mutting* era uma espécie de saga. De uma certa forma, isto corresponde à verdade, mas eu falei para despistá-lo. Existe uma antiga canção com o mesmo título que data da época mais antiga de Manhaven, mas ela tem a letra no idioma antigo. O que cantei foi uma versão moderna. Não é uma canção popular ou uma saga, mas é uma canção política. O velho Pauké é o Império, e a xícara de café é a paz. O velho sobe a montanha e se desgasta e luta em cem batalhas e abandona a lavoura que vira mato, só para conseguir uma xícara de café — em vez de plantar um pé de café no seu próprio quintal.

Spangler foi tomado por um ataque de fúria. Quando passou, viu que estava de pé ao lado da mesa para interrogatórios, com as pernas afastadas e os ombros encolhidos. A palma de sua mão e a parte interna dos dedos ardiam. Também havia uma mancha vermelha escura na face de Pembun.

O técnico o estava a olhar, boquiaberto, mas desviou o olhar quando Spangler se virou.

— Pode lhe dar o antídoto e depois deixe-o ir — falou Spangler e saiu da sala.

A tela tomava toda uma parede, de forma que a imagem ortho-color tridimensional dava a impressão de uma presença física além da parede de vidro anti-refrangente.

Spangler estava sentado um pouco à direita do centro, com Gordon à sua esquerda. O coronel Leclerc e seu ajudante ficavam à sua direita. Pembun estava sentado à extrema esquerda, um pouco distanciado dos outros.

Desde o interrogatório, Spangler tinha evitado falar com Pembun todas as vezes que isto era possível, e a necessidade de ter que ficar com ele na mesma sala parecia-lhe quase fisicamente repugnante.

Em frente a Spangler havia uma tela auxiliar que mostrava o rosto de Keith-Ingram, que porém não tomava parte na reunião: apenas recebia, junto a alguns outros chefes do departamento, a mesma imagem que estava sendo projetada na parede.

O aposento que estava sendo projetado não parecia um aposento: se assemelhava muitíssimo à cidade-jardim rithiana que Spangler vira no documentário de indoutrinação. Havia a mesma luz azulada, as trepadeiras com grandes folhas verdes e as estranhas serpentinas inflorescências, que transmitiam a impressão de um espaço mais além. Havia até um Rithiano se balançando entre os galhos da trepadeira.

Spangler admitiu que a reconstrução era muito boa; quem não se lembrasse de ter visto o modelo original, poderia pensar que a cena era autêntica.

Entretanto, havia algo levemente diferente, algo desafinado: talvez a qualidade da luz, ou a forma dos galhos da trepadeira, ou talvez a atitude daquele simulacro de Rithiano em tamanho natural. Toda a cena dava a impressão de uma reconstrução de museu: conseguia convencer apenas se alguém estivesse voluntariamente disposto a acreditar.

Leclerc conversava em voz alta com seu ajudante: obviamente, era sua maneira de mostrar que sabia controlar o nervosismo. O ajudante assentia e tossia de vez em quando. Gordon se mexeu em sua poltrona, mudando de posição e parou com ar assustado quando Spangler olhou para seu lado.

Os lábios de Keith-Ingram se mexiam silenciosamente: estava conversando com um executivo por um outro circuito. Finalmente todos

ouviram sua voz: — Deste lado, está tudo pronto, Spangler. Pode começar.

— Está bem, senhor. — Vítou-se em direção a Pembun com visível repugnância: - Senhor Pembun?

Pembun falou em voz baixa pelo intercomunicador. Em seguida, a vegetação do lado esquerdo da cena se abriu e apareceu Cassina.

Seu rosto estava pálido e parecia extremamente constrangido. As técnicas de recuperação forçada tinham contribuído para o seu pronto restabelecimento, mas mesmo assim, estava abatido. Examinou com o olhar a vegetação entrelaçada que cobria o chão, deu dois passos para a frente e se virou para fitar o Rithiano imóvel: depois colocou os braços atrás das costas e ficou imóvel. Seu rosto refletia claramente o constrangimento e a desaprovação.

Na sala de observação ninguém se mexeu, aliás todos pareciam prender até a respiração. O próprio Leclerc parecia uma estátua, e observava a tela.

Spangler tentou imaginar como poderia se sentir Cassina, com uma bomba no interior de seu crânio.

Leclerc segurava um relógio para marcar os segundos. As batidas podiam ser ouvidas por todos.

Passaram-se três segundos e nada aconteceu. Em teoria, se a mensagem implantada no cérebro de Cassina dependia de uma chave neste código, a situação deveria fazê-la surgir compulsivamente. . Quatro segundos.

Pembun aproximou a boca do intercomunicador e murmurou algumas palavras. Na cena, o simulacro do Rithiano se mexeu levemente — os tentáculos se enrolaram e voltaram a se estender, alterando levemente sua posição. A cabeça se virou. Uma voz muito aguda que parecia sair da figura, falou: — Entre e fique em paz.

Seis segundos.

O relógio continuava a emitir os leves estalidos que marcavam a passagem dos segundos: o falso Rithiano voltou a falar com insistência.

Nove segundos. Dez segundos. O boneco disse mais algumas palavras.

Doze segundos.

Cassina não mudou de expressão e seus lábios não se mexeram.

Pembun suspirou. — Não adianta continuar — disse. — Receio que a experiência foi um fracasso.

— Não tivemos sorte, Chefe — disse Spangler. — Pembun disse que não pode fazer mais nada.

Keith-Ingram balançou a cabeça. — Certo. Vou chamá-lo mais tarde. Desligo. — A tela voltou a ficar vazia.

Pembun estava falando pelo intercomunicador. A seguir uma voz falou de entre a vegetação: — Isto é tudo, coronel. — Cassina se virou e saiu a passos rígidos. — Desligo — acrescentou a voz e a grande tela se apagou.

Spangler ficou sentado, saboreando sua única vitória, enquanto os outros, falando em voz baixa, se levantavam e saíam pela porta. Trepadeiras, pensou, sarcástico. Falsos monstros! Cheiros!

A tentativa seguinte foi diferente.

Cassina estava deitado, firmemente preso e imobilizado sobre a mesa para interrogatórios. Os olhos arregalados e brilhantes fitavam o forro com uma expressão de terror imenso.

Spangler, ao seu lado, quase não percebia a presença de outras pessoas na mesma sala e a ávida fileira de objetivas. Observava Cassina como alguém que perscruta a superfície do oceano, procurando o menor sinal de movimento, sabendo que uma batalha de grandes proporções está se travando a muitos metros abaixo da superfície.

Há mais de meia hora uma luta tripartite e sem trégua estava se desenrolando nas profundezas submersas da mente de Cassina. O campo de batalha se localizava em volta de um compartimento selado de sua memória. Os lutadores eram a máquina para interrogatórios, o complexo repressivo que guardava a memória e a desesperada vontade de sobrevivência do próprio Cassina.

A dinâmica da luta era simples e mortal. Num primeiro tempo, a atenção de Cassina foi canalizada para aquele setor da memória por meio de um interrogatório normal. A configuração daquela linha de pensamento era gravada na máquina de interrogatório — a linha denteada e irregular

produzia uma dança trêmula e sem fim sobre a tela — e voltava ritmicamente para o cérebro de Cassina, fustigando sua consciência e obrigando-a a voltar insistentemente para a mesma direção todas as vezes que tentava escapar, como a agulha de um compasso. Era uma técnica normal que, sem a aplicação do soro da verdade, era usada na recuperação de material bloqueado em caso de neurose ou de trauma psíquico. Os intervalos entre os surtos de corrente eram calculados de tal forma que as migalhas fugidias de uma lembrança submersa podiam ser forçadas a vir à tona por meio do próprio mecanismo repressivo — e toda volta sucessiva à atenção conseguia capturar uma quantidade sempre maior do material oculto e a memória voltava, em geral, dentro de poucos segundos.

No caso de Cassina, o complexo repressivo era tão poderoso que os fragmentos da memória eram logo reabsorvidos, praticamente na mesma hora em que eram expulsos. A repressão era interligada com o instinto de sobrevivência e isto significava que os nove décimos da mente inconsciente de Cassina estavam totalmente convencidos que a entrega do material retido significava morrer. Por conseguinte, a luta era de dois contra um: o complexo repressivo e a vontade de sobreviver lutavam contra a máquina de interrogatório.

A máquina possuía dois aliados: as drogas que agiam no organismo de Cassina e a incansável e cruel voz mecânica que repetia em seus ouvidos: — Fale!... Fale!... Fale!...

Os poderes daquela máquina, ao contrário dos da mente de Cassina, eram ilimitados.

Os lábios de Cassina se mexeram por um instante, sem emitir qualquer som. Logo sua expressão voltou a se imobilizar. Spangler esperou mais dois segundos e acenou para o técnico.

O técnico mexeu em seu reostato, avançando-o de mais dois graus.

A corrente do feedback empurrava a mente de Cassina numa única direção, repetindo-se setenta vezes por minuto e desintegrando sua fraca resistência. Cassina, enquanto o circuito ficava aberto, não tinha sequer a alternativa de se refugiar na loucura: em sua mente não havia espaço para qualquer pensamento que não fosse aquele, e este pensamento tinha o volume de um grito mental que transpassava seu crânio a cada ciclo da corrente.

O complexo de repressão e a vontade de sobreviver eram constantes; a compulsão artificial a lembrar era variável.

Spangler voltou a acenar. O ritmo aumentou.

O rosto de Cassina, branco como cera, estava banhado em suor e suas feições se contorceram até ficarem irreconhecíveis. De repente, fechou os olhos e seus músculos se relaxaram. O técnico olhou para um medidor de sua console e abruptamente virou uma alavanca. Duas luzinhas começaram a brilhar, alternando-se: o coração de Cassina, parado, estava sendo controlado artificialmente.

Um enfermeiro lhe aplicou uma injeção. Spangler esperou por mais alguns minutos e depois voltou a acenar para o técnico. A corrente aumentou.

Sem nenhum preaviso, Cassina fechou os olhos, apertando-os firmemente, seus lábios se estiraram e começou a falar: foi uma corrente contínua de sílabas sem sentido.

Logo a seguir, seu rosto voltou a ficar imóvel como uma fria máscara.

As luzinhas de controle continuavam a piscar. O técnico fez uma tentativa e desligou a corrente de estimulação cardíaca: o indicador continuou a emitir sinais firmes. O coração de Cassina estava batendo sem qualquer auxílio, mas seu rosto ainda parecia o de um cadáver.

Spangler relaxou seus próprios músculos e o alívio foi quase doloroso. Seus dedos tremiam. Balançou a cabeça. O técnico desligou o controle principal e o enfermeiro começou a retirar as correias que imobilizavam o corpo e a cabeça de Cassina.

Spangler lançou um olhar à pequena tela que mostrava o rosto atento de Keith-Ingram, apanhou o rolo da gravação das mãos do técnico, ajustou-o numa máquina em sua frente e começou a ouvi-la, primeiro em velocidade normal e, a seguir, mais devagar para poder distinguir as palavras e as sílabas.

Cassina gritara: — Você esquecerá o que vou lhe dizer e só se lembrará da mensagem e poderá repeti-la ao ver um Rithiano e perceber este cheiro. Se alguém tentar fazer você lembrar, terá que morrer. *Vuyown fowkip tiima Kreth Grana yogd pirup loja de animais vuyown geckyg odowo coyowod, cpgnvib btui livraria ikpyu. Nobcyeu kivpi cyourmyoc.*

Aoprosu...

E assim continuava, uma porção de sílabas esquisitas e no meio mais uma menção a loja de animais. Os outros estavam todos em sua volta cuidando para não obstruir a visão de Keith-Ingram, enquanto Spangler, propositalmente ignorando a presença de Pembun, entregava o rolo a Heissler, o especialista em idioma Rithiano que se parecia com um coelho e que chegara nas primeiras horas da manhã, vindo de Denver.

Heissler ouviu mais uma vez a gravação, rabiscou alguns hieróglifos, franziu a testa e pigarreou. — Mais ou menos, o sentido é o seguinte — falou. — Quero frisar que não posso entregar uma tradução exata até ter tido tempo de estudar o texto exaustivamente. — Lançou um olhar aos outros e voltou a consultar as suas anotações.

— No mapa que enviamos por meio de Kreth Grana você encontrará uma loja de animais numa direção norte-sul, com um restaurante de um lado e uma livraria de outro. A primeira bomba se encontra neste lugar. As outras poderão ser encontradas da seguinte maneira: a partir da primeira locação e passando pela projeção mais externa do litoral adjacente... — Heissler hesitou. — Aqui dá uma distância em terminologia rithiana que corresponde aproximadamente a seis mil e setecentos quilômetros. Esperem um minuto até eu fazer o cálculo certo... são seis mil setecentos e sessenta quilômetros, trezentos e vinte e nove metros e alguns centímetros — até o segundo local, que também é uma loja de animais. A partir deste local, com um ângulo interno de... deixe-me ver, devem ser oitenta e sete graus e mais ou menos oito minutos — sim, oito minutos, seis segundos... e aqui temos outra distância, que corresponde a... hum, nove mil trezentos e setenta e dois quilômetros, um metro... até o terceiro local. A partir daqui, e num ângulo externo de noventa e três graus, vinte minutos e dois segundos...

Spangler apanhou o intercomunicador, chamou a senhorita Timoney e ordenou: — Encontre mapas urbanos de todas as maiores cidades americanas e consiga suficientes colaboradores para examiná-los. Terão que encontrar uma loja de animais — sim, é isto mesmo, uma loja de animais! — localizada numa avenida que corre em direção norte-sul, que tenha um restaurante de um lado e uma livraria de outro. Este projeto deve ser considerado temporário, mas com prioridade AAA. Neste ínterim, esboce também um projeto alternado que considere todas as áreas habitadas deste hemisfério, consiga pessoal suficiente para terminar a

tarefa dentro de quarenta e oito horas e... quero encontrar este esboço em cima de minha mesa quando voltar ao escritório.

— ... sete mil, novecentos e oitenta e um quilômetros, noventa e oito metros até o próximo local. Fim da mensagem. — Heissler entrelaçou os dedos e se calou.

Spangler olhou para Keith-Ingram e a imagem cinzenta balançou a cabeça. — Bom trabalho, Thorne! Procure acelerar a elaboração de seu plano e vou mandar que outros planos similares sejam elaborados também em outros departamentos. Congratulações a todos. Desligo. — O rosto desapareceu.

... E assim, tudo chegava ao fim, pensou Spangler. Sem dúvida deviam existir milhões de lojas de animais com um restaurante de um lado e uma livraria de outro, situadas em avenidas que corriam de norte a sul; mas era impossível que houvesse muitas numa linha cuja distância era conhecida e que passava por pontos salientes do litoral. Era apenas um problema gigantesco e o Império possuía o equipamento necessário para resolvê-lo. Dentro de dois dias poderiam encontrar as bombas e desativá-las.

Por uma curiosa coincidência, naquele momento Spangler não estava pensando na promoção inevitável e também não se alegrava por ter afastado o mais terrível perigo que ameaçava o Império. Estava pensando em Pembun.

Achava que, de muitas formas, esta era a vitória do raciocínio sobre as emoções, da ciência sobre a bruxaria. Este era o triunfo histórico do sentido único.

Olhou para Pembun que ainda estava sentado, sozinho, do outro lado da sala. O rosto do homenzinho estava pálido apesar do colorido amorenado. Mantinha-se encolhido, encurvado, olhando para o vazio.

Spangler o observou e percebeu que em seu interior, em vez de uma sensação de triunfo, havia apenas um vácuo. Quando vencia, sempre acontecia a mesma coisa. Por toda a duração da luta, Spangler sentia-se cheio de ódio. Quando tudo terminava, quando as emoções perdiam sua utilidade, elas desapareciam e o deixavam em paz. As vezes ficava difícil lembrar por que tinha pensado que o inimigo derrotado era tão importante, como tinha podido se sentir repleto de fúria ao pensar na existência deste

homenzinho diminuto, encolhido, indefeso. Acontecia também que Spangler, como naquele instante, sentisse uma ponta de compaixão.

Mas é assim que somos, pensou. Para nós, o próximo objetivo é a coisa mais importante do mundo, a única coisa importante... e quando alcançamos, ficamos admirados por tê-lo considerado importante e às vezes até chegamos a não saber mais o que fazer. Entretanto sempre existe um motivo para continuar a lutar. Pode ser infantil, mas é a razão por sermos tão grandes.

Pembun se levantou e se aproximou vagarosamente do coronel Leclerc que conversava animadamente com Gordon. Spangler viu quando Leclerc se virou para ouvir o que Pembun estava dizendo. Suas sobrancelhas se ergueram incrédulas, e balançou a cabeça enquanto colocava um dedo perto dos lábios. Então Pembun voltou a falar. Leclerc mostrou um vasto sorriso: curvou-se e murmurou algo no ouvido de Pembun e depois desatou a rir.

Pembun saiu da sala e olhou para Spangler enquanto passava ao seu lado. Ainda estava pálido mas seus lábios mostravam traços de um sorriso.

Vai ver que ele disse algo engraçado, pensou Spangler. Precisa reconhecer que tem coragem.

De repente sentiu-se inquieto, como após a cena com Joanna. Virou-se para sair, mas hesitou, movido por um surto de constrangimento. Dirigiu-se para Leclerc.

— Não me leve a mal se me mostro curioso, coronel — disse. — O que foi que Pembun contou ao senhor?

Os olhos de Leclerc brilharam. — Foi muito engraçado. Ele perguntou se eu falava francês, e respondi que sim — você sabe que quando criança, costumava falar este idioma. Perguntou-me se em francês a expressão "pet shop" (loja de animais) não teria um significado totalmente diferente que em inglês padronizado. — Soltou uma gargalhadinha.

— E o senhor respondeu?...

Leclerc gesticulou de maneira extravagante como costumava fazer. — Eu confirmei, é claro. Quer dizer, se o senhor pensar que a primeira palavra é em francês e a segunda em inglês padronizado, um pet shop seria — abaixou a voz e murmurou em tom dramático — uma loja que vende barulhos vulgares.

Soltou uma vasta gargalhada e sacudiu a cabeça. — Mas como foi que ele pensou nisto!

Spangler estirou os lábios. — Muito obrigado, coronel — falou e saiu. Aquela sensação de constrangimento devia ser apenas um resto e tensão, pensou. Não era mais necessário se preocupar com qualquer coisa que Pembun dissesse, pensasse ou fizesse.

Pembun estava a esperá-lo na ante-sala de seu escritório.

Spangler o encarou com surpresa e atravessou a sala para se sentar ao seu lado. — Sim, senhor Pembun? — perguntou com a maior simplicidade.

— Preciso lhe dizer uma coisa — falou Pembun. — Receio que não vai gostar. Talvez fosse melhor que falássemos em seu escritório

— Está bem — concordou Spangler e abriu caminho.

Quando deu por si, estava caminhando por um corredor no nível recreativo. As portas de um lado o convidavam a assistir os estéreos em Tri-D — a expedição polar do Nereus VI, uma noite com Ayesha O'Shaughnessy, um pesadelo, uma pantomima, um bale, uma batalha espacial. Do outro lado do corredor se encontravam os invólucros pálidos e cristalinos de cápsulas de sonho vazias.

Não sabia desde quando estava caminhando. Lembrava de ter se sentado numa motoneta, mas não se lembrava do rumo tomado ou por quanto tempo se deixara transportar a esmo e nem quando largara a cadeira. Seus pés doíam: devia estar caminhando há muito tempo.

Olhou para cima. O forro do corredor era estéreo-celular e a vista naquele momento era de um céu noturno: pelo jeito, era uma noite muito clara e muito fria. Sobre o pano de fundo preto de azeviche, cada estrela aparecia brilhante e dura como um grão de gelo.

Voltou a rever o rosto cinza-amorenado de Pembun. Desde que saíra de seu escritório não tivera a capacidade de se livrar da lembrança daquele rosto. Continuava a vê-lo em todos os lugares: sobre as paredes acetinadas do corredor, quando fechava os olhos... mas tudo sobre aquele fundo de céu estrelado parecia se encontrar no lugar certo. As estrelas têm o mesmo rosto que Pembun, pensou.

Seu corpo foi sacudido por um estremecimento. Entrou numa sala de sonhos e sentou-se no banco que servia para se despir. A porta se fechou

automaticamente.

Olhou para o interior da cápsula vazia, todo o estofado era do tamanho certo para que um homem pudesse se acomodar comodamente. Passou a mão sobre o forro fofo azul-noite. A tampa recurva e cristalina parecia modelada em gelo fino. As aberturas para a passagem dos gases possuíam molduras de metal rosado, anti-séptico e brilhante.

Não, pensou. Ainda não. Preciso pensar.

Um trocadilho, um jogo de palavras... um trocadilho imbecil...

Pembun começara a explicar: — Comissário, eu me enganei, cometi um erro. O senhor se lembra que perguntei por que o coronel Cassina tentara com todos os meios agarrar o Rithi, quando viu que sabíamos?

Spangler, inquieto, respondeu: — Sim, eu me lembro.

— Eu imaginei que Cassina tivesse recebido a ordem de agir de tal forma, para que pudesse ser morto — por causa da mensagem implantada em seu cérebro e que o Rithi não queria que achássemos.

— O senhor estava certo.

— Não, eu me enganei. Eu devia ter percebido. Sabemos que o controle pós-hipnótico dos Rithi era bastante forte para induzir Cassina a tentar o suicídio. Ele quase conseguiu, apesar de estar sob constante vigilância e apesar de estarmos prevenidos. Por conseguinte, não teria sentido nenhum que o Rithi ordenasse a Cassina para se aproximar para ser morto. Se Cassina tivesse tentado se suicidar no instante que entramos em seu escritório, teria conseguido, sem dúvida nenhuma. Não teríamos conseguido evitá-lo.

A mente de Spangler se agarrou naquele silogismo que parecia não ter resposta, examinando-o de todos os lados e sem qualquer resultado. — O que é que o senhor está querendo dizer?

— Comissário, o senhor não está vendo? O Rithi queria que as coisas se passassem exatamente da maneira que se passaram. Queria que o matássemos — porque a informação realmente perigosa se encontrava em seu cérebro, e não no cérebro de Cassina.

A voz de Spangler saiu rouca: — Você quer dizer que a mensagem que extraímos de Cassina é uma fraude?

— Não. Poderia ser, mas acho que não. Acredito que o Rithi deixou a mensagem genuína encravada na mente de Cassina, mas ele o fez para se divertir — por brincadeira, porque sabia que quando a encontrássemos seria totalmente inútil.

Spangler quase não reconheceu sua própria voz: — Não compreendo o que você disse. O que é que você está tentando fazer... O que significa que seria totalmente inútil?

Na voz de Pembun não havia o menor rastro de triunfo, só tristeza e cansaço: — Eu falei que o senhor não ia gostar, Comissário. O senhor se lembra que naquela mensagem havia duas expressões em inglês padronizado?

— Sim. Loja de animais e livraria. Que significa?

— As duas expressões existem também no idioma rithiano — *brutuka e lessi ka*. Significam exatamente a mesma coisa e não haveria qualquer perigo de confusão.

Spangler ficou a observá-lo em silêncio durante muito tempo. Tinha a impressão de que a terra tinha se aberto debaixo de seus pés deixando apenas uma estreita coluna sobre a qual estava se equilibrando e que precisava tomar muito cuidado e não fazer qualquer movimento brusco para não precipitar-se num abismo.

— O senhor sabia — perguntou — que eu ia perguntar ao coronel Leclerc o assunto de sua conversa?

Pembun assentiu: — Pensei que ia fazê-lo e imaginei que talvez isto poderia prepará-lo um pouco. Não é fácil aceitar esta situação.

— O que é que o senhor está esperando? — rosnou Spangler. — Diga tudo.

— Pet é uma sílaba que podemos encontrar em muitos idiomas. No francês terrestre significa um ruído vulgar. Mas em Twalaz, que deriva do francês, significa "tesouro". Por conseguinte, não seria mais uma loja de animais, mas uma joalheria.

— Depois temos o idioma Kah-rin, usado para comerciar no sistema Goren e outros. Em Kah-rin, pet significa peruca. Agora, pelo que diz respeito à livraria, ou book store, book em Yessues significa máquina, no idioma Elda significa tapete e em Baluat, brinquedo — e para finalizar, no

idioma Perroxi, bukstor significa "banheiro público". Estes são apenas os poucos significados que conheço pessoalmente, mas provavelmente devem existir mais centenas, que nunca ninguém ouviu mencionar.

“Os Rithi devem ter combinado entre si qual seria o idioma que usariam. É o tipo da coisa que eles achariam engraçada... Sinto muito. Eu avisei, Comissário, disse que eles adoravam trocadilhos... e o senhor sabe que a Terra é o único planeta em que o idioma não sofreu mudanças nestes últimos quatrocentos anos...

Spangler agora já entendia por que o rosto de Pembun era cinza: não porque Spangler o derrotara — mas porque o Império recebera um golpe mortal.

Noite após noite, profundeza após profundeza sem fim; distâncias sem perspectiva, relações sem ordem: isto era o Universo sem o Império.

Pensavam que aquela vela queimaria eternamente, mas agora estava apagada, fumegando na escuridão.

Spangler voltou a estremecer com violência. De olhos fechados entrou rastejando na cápsula e ela logo fechou.

Quando, após uma eternidade, voltou a abrir os olhos, percebeu dois rostos indistintos que o fitavam. A luz feria suas vistas. Piscou até que conseguiu vê-los mais claramente: eram o rosto de Pembun e o rosto de Joanna.

— Desde quando ele está aqui? — perguntou a voz de Pembun.

— Não sei, acho que a máquina não está funcionando direito. O dial não está registrando nada. — Era a voz de Joanna. mas com um tom que ele não conhecia. — Se o controle não estava funcionando...

— Seria melhor chamar um médico.

— Sim. — O rosto de Joanna se virou e sumiu.

— Espere — falou Spangler com um esforço. Tentou se sentar.

O rosto de Joanna voltou a aparecer e ambos ficaram a observá-lo como se fosse um espécime ressuscitado de repente. Spangler teve vontade

de rir.

— A Segurança — disse. — A Segurança desapareceu de minha volta. Esta é a coisa que mais me diverte.

Joanna sorriu e depois virou o rosto. Spangler levou algum tempo para entender que ela estava chorando. Sacudiu a cabeça com força para se livrar da névoa e começou a sair da cápsula. Pembun colocou u'a mão em seu braço.

— Thorne, você pode me ouvir? — perguntou, angustiado. — Você entende o que estou dizendo?

— Estou bem — respondeu Spangler colocando-se de pé. — Joanna, o que é que você tem?

Ela o fitou. — Você não...

— Não. Estou bem. Estava cansado e me deitei ali para descansar. Fiquei mais de uma hora a pensar e depois acho que adormeci.

Ela deu um passo e o abraçou com força, agarrando-o com as mãos, pressionando sua garganta com a testa. Tremia.

— Você ficou desaparecido durante seis horas — explicou Pembun. — Encontrei o nome da senhorita Panter em sua lista de emergência, e desde então ficamos a procurá-lo. Estou vendo que não deveria ter chegado a conclusões apressadas. — Virou-se para ir embora.

— Espere — pediu Spangler. Sentia-se muito fraco, mas a cabeça estava clareando e percebia que mais uma vez confiava em si próprio. — Por favor, quero lhe dizer uma coisa.

Joanna se afastou de repente e começou a procurar um lenço. Spangler tirou um de seu bolso e o ofereceu.

— Obrigada — falou Joanna em voz baixa e sentou sobre o banco.

— Isto vale também para você, Joanna — falou Spangler. — Pelo menos, em parte. — Olhou para Pembun.

— Você estava errado.

Pembun tomou um ar resignado. — Como? Quando?

— Durante o interrogatório, você disse que seu único motivo de apoiar o Império contra seus adversários era porque o Império era

necessário aos Mundos Externos — que se o Império desmoronasse cedo demais, os Mundos Externos não estariam ainda suficientemente fortes para serem independentes.

— Confio na sua palavra, Comissário.

— Você disse isto. Quer negar agora?

— Não.

— Pois você estava errado. Você justificou sua posição dizendo que os Mundos Externos seriam obrigados a se superespecializar, como o Império, para conseguir a capacidade de se afastar dele — e que neste caso, a cura seria pior que a doença. Você deve ter dedicado sua vida inteira a um trabalho que julgava repugnante. — Respirou fundo. — Não consigo entender o motivo, a não ser que você estivesse raciocinando com base em duas suposições que qualquer garoto de primário do século vinte e um poderia ter comprovado serem falsas — a ser, que motivos parecidos invariavelmente produzem resultados parecidos, e que o fim justifica os meios.

Pembun, que ostentava uma expressão enfastiada, pareceu ficar chocado e depois incrédulo. Começou a observar Spangler como se nunca o tivesse visto antes. — Continue — murmurou.

— Em vez de ficar em Manhaven, que é sua terra, você está vadiando pelo Império, tentando manter unida uma estrutura que, afinal, só precisava de um bom empurrão para cair aos pedaços... Você estava errado e eu também estava errado. Ambos ficamos a desperdiçar nossas vidas.

“Veja só o que aconteceu agora. A Terra acabou, não é mais uma grande potência. O Império já está morto, mas talvez levará mais um século para desaparecer completamente. Os Mundos Externos precisam cuidar de seus próprios interesses. Se medidas parecidas produzem fins parecidos, as coisas se passarão desta maneira, quer você goste ou não goste — mas a história jamais se repete, Pembun.

— Jawj — falou o homenzinho.

— ...Jawj. A propósito, sei que você não gosta de desculpas...

— Você não precisa se desculpar — falou Pembun. Ambos sorriram com o constrangimento de dois homens que acabam de descobrir que se gostam mutuamente. Finalmente Spangler estendeu a mão e Pembun a

apertou.

— Thorne, o que você pretende fazer? — perguntou Joanna.

Spangler se virou para o seu lado. — Vou pedir minha demissão amanhã mesmo, vou pedir um visto tão logo seja possível e vou emigrar. Quer dizer, se eu encontrar um lugar onde me deixem entrar.

— Temos sempre lugar para você em Manhaven — falou Pembun. — E se não tiver, vou criá-lo.

Joanna ficou a olhar de um para o outro e ficou em silêncio

— Jawj — disse Spangler — você não se importa de esperar um minuto por nós, lá fora?

O homenzinho sorriu, esboçou uma mesura e saiu. Gritou antes de desaparecer: — Quando me quiserem poderão me encontrar com a senhorita O'Shaughnessy.

Spangler sentou-se ao lado de Joanna, que o observava com uma expressão em que se liam o sofrimento, a confusão e a submissão.

— A senhorita O'Shaughnessy? — perguntou.

— É um dos Tri-D do outro lado do corredor. Será que ele sabe em que está se metendo? — Esperou um pouco e continuou: — Joanna, preciso lhe dizer uma coisa.

— Thorne, se você quer pedir desculpas...

— Não. Não sei se Pembun mencionou o que aconteceu nestes últimos dias, mas se ele o fez, acho que você já compreendeu os motivos de... de meu esquisito comportamento.

— Sim.

— Mas não era isto. Queria lhe explicar que há três meses decidi que ia me casar com você... não porque você é Joanna... mas porque você é uma Planter.

— Eu sabia.

Spangler arregalou os olhos. — O quê?

— Então por que você pensa que recusei: — ela perguntou.

Tinha o rosto corado e os olhos ainda brilhantes pelas lágrimas. Nada

restava de sua calma máscara de fria superioridade. Spangler descobriu que não havia mais nenhuma semelhança entre Joanna e a estátua da Aristocracia.

— Você quer vir comigo?

Joanna baixou as pálpebras. — Você iria mesmo que eu não fosse?

— ... Sim — disse Spangler. — Preciso fazer muitas coisas preciso recuperar trinta anos. Não posso fazê-lo aqui.

— Neste caso — falou Joanna, — por que você não tenta me convencer?
